



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

MESTRADO EM PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL

**A CRIATIVIDADE NO CUIDAR EM ENFERMAGEM
REPRESENTAÇÃO DOS ENFERMEIROS**

Dissertação de Mestrado apresentada por:

MARIA DA CONCEIÇÃO SILVA FARINHA

Orientadora:

PROF^a DOUTORA ADELINDA MARIA ARAÚJO CANDEIAS

Évora

Junho 2007

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

MESTRADO EM PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL

**A CRIATIVIDADE NO CUIDAR EM ENFERMAGEM
REPRESENTAÇÃO DOS ENFERMEIROS**

Dissertação de Mestrado apresentada por:

MARIA DA CONCEIÇÃO SILVA FARINHA



Orientadora:

PROFª DOUTORA ADELINDA MARIA ARAÚJO CANDEIAS

163 323

Évora

Junho 2007

À minha mãe e aos meus filhos.

AGRADECIMENTOS

Findo este trabalho e aberto um novo caminho, quero que as primeiras palavras sejam de agradecimento a todos aqueles, que de alguma forma, contribuíram para que me fosse possível ultrapassar as dificuldades com que me deparei ao longo da sua realização.

À Professora Doutora Adelinda Maria Araújo Candeias, pela orientação, incentivo e encorajamento, que aliados ao seu profundo saber, muito contribuíram para que este percurso fosse tão rico e estimulante.

Aos senhores enfermeiros, participantes do estudo, pela partilha das suas vivências.

À Maria Fernanda pela disponibilidade, interesse e atenção que dedicou à leitura e correcção do texto.

A todos os colegas e amigos que tiveram para mim uma atitude de incentivo, amizade e ajuda, de entre os quais gostaria de salientar: a Adelaide, a Ana, a Cristina, a Emília, a Filomena, a Helena e a Margarida.

Ao João, Francisco e Manuel, meus filhos, ao António, meu marido, e ao Afonso, pelo carinho, pela compreensão e pela paciência nos momentos mais difíceis.

Aos meus pais, aos meus irmãos e cunhados pelo apoio, carinho e confiança que sempre depositaram em mim.

Finalmente um agradecimento muito especial à minha irmã Eduarda, pela total disponibilidade e compreensão que mostrou ao longo da realização deste trabalho. Obrigado por me teres possibilitado fazer este mestrado.

RESUMO

A criatividade é, cada vez mais, considerada como um potencial que permite ao homem responder aos constantes desafios da sociedade. As contribuições teóricas que surgiram nos últimos 20 anos remetem-nos para uma visão sistémica da criatividade e reconhecem-lhe um lugar em todas as profissões. Na Enfermagem a sua presença e necessidade, no que é a sua essência - o cuidar -, tem sido reclamada desde que esta surgiu como profissão, porém o seu reconhecimento pode considerar-se pouco efectivo se tivermos em conta o escasso número de estudos empíricos realizados sobre este tema.

Urge assim a necessidade de reflectir esta realidade, o que carece do conhecimento sobre como os enfermeiros a concebem, qual a sua significação, o seu valor no contexto dos cuidados, em suma qual a representação que eles têm dela.

No presente estudo procuramos conhecer a representação dos enfermeiros sobre o lugar da criatividade no cuidar em enfermagem.

O estudo, estruturado segundo uma parte teórica e outra empírica, apresenta um desenho exploratório e descritivo com uma abordagem qualitativa. Como técnica de colheita de dados foi utilizada a entrevista semi-estruturada, cujo conteúdo foi analisado pelo método indutivo.

Os participantes do estudo foram 12 enfermeiros cuja selecção foi intencional e feita pelo método de amostragem em bola de neve.

Os dados obtidos permitem-nos constatar que: os enfermeiros têm uma concepção da criatividade como algo multidimensional, que contempla a pessoa, o processo, o produto e o contexto; consideram como enfermeiro criativo aquele que: é consciente do seu papel criador, é flexível, é motivado, arrisca, é aberto a sentimentos e emoções, utiliza estratégias originais no cuidar, tem aptidões para estimular a vida, supera obstáculos, é dedicado, tem sentido de humor, sabe mobilizar conhecimentos e recursos, é auto confiante, é curioso, é enfermeiro; a criatividade no cuidar acontece em diversas situações e prende-se com a necessidade de atender à individualidade da pessoa cuidada e à singularidade de que se reveste cada situação de cuidado. Pelo que ela tanto pode ter lugar na forma de ver a pessoa e a situação (contexto) como na forma de cuidar utilizada para lhe dar resposta (processo) como no resultado obtido do cuidado (produto).

O constatado acerca da representação dos enfermeiros sobre o lugar da criatividade no cuidar, enquanto expressão da compreensão que têm dela e significado que lhe atribuem e que reflecte e se reflecte nas suas vivências, fomenta à valorização e ao aproveitamento do

potencial criativo de cada pessoa/profissional, na formação e na prática, quer como bem pessoal, quer como bem social.

SUMMARY

Creativity is considered to be an asset that allows human beings to face society's constant challenges. Theoretical contributions that evolved over the past 20 years lead us to a systemic vision of creativity, and its importance is recognized in every profession. In nurse caring its presence and need, in what its real essence is – caring – creativity has been of great importance ever since nurse caring started to be a profession. Nevertheless, its recognition may be considered of low efficiency if one accounts for the scarce number of empirical studies performed on the subject.

Such a reality must thus be reflected, and this requires that the way in which nurses perceive it be measured, what does it mean for them, what is its value in the context of nurse caring, in short what is the perception each individual has about it?

In the current study we tried to determine the role creativity performs on nurses when nursing care is concerned.

This study is divided into a theoretical part and an empirical one and presents a descriptive and exploratory design with a qualitative approach. The data-gathering technique was the semi-structured interview process adopted, and its contents were analyzed by an induction method.

Twelve nurses participated in this study, and their selection was deliberate and carried out using the snowball-sampling method.

Results let us conclude that: nurses have a multidimensional representation of creativity which comprises the patient, the process, the product and the background; a creative nurse is the one that is aware of his/her creative role, is flexible, motivated, takes risks and is open to feelings and emotions, uses original nursing strategies, has an aptitude to stimulate life, surpasses obstacles, is devoted and has a sense of humour, knows how to apply knowledge and resources, is self-confident and interested, in short, nurse; creativity in nursing occurs in different situations and is closely related to the need in attending to the uniqueness of the patient and to the singularity of each nursing situation. As a result, creativity can be in the form of examining the patient and analyzing the circumstances (background), or in the form of care used in response thereto (process), or even in the form of the result achieved from such care (product).

The conclusions regarding the way in which nurses perceive the role creativity performs when nursing care is concerned, not only their understanding but also the meaning they attach

to it and that reflects and is reflected in their own lives, strengthens one's valuation and creative potential, in theory and in practice, both as personal and social assets.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	10
PARTE I – ESTUDO TEÓRICO	
CAPÍTULO I – A CRIATIVIDADE	19
1.1. UMA ABORDAGEM HISTÓRICA	19
1.2. CONCEITOS DE CRIATIVIDADE	35
1.2.1. A componente da pessoa	37
1.2.2. A componente do processo	38
1.2.3. A componente do produto	40
1.2.4. A componente do contexto social	42
CAPITULO II - O CUIDAR	45
2.1. O CUIDAR	45
2.2. O CUIDAR EM ENFERMAGEM	46
PARTE II – ESTUDO EMPÍRICO	
CAPITULO III - METODOLOGIA	54
3.1. OBJECTIVOS DO ESTUDO E QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO	54
3.2. TIPO DE ESTUDO	55
3.3. OS PARTICIPANTES DO ESTUDO	55
3.4. RECOLHA DE DADOS	57
3.5. PROCEDIMENTO DE ANÁLISE DOS DADOS	60
3.6. LIMITAÇÕES DO ESTUDO	63
CAPITULO IV - APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	64
4.1. PARTICIPANTES	64
4.2. DIMENSÃO I “CONCEPÇÃO DE CRIATIVIDADE”	65

4.3. DIMENSÃO II “ENFERMEIRO CRIATIVO”	75
4.4. DIMENSÃO III “CRIATIVIDADE NO CUIDAR”	90
4.4.1. Contexto	90
4.4.2. Processo	100
4.4.3. Produto	109
CONCLUSÃO	116
BIBLIOGRAFIA	122
ANEXOS	136
Anexo I – Guião de entrevista	137
Anexo II – Entrevistas transcritas	139

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 – Modelo da estrutura do intelecto de Guilford	29
Tabela 2 – Relação entre as questões da entrevista e as dimensões do estudo	58
Tabela 3 – Grelha de análise de conteúdo por categorias	62
Tabela 4 – Caracterização dos participantes	64
Tabela 5 – Dimensão I “Concepção de criatividade”	66
Tabela 6 – Dimensão II “Enfermeiro criativo”	76
Tabela 7 – Dimensão III “Criatividade no cuidar”. Contexto	91
Tabela 8 – Dimensão III “Criatividade no cuidar”. Processo	101
Tabela 9 – Dimensão III “Criatividade no cuidar”. Produto	110

INTRODUÇÃO

A criatividade é, desde há muito, fonte de interesse, quer em termos de reflexão, quer em termos de criação, por parte de várias disciplinas. E cada vez mais ela é sentida como forma de responder aos novos desejos e exigências sociais.

Foi nos Estados Unidos que se impulsionou o estudo da criatividade com um marco pessoal denominado Guilford. Guilford era professor de psicologia e presidente da American Psychological Association, (APA); por sua influência assiste-se a partir dos anos 50 a uma grande produção científica com sistematizações teóricas sobre criatividade.

A criatividade deixa, então, de ser encarada sob o aspecto restritivo de algo atribuído apenas a um pequeno número de pessoas, como artistas e génios do mundo das ciências, das artes e das humanidades e passa ser vista como fazendo parte dos sujeitos comuns e do seu quotidiano. Foi Vygotsky que primeiro distinguiu a alta criatividade (Big C) e a criatividade quotidiana (little C) o que mais tarde é corroborado por Stein (1987), De la Torre (1989, 2003) e Csikszentmihalyi (1990, 1997, 2000). Csikszentmihalyi (1990) diz que a alta criatividade implica a pessoa enquanto produtora da ideia ou produto novo, o campo que dita as regras e procedimentos simbólicos e o âmbito que decide se a ideia ou produto são novos e têm valor; a criatividade quotidiana por sua vez implica aprender, manter-se aberto ao que o mundo nos revela, ultrapassar barreiras, mostrar curiosidade pelos pequenos acontecimentos do dia-a-dia, receber informação, identificar, gerar ideias, julgar, rejeitar e experimentar.

Pela sua complexidade, a criatividade não é um conceito fácil de definir. Este aspecto tem sido visível nas diferentes perspectivas e definições pouco consensuais e por vezes mesmo contraditórias, apesar de uma certa complementaridade entre elas, há

autores que consideram não existir ainda uma definição com abrangência suficiente para representar a criatividade (Morais, 2001; Sternberg, 1985; Yashin-Show, 1994).

Este facto, porém, não será algo novo já que “esta dificuldade em agarrar o conceito de criatividade por um discurso definido ou classificado inequívoco parece ter antecedentes longínquos. O termo criação terá precedido o de criatividade, acabando o segundo por não significar exactamente o que era entendido pelo primeiro e acrescentando-lhe uma conotação de subjectividade” (Morais, 2001, p.36).

Muito embora não exista uma definição consensual, é aceite que a criatividade contém quatro componentes (os quatro P's), Pessoa, Processo, Produto e Press (contexto), que numa dinâmica interaccional a sustenta (Rhodes, 1961, *apud* Rhodes 1995). A actividade criativa ocorre num “processo de interacção entre as condições intrínsecas (características, interesses, motivações, ...) e extrínsecas (condições ambientais e situacionais, influencias sócio familiares e escolares, ...)” (De la Torre, 2003, p.87) e envolve novidade e valor (Amabile, 1996).

Das dimensões relacionadas com a pessoa várias têm sido objecto de estudo, como: a idade, a genética, a neurobiológica, o género, as características da personalidade. Em algumas verifica-se já um maior conhecimento, noutras, porém, reclama-se um maior investimento.

Também os aspectos relacionados com o processo têm sido controversos, uns alicerçados no pensamento divergente, outros no associacionismo, outros ainda numa vertente convergente. Há quem assuma que o tipo de pensamento que se utiliza na produção criativa não difere do do pensamento normal (Bailin, 1995; Ebert, 1994; Weisberg, 1993), porém, há autores que defendem que realmente ele tem características específicas e que pode ser ensinado (Rhodes, 1995). Muitos autores consideram-no como um aspecto essencial da resolução de problemas com consequente sequência de etapas.

Quanto ao produto, tem sido com base nele, nas obras - produto criativo -, que durante anos se têm identificado as pessoas altamente criativas. E se é óbvio e indiscutível o reconhecimento dessas obras na arte e nas ciências exactas como

produtos criativos, o mesmo já não acontece em outras áreas como as humanidades (desenvolvimento pessoal, educacional) onde os produtos não são tocáveis. Isaksen (1995) considera que os produtos podem ser de naturezas diferentes: os tangíveis e os intangíveis. Os primeiros são palpáveis e os segundos sentem-se, revelam-se mas não se palparam. Independentemente da sua natureza há algo, porém, que esse produto ou resposta deve ter e que é novidade e valor ou utilidade (Amabile, 1983); novidade que pode ser individual se o produto do processo constituir novidade para o criador (Johnson-Laird, 1991) ou social, se aceite universalmente ou, pelo menos, por um grupo de pessoa consideradas peritas dentro de uma determinada área (Barron & Harrington, 1981); valor no sentido de ser útil e responder à finalidade com que foi realizado. O produto criativo deve ser único para o criador e ir de encontro à finalidade e valor por ele estabelecidos (Isaksen, 1995).

E porque a criatividade não ocorre no “vazio” é imprescindível, quando se fala de criatividade, atender ao contexto ambiental, nomeadamente o familiar, o da escola, o das organizações, entre outros factores culturais e sociais (Sternberg & Lubart, 1991, 1995). Vários estudos têm sido feitos no sentido de identificar contextos facilitadores ou inibidores da criatividade (Amabile e Grysiewicz, 1989; Ariete, 1976; Chambers, 1973). Csikszentmihalyi (1997) afirma que por mais dotada que uma pessoa seja não conseguirá uma vida criativa se a envolvente externa não lhe oferecer as condições adequadas.

Mackinnon sintetiza deste modo a complexidade com que se articulam estes quatro componentes: “o processo ou processos criativos são aqueles que resultam em produtos criativos; a pessoa criativa é aquela que dá vida aos produtos criativos e a situação criativa é o complexo de circunstâncias que permitem e favorecem e tornam possível as produções criativas” (Mackinnon, 1995, p.146).

Conscientes de que a criatividade não se restringe a áreas específicas e tem lugar em todas as profissões, mesmo nas mais burocratizadas, o não aproveitar o potencial criativo das diferentes pessoas e profissionais é uma perda não só pessoal como também social e cultural (De la Torre, 2003).

Conceitos como criação e criatividade têm acompanhado a enfermagem desde que esta surgiu como profissão, Florence Nightingal (1859, *apud* Valente, 1996, p.3), define a enfermagem como “... uma arte e uma ciência que requer uma educação formal, organizada e científica, requerendo do seu profissional além de conhecimento formal e científico, vocação e elevado padrão moral e de sentimentos, bem como o desenvolvimento do potencial intuitivo e criativo”.

Esta visão de uma enfermagem criativa mantém-se ao longo da história da profissão e Stewart salienta que a “verdadeira essência da enfermagem, como de qualquer das belas artes, não reside nos detalhes mecânicos de execução, nem sequer na destreza do executar, mas na imaginação criativa, no espírito do sensível e na compreensão inteligente, sobrepondo-se a estas técnicas e habilidades. Sem elas, a enfermagem converter-se-ia num ofício de grande destreza, não podendo ser uma profissão nem umas das belas artes.” (Stewart, 1929, *apud* Donahue, 1985, p.467)

Porém Collière afirma: ao olhar os “resultados de uma investigação realizada em 1964, pela Associação Nacional de Enfermeiros Franceses Diplomados do Estado [...], não encontrei nenhum vestígio de criatividade [...] Poderiam objectar que, em 1964/1965, a palavra criatividade estava em desuso, já que esta velha palavra francesa ressurgiu através do inglês americanizado” (Collière, 2003, p.24). Podemos considerar, talvez, estes resultados como reflexo de um período menos produtivo, em termos de produção científica, na área da criatividade; parece, no entanto, que na actualidade “o estudo da criatividade está a renascer depois de um período moribundo” (Runco & Albert, 1990, *apud* Morais, 2001, p.33).

Numa visão da enfermagem como ciência humana, a sua essência é o cuidar, acto único de criação que se concretiza na atenção que o enfermeiro dá ao outro (Hesbeen, 2000) e o seu valor baseia-se na capacidade criativa de o enfermeiro se auto-transcender (Watson, 1988).

Quando o enfermeiro cuida, ele estabelece com o outro uma relação inter subjectiva de influência mútua, composta de transacções científicas, profissionais, éticas, estéticas e criativas cujo valor se baseia no enfermeiro criativo que se auto-transcende (Watson, 1988).

Ao pensar deste modo no desempenho diário do enfermeiro, parece importante valorizar a criatividade nas produções do dia-a-dia (criatividade quotidiana) e não em produções altamente criativas (alta criatividade), pois “estudar e promover a criatividade no contexto das produções diárias e em indivíduos de quem não se espera genialidade não será de certo uma perda de tempo” (Morais, 2001, p.44), “se se considerar que a criatividade é para todos uma característica essencial à existência” (Vigotsky, 1987, 1990, *apud* Moraes, 2001, p.44) e partindo do princípio de que todos os indivíduos são potencialmente criativos, diferindo apenas o grau entre os génios e os criadores do quotidiano (Simonton, 1988).

Collière considera que a criatividade na profissão de enfermagem “exprime-se nos cuidados que estimulam a vida e que são uma obra da criação” (Collière, 2003, p.25) e que “criar cuidados portadores de vida, que favorecem e desenvolvem as possibilidades de existir tanto dos utentes como dos prestadores de cuidados, é um desafio à própria existência da profissão de enfermagem.” (*ibidem*, p.45)

De facto, a prática de cuidados de enfermagem tem de ser adequada às necessidades das pessoas, baseando-se em princípios humanistas e na preocupação de as ajudar a atingir o maior nível de bem-estar possível. O cuidar transpessoal (relação intersubjectiva, de influência mútua entre enfermeiro e pessoa cuidada) compõe-se de um conjunto de acções científicas, profissionais, éticas, estéticas e criativas que permitem dar e receber e contactar com o mundo subjectivo do outro (Watson, 1988).

Este cuidar exige do enfermeiro:

- “- conhecimentos de natureza humana, científica e técnica em relação com a saúde;
- domínio dos apoios necessários à prática da enfermagem;
- [...]
- exercer e desenvolver a sua capacidade de inferência;
- um lugar deixado à intuição;
- procurar continuamente afinar e desenvolver a sua arte;
- [...]
- ter curiosidade pelas ‘coisas da vida’, pelas várias novidades e pelas experiências vividas por outros;
- [...] uma capacidade explicita de se indignar”; (Heesbeen, 2000, p.115)

para que realmente possa praticar a arte da enfermagem, uma arte difícil de avaliar (Watson, 1988) porque se caracteriza por “pequenas coisas” cuja dimensão não é espectacular, mas que se converte de forma subtil num contributo e valor (pode sentir-se, mas não se toca) para cada pessoa que necessita de ser cuidada (Watson, 1988).

É sobre aquilo que nos rodeia, sobre as nossas vivências que nós os enfermeiros nos questionamos. Foi assim que surgiu o interesse por esta área, por um sentir que há algo que, não se sabe definir muito bem o que é, quando alguns enfermeiros cuidam, mas que se reconhece quando se encontra e que muitos de nós chamamos criatividade.

Na profissão de enfermagem tem-se valorizado uma forma de estar onde, na prática, tem sido pouco aceite (pelo menos de forma explícita) deixar de se considerar como único objectivo a aplicação de processos altamente especializados e tecnicistas, na tentativa talvez de acompanhar o rápido desenvolvimento técnico-científico que se tem verificado nas últimas décadas. No entanto, a enfermagem requer muito mais do que este incontornável tecnicismo quando se preconiza uma perspectiva holística que vê a pessoa como um todo, como um ser único. É indiscutível que, no seu dia-a-dia, o enfermeiro se depara com a necessidade de pensar/ajustar/reflectir/criar uma nova forma de cuidar, tendo em conta que aquela pessoa de quem está a cuidar é única e aquela situação irrepetível. E se, em cada acto de cuidar, o enfermeiro pretende encontrar algo mais para dar ao outro, então essa acção encoraja à iniciativa, à audácia, à criatividade, abandonando sem hesitação o fazer rotineiro para passar certamente para um fazer reflexivo que tem como objectivo o saber criar cuidados portadores de vida.

Assim, a criatividade é uma necessidade fundamental no contexto dos cuidados de enfermagem. Isto é reforçado por Fasnacht (2003), num estudo sobre o refinamento do conceito de criatividade na prática de enfermagem, onde conclui que a criatividade é um elemento essencial para o avanço da educação, investigação e prática na enfermagem. Como tal sugere que se façam estudos para descobrir quais os componentes necessários para desenvolver a criatividade na enfermagem.

Apesar do reconhecimento histórico/teórico, da presença e necessidade da criatividade no cuidar em enfermagem, a forma pouco consciente como tem sido assumida, enquanto processo a utilizar pelos enfermeiros, não tem gerado nas pessoas (enfermeiros, professores, dirigentes) a necessidade do seu reconhecimento como um potencial dos seus profissionais a ser estimulado e desenvolvido.

O facto de termos constatado que “os resultados da criatividade enriquecem a cultura e, desse modo, melhoram indirectamente a qualidade das nossas vidas” (Csikszentmihalyi, 2004, p.25-26) foram motivos mais que válidos para fazer um estudo empírico, em que se tenta relacioná-la (a criatividade) com uma profissão (a enfermagem) cujo valor é a qualidade na vida da pessoa. Fazer esta aproximação implica conhecer a representação que os indivíduos ou grupo têm dela, pois segundo Abric (1987) é a representação que têm dos factos / objectos que constitui o conjunto das informações, compreensão, interpretação e significado que lhe atribuem na relação com eles e que se expressa em opiniões, atitudes e comportamentos; para Moscovici (1988), o indivíduo tem um papel activo e construtivo nos processos que estão subjacentes à construção dessa representação à qual vai conferir um significado e um valor. Assim, pensamos que melhor que ninguém, são os actores que podem transmitir o que representa e o que está implícito na sua acção, pelo que definimos como objectivo deste estudo: conhecer a representação dos enfermeiros sobre o lugar da criatividade no cuidar em enfermagem.

Pelo facto de este fenómeno ser pouco explorado e porque o que se pretende é conhecê-lo na perspectiva dos enfermeiros, optámos por uma metodologia qualitativa, pois é indicada para iniciar um caminho na descoberta de fenómenos e revelar aspectos ainda não estudados, bem como é a que melhor permite compreender as atitudes humanas e conhecer as experiências contextualmente (Leininger, 1985).

O trabalho foi estruturado em duas partes distintas. A primeira é teórica e divide-se em dois capítulos, o primeiro em que se faz uma breve abordagem histórica da criatividade e uma apresentação do seu conceito, e um segundo que se refere ao cuidar em geral e ao cuidar em enfermagem em particular.

Na segunda parte, empírica, após a apresentação e fundamentação do percurso metodológico segue-se a apresentação, análise e discussão dos dados obtidos junto dos enfermeiros participantes do estudo.

A análise e discussão dos dados foram feitas em confronto com o obtido na revisão da literatura e no saber e experiência pessoais sobre o problema em análise.

Apresentam-se depois as conclusões, sugestões e implicações do estudo.

PARTE I – ESTUDO TEÓRICO

CAPITULO I – A CRIATIVIDADE

1.1 UMA ABORDAGEM HISTÓRICA

A abordagem de um fenómeno tão complexo como é a criatividade exige a realização de uma retrospectiva sobre a evolução histórica do seu estudo.

Embora não exista uma teoria consensualmente aceite sobre a criatividade, a procura de um entendimento tem suscitado explicações, segundo diversos pontos de vista, necessariamente ligados às correntes filosófico-científicas das diferentes épocas da história, desde as abordagens filosóficas até ao cognitivismo. Procura que por vezes se torna difícil, dadas as várias e dispersas contribuições que “não obedecem a critérios de complementaridade cronológica ou científica” (Sousa, 1998, p.23).

As primeiras referências ao tema da criatividade reportam-se à Bíblia e aos filósofos da Antiguidade (Sousa, 1998), não enquanto objecto central de estudo, mas como forma de tentar explicar a “originalidade das grandes obras criadoras” (Kneller, 1978, p.32).

A criação de algo novo era então vista como uma inspiração divina e a criatividade como um dom divino reflexo da inspiração, teoria que assenta numa “religiosidade primitiva” (De la Torre, 1993). É atribuída a Platão a expressão que melhor concretiza esta forma de pensar quando ele atribui a Deus as ideias/obras dos “artistas” sendo estes meros veículos da sua concretização terrena. “E por essa razão Deus arrebatava o espírito desses homens (poetas) e usa-os como seus ministros, da mesma forma que com os adivinhos e videntes, a fim de que os que os ouvem saibam que não são eles que proferem as palavras de tanto valor quando se encontram fora de si, mas que é o próprio Deus que fala e se dirige por meio deles” (Platão, *s/d*, *apud* Kneller, 1978, p32).

Esta concepção não se limitou a essa época, sustentaram-na Maritain, em 1953, ao reconhecer a origem da criatividade em algo sobrenatural/espiritual, (Maritain, 1953, *apud* Kneller, 1978 e De la Torre, 1993), e Sorokin, em 1961, afirmando que as grandes obras criativas são dádivas de um “poder supra sensorial e sobre-humano” (Sorokin, 1961, *apud* Kneller, 1978, p.32).

Uma outra visão de criatividade também ligada à antiguidade e ao mundo grego é a que a concebe como uma espécie/forma de loucura, atendendo à sua manifestação, espontaneidade e irracionalidade. Também aqui pesa a opinião de Platão quando afirma ter dificuldade em distinguir entre a agitação que resulta da iluminação divina, e a loucura. Esta visão da criatividade perpetua-se no tempo sob a forma de ditos populares, versos e canções e também por intermédio de Lambroso, sociólogo que no século XIX defende que pela natureza irracional ou involuntária do acto criativo este requer uma análise patológica, sugerindo mesmo que muitos génios eram neuróticos (De la Torre, 1993; Kneller, 1978; Romo, 1997). Freud corroborou através da psicanálise que a criatividade era uma maneira de o indivíduo exprimir os seus conflitos interiores, de modo a manter um certo equilíbrio que de outra forma poderia conduzir a neuroses. Esta imagem dos indivíduos criativos foi mantida por neofreudianos como Kretschmer e Lange-Eichboun, chegando este último, após um estudo que realizou através do método biográfico, a concluir que de entre os génios poucos são os que não sofreram algum tipo de transtorno mental durante a sua vida (De la Torre, 1993).

No fim do renascimento e como forma de explicar a capacidade criativa de figuras como Leonardo da Vinci, Vasari, Telésio, Miguel Ângelo e outros, surge a ideia de génio e a ela associada a de criatividade, como algo saudável e de grande desenvolvimento em termos de intuição, que como tal é imprevisível, não racional e restrito a um pequeno número de pessoas e impossível de apropriação através do ensino (De la Torre, 1993; Kneller, 1978; Romo, 1997).

Durante o século XVIII muitos são os pensadores e escritores para quem a criatividade e genialidade estão associados. Kant, nas suas obras *Crítica da Razão* e *Crítica do Juízo*, associa o poder inventivo ao génio e considera a criatividade como um processo natural (Kneller, 1978), com regras próprias no qual é impossível influir.

Em 1869, Galton contribui para o peso dado á ideia do génio criador. Como defensores desta concepção nomeia-se também Carlyle, Schopenhower, Emersom e Hirsch que, em 1931, distinguem na mente três dimensões sendo uma delas a inteligência criadora, própria do génio intuitivo (Carlyle, Schopenhower, Emersom e Hirsch, 1931, *apud* De la Torre, 1993); porém, quem mais se destaca é Terman, pelo impulso que dá aos estudos sobre inteligência e pensamento criativo suscitado pelo seu interesse nos génios (Terman 1925, 1926, 1954, *apud* De la Torre, 1993 e Morais, 2001).

É em França que surgem as primeiras obras que mostram já uma reflexão sistemática sobre a criatividade. Salientam-se Figuiet (1865) e Mirabelle (1893), cujas obras se centram no produto da criação/invenção, Guyot (1867) que se detém no inventor, Sourion que propõe uma teoria da invenção e Paulhon (1898) com vários estudos de análise da invenção (Figuiet, 1865; Guyot, 1867; Mirabelle, 1893; Paulhon, 1898, *apud* De la Torre, 1989). Também Littré (1863) no seu Dicionário de Língua Francesa, dedica 67 linhas ao termo criação; nesta mesma obra, surgem também palavras como *imaginação, inovação, intuição, invenção, original e originalidade* (Littré, 1863, *apud* De la Torre, 1989).

Uma outra concepção de criatividade é reflexo da teoria da evolução de Darwin, que a considera como manifestação de uma força vital. De forma abrangente, toda a natureza contribui para a criação, porém, só a matéria orgânica é criativa. É a teoria do filósofo e evolucionista francês Bergson que sustenta em termos filosóficos esta concepção, ao conceber a evolução como algo que é guiado por uma força criadora ou impulso de vida original *elan vital* (Bergson, 1944, *apud* Blackburn, 1997, De la Torre, 1993 e Kneller, 1978) em que a personalidade humana se realiza e desenvolve continuamente através da experiência a qual lhe confere sempre algo de novo. O biólogo Sinnott é considerado como marco nesta concepção; para ele “a vida é criativa porque se organiza e regula a si mesma e porque está continuamente originando novidades” (Sinnott, 1962, *apud* Kneller, 1978, p.36). No âmbito da Física, estas manifestações revelam-se nas mutações genéticas e modificações do meio e no homem pela imaginação criadora que de modo consciente lhe permite ver de forma diferente e nova (De la Torre, 1993; Kneller, 1978).

Ainda outra forma pela qual a criatividade tem sido vista é como uma força cósmica, perspectiva apresentada e mantida quase exclusivamente pelo físico e matemático inglês Aldred Witehead (1929) segundo o qual a criatividade humana se dilui numa criatividade universal, não através de factos concretos, mas como uma criatividade rítmica ou cíclica que faz parte de tudo o que são entidades reais que nascem, se desenvolvem e morrem, o que leva a uma contínua produção de novidades (Witehead, 1929, *apud* De la Torre, 1993 e Kneller, 1978). Estas novidades são entendidas por ele de duas formas, primeiro como uma renovação contínua do que existe de modo a permitir que continue a existir (cada antecedente, porém, diferente e único); num segundo sentido como um “avanço para o novo” onde se geram continuamente experiências, realidades e situações até então desconhecidas. A criatividade tem então a dupla função de manter o que já existe e de produzir coisas novas (De la Torre, 1993).

Todas estas concepções de criatividade de natureza mais especulativa, vêm-na apenas como parte da natureza humana e em relação com o Universo o que nos dá apenas uma perspectiva filosófica.

Porém, um tratamento mais científico é-lhe dado a partir do século XIX com o desenvolvimento da Psicologia, que, no século XX, lhe atribui um crescente interesse em termos de investigação e a estuda em diferentes vertentes, com subsídios provenientes das diversas correntes da psicologia.

Do Associacionismo herda-se o princípio da associação de ideias, em que a elaboração de novas ideias surge a partir das já existentes as quais derivam da experiência, por processos de tentativa e erro. Perante um problema, a pessoa tende a combinar ideias até chegar a uma que seja satisfatória e adequada para o problema em questão. Quanto maior o número de combinações a pessoa for capaz de realizar tanto mais criativa será. A frequência, intensidade e proximidade temporal e espacial das ideias são determinantes para o número de associações e combinações que a pessoa pode fazer (Kneller, 1978).

O Behaviorismo aporta visões, como a de Thorndike (1949) de que as ideias ou descobertas são provocadas por aspectos que não têm a ver com a situação de

estímulo; também desta corrente vem a base para o interesse do pensamento divergente e da fluência de ideias ou respostas sucessivas como forma de chegar à solução do problema, isto proposto por Patrick (1949) através da *Aprendizagem em um só ensaio* (Thorndike, 1949; Patrick, 1949, *apud* De la Torre, 1993). Com base nestes aspectos Spearman (1931) introduz o conceito de transferência, o qual conota como gerador de criatividade. Para ele o pensamento criativo desencadeia-se por um processo de transferências relacionais que vão originar uma solução original (Spearman, 1931, *apud* De la Torre, 1993).

Surgem também as ideias defensoras da corrente Estimulo – Resposta, em que sobressai Medrick (1962) ao apresentar três formas possíveis de obter respostas ou soluções criativas como sejam: a “combinatória” que se deve ao acaso, o “serendipity”, a “analogia” em que a apropriação de novas ideias se faz pela semelhança das coisas e a “mediação” em que há a combinação de elementos influenciada por outros estímulos; com base nestes princípios cria o teste R.A.T. (Remote Association Test) que permite medir a capacidade de estabelecer relações (Medrick, 1962, *apud* De la Torre, 1993).

Os trabalhos de Mendelshon, Wallach e Kogan, e Griswald, vão ao encontro das ideias associacionistas de Medrick. Woodwoorth, 1934, havia introduzido no modelo “Estimulo – Resposta” (E-R) o “Organismo” (E-O-R) como forma de contemplar aspectos relativos à actividade consciente do homem na criatividade (Mendelshon, 1964; Wallach & Kogan, 1965; Griswald, 1966, *apud* De la Torre, 1993).

O gestaltismo vê o pensamento criativo, numa forma inicial, como a reconstrução de configurações ou modelos estruturalmente deficientes. Assim, a criatividade surge sempre a partir de uma situação problema que se percebe como um todo, cuja organização das estruturas não é casual, mas dependente das características dos estímulos e das suas relações em que se combinam flexibilidade, análise e síntese. É esta forma de organização das estruturas observadas que marca a diferença do gestaltismo em relação ao associacionismo (Kneller, 1978).

É Max Wertheimer quem primeiro chama a atenção e coloca a ênfase no pensamento criativo como um processo em que, de uma forma dinâmica, as tensões do problema

geram tensão semelhante na mente do criador que, através de uma forma consciente de pensamento, tenta dar resposta ao problema e atingir a “harmonia do todo” (Wertheimer, 1945, *apud* Kneller, 1978 e Romo, 1997). Isto sugere a relação existente entre percepção e pensamento. Porém esta teoria deixa em aberto todas aquelas situações de criatividade em que não se parte de um problema concreto. É, portanto, incapaz de explicar a capacidade de se formularem perguntas originais.

Também a psicanálise contribuiu e influenciou o estudo da criatividade e do pensamento criativo. Para Freud, a criatividade é sempre impulsionada por um conflito no inconsciente, cujo conteúdo manifesto, se filtrado e aceite pelo ego, resulta em um comportamento criativo e se reprimido, origina uma neurose. Assim “o artista ... é um incipiente introvertido que não está longe do neurótico. Encontra-se impelido por uma imperiosa necessidade instintiva” (Freud, 1920, *apud* De la Torre, 1993, p.175). Freud considera que todos os homens possuem potencial criador.

Mais recentemente, a psicanálise vê a pessoa criativa não como desajustada emocionalmente, mas, antes pelo contrário, como detentora de um ego de tal modo flexível e seguro que lhe permite o acesso ao inconsciente para depois remar ao consciente e usar as suas descobertas. Erich Fromm, 1941, defende mesmo que a felicidade de uma pessoa depende de pôr em prática a sua capacidade criadora (Fromm, 1941, *apud* Kneller, 1978).

O freudianismo faz ainda referência ao papel da sociedade nos impulsos e produções criativas dos seus membros. A sociedade tanto pode ser incentivadora como repressora, conforme os seus objectivos. Isto pode actuar na pessoa como repressivo ou condicionante do seu comportamento criador e da sua auto-realização.

Os neofreudianos vêm trazer algo de diferente ao atribuírem a criatividade ao pré-consciente e não ao inconsciente. A pessoa criativa será aquela que mais livremente consegue aceder ao pré – consciente. A perspectiva neofreudiana mantém, no entanto, uma esquematização rígida da vida mental (Kneller, 1978).

Como reacção a essa imagem limitada do ser humano surgem as correntes humanistas em que se destacam Maslow (1954, 1983) e Carl Rogers (1983). Então a ênfase é

colocada no valor intrínseco do homem, considerado como um fim em si mesmo, com um potencial a desenvolver e com diferenças individuais.

Schachtel também assume uma posição oposta à da psicanálise, vê a criatividade como uma abertura ao mundo exterior e, como tal, uma maior abertura a novas experiências. A pessoa criativa é flexível, tem uma maior diversidade de interesses e vê o mundo de diferentes formas (Schachtel, 1959, *apud* Kneller, 1978).

À criatividade como abertura à experiência, Rogers vem acrescentar-lhe a ideia de que o indivíduo cria pela necessidade de auto-realização e de desenvolvimento das suas potencialidades (Rogers, 1989). Rogers faz referência a condicionantes internas e externas para a auto-realização, com conseqüente produção criativa. Ele aponta três características essenciais à pessoa, que são: “abertura à experiência, a qual implica ausência de rigidez, uma tolerância à ambigüidade e permeabilidade maior aos conceitos, opiniões, percepções e hipóteses; habilidade para viver o momento presente, como máximo de adaptabilidade, organização contínua do self e da personalidade; confiança no organismo como um meio de alcançar o comportamento mais satisfatório em cada momento existencial” (Rogers, 1972, *apud* Alencar, 1993, p.50). É assim enfatizada a relação da pessoa com o meio, meio este que interfere no processo criativo, e a sua própria individualidade, do que resulta a originalidade e singularidade. Os rogerianos distinguem dois sentidos no termo criatividade, um estrito e um amplo. No sentido estrito, a criatividade revela-se por um comportamento caracterizado pela intuição e espontaneidade cujo produto consiste em obras de arte ou em determinado tipo de pensamento. O sentido mais amplo versa a auto-realização e nesse sentido a criatividade como forma de realização das potencialidades de cada um como ser humano (Kneller, 1978).

Maslow (1954) acrescenta a esta perspectiva o aspecto da motivação humana na auto-realização e o atingir da plenitude do seu potencial. Assim o potencial criativo e a criatividade são algo de comum a todos os seres humanos e os seus domínios de realização vão desde as artes e ciências até às actividades quotidianas. No entanto, em termos conceptuais, Maslow (1983) distingue dois tipos de criatividade: a primária ou fase de inspiração e que todos experienciam, e a criatividade secundária que tem necessariamente de se separar do processo de elaboração e desenvolvimento de

inspiração, porque requer um trabalho árduo, disciplina, conhecimentos, tentativas, para depois se chegar ao produto acabado. A passagem de um nível para o outro, da criatividade, pressupõe todo o processo de construção do indivíduo com base na qualidade de auto-realização. Para Maslow a criatividade não está centrada no produto, mas sim na pessoa, passando esta por um processo de construção em que o desenvolvimento da criatividade está associado à valorização da realização pessoal que ela encontrará na criação.

Para Rollo May a criatividade é reveladora de saúde emocional, enquanto forma de expressão da pessoa no acto de auto-realização, em que é fundamental a sua interacção com o ambiente, pelo que não é suficiente o impulso individual para se auto-realizar, também à que atender aos aspectos da sociedade, a qual deve permitir à pessoa liberdade de escolha e de acção (May, 1976, *apud* Alencar, 1993).

Koestler no seu livro *The Act of Creation* faz uma tentativa de unificar todas as visões das várias disciplinas sobre criatividade na sua teoria da natureza da criatividade. Para ele todos os processos de criação têm um padrão comum, o que ele chama de bissociação, que é a associação de níveis de experiência ou sistemas de referência e que se revela no humor, na arte e na ciência. Segundo esta teoria, todo o pensamento ou acção organizados são orientados por um conjunto de regras, em que um certo grau de flexibilidade lhe permite a adaptação necessária às condições do meio ambiente (De la Torre, 1993; Kneller, 1978).

Como podemos verificar, as perspectivas da psicologia até aqui abordadas permitem-nos ver apenas aspectos do desencadeamento do processo criativo e da personalidade criativa. É com a abordagem/perspectiva factorial que a Psicologia procura aportar instrumentos válidos que possibilitem a identificação e individualização da criatividade face a outras potencialidades humanas.

Um novo caminho é então aberto ao estudo da criatividade através da análise factorial que traz à psicologia um forte contributo do campo da psicometria ao permitir, pelo uso do seu método, analisar o poder mental sobre diferentes dimensões e fazê-lo de uma forma mais científica (De la Torre, 1993). Nesta concepção, a criatividade é vista como “uma aptidão ou conjunto de aptidões que nos explicam determinados

comportamentos, reduzindo a factores ou dimensões os múltiplos resultados” (*ibidem*, p.216).

É Spearman, em 1904, que cria a análise factorial; na sua teoria dos dois factores, a medição de qualquer actividade mental faz-se a partir de um factor geral, “factor G” que corresponde à inteligência, e de vários factores específicos, os “factores s” que se correlacionam. Parte daqui uma visão da criatividade associada ao talento, em que ela não seria mais do que “um factor G” fortemente saturado de “factores s” e, como tal, uma forma de inteligência. Por considerar insuficiente esta teoria, Spearman acrescenta-lhe mais tarde o que denomina por factor de grupo, que se encontra entre os “G” e os “s”. Este aspecto não vem no entanto alterar a sua concepção de que o talento criativo é sinónimo de inteligência brilhante (De la Torre, 1993).

Também Holzinger e Hartman em 1941 apresentam um modelo factorial, com quatro factores de grupo diferentes, utilizado sobretudo por Cyril Burt (1965), para analisar os resultados de testes de aptidão (Holzinger & Hartman, 1941; Cyril Burt, 1965, apud De la Torre, 1993).

Outros modelos factoriais são desenvolvidos, modelos abertos, onde é feita a descrição dos factores na tentativa de com a abstracção matemática que eles representam fazer coincidir aptidões psicológicas. Muitos dos factores enunciados por Thurstone na sua teoria multifactorial, foram incorporados em diferentes baterias de testes de aptidões múltiplas (Thurstone, 1931, *apud* De la Torre, 1993).

As teorias factorialistas aportam uma amálgama de factores que serão organizados por Guilford a partir do seu modelo estrutural da inteligência num modelo factorial menos hierárquico. Inicialmente, em 1956, o modelo apresentado por Guilford compunha-se de 120 factores, o que vai surpreender quem entenda a inteligência como uma faculdade única, porém este vai sendo aumentado. Em 1982 já eram 150 os factores e, em 1988, aumentaram para 180; este aumento prende-se com o facto de Guilford ter primeiro concebido o modelo teoricamente e só depois ter trabalhado na sua verificação (Morais, 2001).

O modelo de Guilford é representado graficamente por um cubo tridimensional, composto por cubos menores, de iguais dimensões que representam diferentes aptidões ou factores. A ilustração gráfica tridimensional pretende dar a imagem dos três parâmetros - conteúdos, produtos e operações - apresentados na tabela 1, que, conjugados, correspondem a diferentes factores, traduzindo-se cada um por três letras representando cada uma um dos parâmetros.

Tabela 1: Modelo da estrutura do intelecto de Guilford

PARÂMETROS	DESCRIÇÃO	FORMAS
Operações	Actividades e processos mentais utilizados para trabalhar a informação, processos cognitivos	<ul style="list-style-type: none"> • Cognição – tomada de consciência, compreensão da informação dada. • Memória – fixação e evocação de informação recebida como processo activo. • Produção divergente – produção de informação, a partir da recebida, de forma original e em quantidade, cuja riqueza permite várias soluções. • Produção convergente – produção de respostas lógicas, com base na informação recebida, tendencialmente respostas únicas e convencionais. • Avaliação – comparação dos elementos de informação com formulação de hipóteses visando uma decisão.
Conteúdos	Tipo de informação disponível a trabalhar	<ul style="list-style-type: none"> • Figurativo – que se apresenta sobre uma forma concreta. • Simbólico – apresentado sobre a forma de símbolos ou caracteres. • Semântica – dada sobre a forma de significados. • Comportamental – relacionada com as interacções humanas nas manifestações inerentes ao nosso comportamento, atitudes, desejos, percepções, necessidades, entre outras.
Produtos	Forma sobre a qual a informação se apresenta para ser trabalhada	<ul style="list-style-type: none"> • Unidades – elementos singulares, de informação simples (figuras, letras). • Classe – conjuntos de elementos, unidades, reagrupados segundo propriedades comuns. • Relação – ligação entre os elementos segundo variáveis ou pontos de contacto. • Sistema – estruturação ou organização de elementos de informação formando conjuntos complexos interdependentes. • Transformação – reestruturação de informação recebida ou da sua junção • Implicação – ligação entre os elementos de informação com vista às suas possibilidades, predições ou consequências conhecidas ou previstas.

Fonte: Adaptado de De la Torre, 1993.

Do modelo apresentado, é a produção divergente, enquanto processo cognitivo, que mais se associa ao pensamento criativo e que virá a influenciar a investigação sobre criatividade.

Para a produção divergente Guilford teoriza 24 factores, dos quais identificaria apenas 16, alguns deles identificados também noutras investigações como fluência, flexibilidade, originalidade e elaboração e que são utilizados na audição desta dimensão (Guilford, 1986). A fluência prende-se com a capacidade de produzir informação em quantidade; a flexibilidade é um critério referente à capacidade ou disposição de produzir ideias variadas; a originalidade está ligada à capacidade de produção de respostas invulgares e remotamente associadas; a elaboração de processo está relacionada com a aptidão para adicionar pormenores que valorizem a informação (Kneller, 1978; Morais, 2001). Com não menos importância para a criatividade, temos neste modelo, também, outros factores como a redefinição, que se refere à capacidade de reorganizar unidades em termos das respectivas propriedades e também alterar funções de um objecto e reutilizá-las, e a sensibilidade a problemas, uma disposição particular de reconhecer a existência de um problema, apontado por diversos autores, especialmente os cognitivistas, como um dos factores mais importantes para a criatividade (Kneller, 1978).

Guilford (1995) para além da relevância dos aspectos cognitivos na criatividade, aponta ainda, como influentes, aspectos de outra ordem: as emoções, a personalidade e as pressões ambientais.

Em todas estas teorias é comum uma perspectiva personalista da criatividade quer sobre o aspecto das operações cognitivas, quer atendendo à dimensão afectiva e comportamental (De la Torre, 2003).

Taylor, com a sua teoria transaccional, alarga estas perspectivas ao considerar a importância do meio e a relação entre componentes afectivos e cognitivos. A criatividade é vista como um processo interactivo com o meio (Taylor, 1971, *apud* De la Torre, 2003), as pessoas são criativas “não tanto pelo desenvolvimento de potencialidades genéticas ou inatas, quanto pelo modo peculiar de entender a nossa realização a partir do meio” (De la Torre, 1991, *apud* De la Torre, 2003, p.78).

A consciência de que a criatividade e a realização criativa envolvem muito mais variáveis do que as até então estudadas e de que aspectos como as situações contextuais e a consciência colectiva influenciam profundamente o nosso comportamento suscita o surgimento de perspectivas integradoras (psicossociais e sócio-afectivas) como as de Amabile, Sternberg, Gardner e Csikszentmihalyi (De la Torre, 2003; Morais, 2001).

Foi Amabile que mais se debruçou sobre a influência do meio no comportamento criativo. A sua teoria aponta a produção criativa como a concretização de algo a partir da interacção entre variáveis que surgem do contexto social, de aspectos cognitivos e da personalidade. Nesta interacção, Amabile (1983, 1988) refere três tipos de componentes como responsáveis da produção criativa, um ligado a características do domínio da realização (conhecimento e competências) o que depende de capacidades inatas, perceptivas, cognitivas, motoras e educacionais e da forma como este conhecimento está organizado; outro relacionado com competências criativas, indiferentemente do domínio de realização e que tem a ver com um estilo cognitivo próprio, caracterizado por mudanças no percepto de um contexto, procura cognitiva de novas hipóteses, organização de informação de forma variada, capacidade crítica face a regras predefinidas, conhecimento de princípios geradores de ideias novas, livre de apreciações inibidoras e com grande capacidade de concentração e dedicação ao assunto; por último a motivação intrínseca que se prende com a postura e interesse do indivíduo para dar resposta a determinada tarefa. Estes componentes interagem. Primeiro a motivação gera o processo, os conhecimentos e competências no domínio em questão vão consequentemente ser reactivados, o que, por sua vez, estimula as competências criativas na procura de uma resposta. A motivação mantém-se ao longo do processo como factor de sustentabilidade e, como tal, responsável por aquilo que corresponde à capacidade do indivíduo para a realização e a concretização ou não do mesmo (Alencar & Fleith, 2003; Morais, 2001; Romo, 1997).

Sternberg, inicialmente, formula uma teoria que se restringia a aspectos internos do indivíduo como inteligência, estilos cognitivos, personalidade e motivação. Posteriormente, Sternberg, e Sternberg e Lubart (1996) reformulam e ampliam o modelo inicial e consideram a criatividade como resultado de seis factores distintos mas interligados: capacidades intelectuais, conhecimento, estilos cognitivos,

personalidade, motivação e ambiente. Três capacidades intelectuais são consideradas como particularmente importantes, a sintética (ver os problemas de um modo diferente e fugir aos limites do pensamento convencional), a analítica (reconhecer quais as ideias em que vale a pena investir) e a prática (saber convencer os outros do valor de determinada ideia). Quanto ao conhecimento, ele é considerado necessário para que se possa avançar nesse próprio conhecimento com um contributo significativo. Relativamente aos estilos cognitivos, estes autores apontam como relevante para a criatividade o “estilo legislativo”; uma pessoa com este estilo tem satisfação em criar as suas próprias regras, pensar de forma diferente e trabalhar em problemas não previamente definidos. Também certos atributos de personalidade são considerados importantes, como vontade de superar obstáculos, vontade de correr riscos, sensibilidade, tolerância à ambiguidade, confiança em si mesmo, mas não exclusivamente estes. Quanto à motivação, ela é considerada essencial enquanto força impulsionadora face à tarefa. Por fim, é também necessário um ambiente que favoreça, encoraje e recompense a criatividade da pessoa. Esta teoria designada por “teoria do investimento” aponta como pessoas criativas aquelas que estão dispostas e aptas a “comprar baixo e vender alto”, para o que todos os componentes confluem.

Também Gardner parte da perspectiva cognitiva centrada no indivíduo que após vários anos de estudos nesta área o leva a uma abordagem sistémica, advertindo mesmo que “ao começar a aproximação à criatividade, deve-se ter em conta um enorme número de factores e múltiplas interacções” (Gardner, 1998, p. 46).

Gardner na sua teoria das inteligências múltiplas não contempla uma “inteligência criativa” por considerar a criatividade como componente de todo o pensamento humano. Aponta mais tarde (Gardner, 1998) para a necessidade de quatro níveis diferentes de análise para compreender a criatividade, são o “subpessoal” em que se faz referência à genética e à neurobiologia dos indivíduos criativos, áreas pouco conhecidas cuja necessidade de estudo é premente, o “pessoal” que advém da psicologia cujo contributo é marcante na compreensão das pessoas, dos processos e dos produtos criativos e que se demarcam em duas linhas de investigação - uma centrada nos processos cognitivos e uma outra complementar que incidirá sobre factores de personalidade, motivacionais e sócio-afectivos; o “impessoal” que é o nível do contexto epistémico, visto que o indivíduo não é criativo no abstracto e os

seus contributos inserem-se em campos particulares - esta perspectiva tenta captar a natureza própria do conhecimento; por último, o nível “multipessoal” que está relacionado com o controlo, validação ou avaliação que é levada a cabo por indivíduos, grupos de indivíduos e/ou instituições pertencentes ao âmbito em foco.

Csikszentmihalyi (Getzelsi & Csikszentmihalyi, 1975, 1976, *apud* Moaris 2001) nos seus primeiros trabalhos procura e debruça-se sobre características da personalidade como geradoras da criatividade, porém, mais recentemente, e depois de vários trabalhos, considera as mesmas como insuficientes para justificar tal comportamento que requer um contexto muito mais vasto, assim, “do contexto do individuo tinha que se passar ao individuo em contexto” (*ibidem*, p.127).

Aquele autor propõe, assim, um modelo dinâmico, “modelo de sistemas”, que se baseia nas interacções de um sistema composto por três partes principais: o campo (que consiste numa série de regras e procedimentos simbólicos intrincados no que habitualmente chamamos cultura ou disciplina), o âmbito (inclui todos os indivíduos, instituições que actuam como reguladoras do campo, emitindo juízos, como sejam os críticos de cada domínio, as associações profissionais, o corpo académico, entre outros) e o indivíduo (ou capacidade individual de utilizar os símbolos de determinado domínio, ter uma ideia nova ou ver uma nova possibilidade de distribuição que, se realmente nova, é seleccionada pelo âmbito e incluída no campo) (Csikszentmihalyi, 1997).

Como refere Csikszentmihalyi (1997) a criatividade é constituída conjuntamente pela interacção: campo, âmbito e pessoa, pelo que as características ou capacidades individuais não são suficientes por si só para que ela aconteça. Para além disso, considera também que a criatividade só se pode manifestar em campos e âmbitos já existentes. Campos debilmente organizados carecem de âmbitos de aferição da criatividade. Esta situação é considerada como paradoxal para o autor, pois a novidade é mais óbvia em campos mais triviais, que permitem já uma mensuração da mesma, ao passo que em campos menos desenvolvidos e consequentemente carentes de novidade esta é mais difícil de medir. ”Pode haver consenso sobre se um jogo de computador, uma musica rock ou uma fórmula económica são realmente novidade, e

portanto criativos; menos fácil é chegar a acordo sobre a novidade de um acto de compaixão ou de uma visão da natureza humana” (Csikszentmihalyi, 2004, p. 48).

Este modelo dá-nos a noção de que o grau de criatividade presente em determinado tempo e lugar não depende só da capacidade criativa individual, mas também e de igual modo da organização e desenvolvimento do campo e âmbito para que se possa reconhecer a novidade (Csikszentmihalyi, 1997).

É desta forma visível a valorização de uma abordagem multidisciplinar (neurobiológica, psicológica, epistemológica e sociológica) para um estudo integrativo da criatividade.

1.2. CONCEITOS DE CRIATIVIDADE

Há muito que a criatividade tem merecido o interesse e constituído a preocupação de várias disciplinas tais como a Psicologia, a Gestão, a Pedagogia, a Medicina, a Enfermagem, porém, e como se pode constatar em termos históricos, é na psicologia que se tem verificado um maior investimento e desenvolvimento (Fasnacht, 2003).

O grande impulso ao estudo da criatividade remonta a 1950, nos Estados Unidos, pela mão de Guilford, então presidente da American Psychological Association, passando-se de uma perspectiva minimalista da criatividade como algo atribuído apenas a génios e artistas, para uma perspectiva mais abrangente e que contempla também as pessoas comuns no seu quotidiano. Vygostky (*apud* Buoro, 1996) mostrou que a criatividade é uma característica essencial da existência humana, com duas formas distintas, a criatividade quotidiana (Little C) e a alta criatividade (Big C) perspectiva reforçada por Stein (1987), De la Torre (1989, 2003) e Csikszentmihalyi (1997, 2000), o qual acrescenta não haver dúvida alguma de que a espécie humana não sobreviveria se não existisse criatividade. Segundo Simonton (1988) a única diferença entre os indivíduos altamente criativos e os criadores de quotidiano é no grau. Mesmo perante esta constatação e de a palavra criatividade ser bastante utilizada no nosso dia-a-dia, existe ainda alguma falta de consenso e imaturidade na sua conceitualização (Tardif & Sternberg, 1988).

Apesar dos vários estudos e perspectivas sobre o conceito de criatividade e da vasta lista de definições existentes, desde a lista apresentada por Morgan em 1953, com 25 definições a uma outra lista de 50 a 60 definições referenciadas por Taylor em 1988, comenta-se, ainda assim, que nenhuma delas é suficientemente representativa (Sternberg, 1985; Yashin-Shov, 1994).

Saturnino De la Torre (1993, 2000) tenta uma aproximação cronológica da evolução do conceito de criatividade e diz verificar-se que, entre 1900 e 1950, há uma ligação do conceito à imaginação; na década de 50 é definida como competência e resolução de problemas, entre 1960 e 1980, e por influência das perspectivas humanistas, surge a criatividade como auto-realização, e a partir da década de oitenta conotam-na como

um valor social e educativo. Este autor diz, ainda, a respeito da criatividade, que ela é um fenómeno que se move entre os atributos pessoais e as exigências sociais.

Alencar (1993, p.15) identifica, nas diversas definições de criatividade, duas dimensões: “pode-se notar que uma das principais dimensões presentes nas mais diversas definições de criatividade propostas até ao momento diz respeito ao facto de a criatividade implicar emergência de um produto novo, seja uma ideia ou invenção original, seja a revelação e aperfeiçoamento de produtos ou ideias já existentes. Também presente em muitas definições propostas é o factor relevância, ou seja, não basta que a resposta seja nova; é também necessário que ela seja apropriada a uma dada situação.”

As diferentes definições existentes reflectem de alguma forma as diversas perspectivas teóricas do tema, desde as centradas na pessoa, até às mais abrangentes, representativas de uma visão sistémica do processo criativo.

Sem que exista, ou estando mesmo longe de existir, uma perspectiva consensual e clara do conceito de criatividade há, no entanto, consciência de que ela é um fenómeno complexo e multifacetado, (Isaken, 1995; Treffinger, 1987; Wechsler, 1993) que não pode ser explicado somente por um componente ou aspecto e que envolve sempre novidade (Torrance, 1998; Vernon, 1989, *apud* Eysenk, 1999).

Toda esta problemática conceptual, e por uma questão de operacionalização, remete para uma abordagem da criatividade que englobe os diferentes componentes que lhe são inerentes como sejam a “Pessoa”, o “Processo”, o “Produto” e o “Contexto Social” (Press) ou seja o esquema dos quatro P’s proposto por Rhodes em 1961 (Rhodes, 1961, *apud* Rhodes, 1995). Com base neste modelo, Kneller (1978, p.15) diz: “As definições correctas de criatividade pertencem a quatro categorias, ao que parece. Ela pode ser considerada do ponto de vista da pessoa que cria, isto é, em termos de filosofia e temperamento, inclusive atitudes pessoais, hábitos e valores. Pode também ser explanada por meio dos processos mentais - motivação, percepção, aprendizagem, pensamento e comunicação – que o acto de criar mobiliza. Uma terceira definição focaliza influências ambientais e culturais. Finalmente, a

criatividade pode ser entendida em função de seus produtos, como teorias, invenções, pintura, escultura e poemas.”

1.2.1. A componente da Pessoa

Os aspectos relacionados com a pessoa enquanto elemento essencial à criatividade têm sido objecto de vários estudos onde se analisam diversas variáveis da pessoa.

Uma das variáveis é a idade. Vários trabalhos, nomeadamente os de Simonton (1984, 1992, 1997), embora não seja consensual, constataam que o desenvolvimento da produção criativa no adulto se manifesta numa curva com um crescimento rápido entre os 20 e os 40 anos, situando-se o pico máximo entre os 35 e os 45 anos após o que se verifica um decréscimo gradual; o mesmo autor e ainda Lehman, (1953) e Dennis (1956) introduzem nesta curva variações relacionadas com a área de criação (Lehman, 1953; Dennis, 1956, *apud* Morais, 2001).

Quanto ao sexo, e apesar de se terem obtido resultados opostos no que se refere ao género na produção criativa, a maioria dos estudos apontam para uma igualdade (Morais, 2001).

As características da personalidade são outro dos aspectos marcantes nos estudos sobre a criatividade, talvez até o mais estudado nos últimos cinquenta anos. Tentam responder a questões sobre a natureza da criatividade com características das pessoas ditas criativas, segundo perfis de pessoas criativas e também tentando saber quais as características que distinguem pessoas de elevado ou baixo nível de criatividade.

Davis (1986) refere-se a vários estudos realizados com indivíduos criativos de reconhecido mérito cujo objectivo foi identificar as características que contribuem para que uma pessoa seja criativa, de onde sobressaem os que se debruçaram sobre as características ditas de personalidade e motivacionais. Daí resultou uma lista cujas características que mostraram mais consistência foram as seguintes: consciência da sua criatividade, autoconfiança, entusiasmo, energia, assunção de riscos, espontaneidade, perfeccionismo, grande sentido de humor, ousadia e espírito

aventureiro, curiosidade, interesses vastos, brincalhão, interesses artísticos e estéticos, idealismo, reflexividade, necessidade de isolamento, atracção pela novidade, persistência e perseverança.

Com base em diversos estudos, Morais (2001) faz também uma exposição de características comumente associadas à realização criativa como sejam: auto-domínio de atitudes e comportamento; autoconfiança; tolerância à ambiguidade; atracção pela complexidade; facilidade em arriscar; curiosidade e vastidão de interesses; abertura a novas experiências; sentido de humor; sensibilidade estética; persistência e perseverança; investimento afectivo no trabalho; motivação intrínseca/extrínseca. Para a autora e também para Torrance (1962), Davis (1986), Gardner (1998), Eysenk (1999) e De La Torre (2003), nenhuma destas características, por si só, é um indicativo suficiente para que se seja criativo e há que ter em conta outros aspectos ligados à pessoa (cognição, história pessoal, sociabilidade, entre outros).

1.2.2. A componente do Processo

O estudo do processo criativo tem evoluído de uma abordagem centrada nas descrições de indivíduos eminentemente criativos, sobre o processo que seguiam para desenvolver os seus produtos, para outra mais científica, reconhecendo-se hoje que essas pessoas (grandes criativos) não têm processos de pensamento diferentes dos restantes (Weisberg, 1991).

A noção de processo por si só tem trazido algumas divergências na forma como se especifica o termo, por exemplo Stein (1974) define processo como o que acontece na pessoa – intrapessoal – ou na relação entre a pessoa e os outros – interpessoal, de forma consciente ou inconsciente e com a intenção de obter algo novo - produto criativo. Para Kris (1952, *apud* Mackinnon 1987) existem processos primários e secundários de pensamento, sendo os primeiros desordenados e de associação livre, como, por exemplo, sonhos, e os segundos orientados para a realidade, racionais e com um objectivo concreto. Bailin (1995) não reconhece qualquer especificidade no processo criativo; considera que existem sim diferentes processos de pensamento que

variam em função da tarefa, das características individuais e da disciplina. Ele argumenta que a criatividade está no nível de excelência que se consegue atingir numa dada área ou disciplina para dar resposta aos problemas.

Mas as abordagens do processo criativo, concretamente, remetem para um desencadeamento de operações no sujeito que Wallas (1926, *apud* Torrance 1976) apresenta no seu modelo onde identifica quatro fases / estádios da resolução criativa que são: preparação, incubação, iluminação e verificação / revisão.

A fase de preparação corresponde à recolha de informação sobre o problema a resolver de forma consciente, pois não é possível construir alguma coisa sem conhecimentos do domínio; após o período de preparação e sem que se obtenham resultados para a resolução do problema entra-se na fase de incubação em que processos mentais inconscientes são accionados em torno do problema; a seguir surge na mente a solução que se identifica como a fase de inspiração; por fim, a solução deve ser verificada e validada em termos práticos, fase de verificação (Torrance, 1976; Wechsler, 1993).

Outros modelos surgem com base no de Wallas embora com algumas diferenças. Uns, por o considerarem incompleto, acrescentam-lhe mais duas fases, a apreensão (Kneller, 1978) ou descoberta do problema e a divulgação do produto (Gruber, 1989; Russ, 1993, *apud* Morais, 2001). Outros, também de modo a torná-lo mais explícito e operacional, fazem alterações em termos de terminologia e a fase de iluminação é traduzida em soluções encontradas, síntese ou combinação de ideias (Rossman, 1931, *apud* Morais 2001; Osborn, 1953, 1993) e a de incubação por análise (Johnson, 1955, *apud* Morais 2001). Também a rigidez esquemática destes modelos é posta em causa, devendo as etapas serem consideradas enquanto componentes do processo e não com uma sequência linear, pois na resolução de problemas poder-se-á oscilar entre uma fase e outra o que pode ser considerado como mais um elementos no processo criativo.

Embora com uma orientação faseada, como a dos modelos descritos, foram também aspectos contributivos para o processo criativo o pensamento divergente e o associacionismo como o demonstram as afirmações como estas: “a criatividade é a

descoberta de analogias escondidas”, “a criatividade é uma forma de solucionar problemas, envolvendo saltos intuitivos ou uma combinação de ideias de campos largamente separados de conhecimento” (Koestler, 1989; Gogné, 1972, *apud* Sousa 1998, p.61).

A abordagem da resolução de problemas vem também contribuir para uma visão mais completa do processo criativo. São exemplos destas perspectivas as apresentadas por A. Osborn (1953, 1993), Sidney Parnes (1967, 1988) Torrance (1975, 1995), que se referem respectivamente à criatividade como forma de resolver problemas mal definidos ou como o “processo que torna alguém sensível aos problemas, deficiências, hiatos e lacunas no conhecimento e o leva a identificar dificuldades, procurar soluções, fazer especulações ou formular hipóteses, testar e retestar essas hipóteses possivelmente modificando-as, e a comunicar os resultados” (Sousa, 1998, p.61-62).

1.2.3. A componente do produto

O produto é outro dos componentes da criatividade e não menos complexo que todos os outros, pois esta noção está intimamente ligada à subjectividade das pessoas (dos que criam e dos que avaliam), à noção de originalidade ou novidade (pode apenas sê-lo para o criador ou para um grupo restrito e não para a maioria), à relatividade valorativa (que se prende com o valor / utilidade para o próprio, para a comunidade, neste espaço de tempo ou a longo prazo) e porque mesmo em termos de instrumentos e critérios de avaliação existem divergências. Isaksen e colegas, em 1994, identificaram 250 instrumentos de avaliação da criatividade (Morais, 2001).

Segundo Isaksen (1995) não é fácil definir produto criativo, tendo em conta que o mesmo pode ser encontrado em diferentes áreas como as artes, as ciências, as humanidades e todas aquelas que são de interesse do homem, o que leva a uma diversidade de produtos que o autor denomina de tangíveis ou intangíveis; se os primeiros são de mais fácil observação e avaliação os segundos são por vezes de difícil visibilidade. “Os produtos podem ser tangíveis ou intangíveis. Uns podem ser concretos e tocáveis como um invento ou um produto comercial. Outros podem ser

intangíveis tal como a aprendizagem e o desenvolvimento pessoal, o desenvolvimento de um novo serviço ou a melhoria de um já existente, a tecnologia social, ou o projecto de um novo processo ou método” (Isaksen, 1995, p.39).

Também Romo (1997) diz que nem sempre os produtos são objectos físicos, no entanto acrescenta que mesmo assim eles têm que ter uma existência independente da pessoa que os produz de modo a que possam ser avaliados e transmitidos.

O produto, dentro do estudo da criatividade, reveste-se de tal importância que é muitas vezes através dele que se catalogam as pessoas altamente criativas e que muitas outras consideram que todos os aspectos da criatividade se definem e centram no produto. São exemplos autores como Amabile (1983), segundo a qual um produto é considerado criativo na medida em que é novo, útil ou de valor, e apropriado para uma tarefa, tarefa essa que deve ser heurística (em que o caminho para a resolução do problema não é claramente definido e as soluções podem ser vagas) e não algorítmica (em que o caminho para a resolução do problema já é conhecido, é lógico, directo e só permite uma solução) e Stein (1974) para quem a criatividade é um processo cujo resultado é um produto novo, aceite como útil e, ou, satisfatório para um número representativo de pessoas num momento específico.

A avaliação do produto criativo tem sido ao longo dos tempos considerada pouco clara, o que levou muitos autores a proporem modelos ou critérios na tentativa de introduzir objectividade e rigor nesta tarefa. Dos muitos critérios de que há referência, os que maior consenso reúnem são: a originalidade, a novidade, a adequação ou eficácia do produto, a elaboração do produto crítico, a estética, a transformação ou quebra de regras ou conhecimentos, a condensação ou poder de síntese e a emoção suscitada (Morais, 2001). É exemplo duma tentativa englobante de critérios de avaliação a Matriz de Análise do Produto Criativo, concretizada num instrumento de medida proposto por Besemer e Quim, onde são consideradas três dimensões: a “novidade” (de processos, materiais ou conceitos), a “resolução” (na medida em que o produto responde em utilidade ou satisfação ao problema que o originou) e a “elaboração e síntese” (atributos estéticos e complexidade do produto), que englobam 14 categorias (Besemer & Quim, 1986, 1987, *apud* Morais, 2001 e Sousa, 1998).

São, no entanto, ainda considerados como insuficientes os estudos nesta área.

1.2.4. O componente do contexto social

A partir do momento em que se compreendeu que a criatividade enquanto potencial existe em todos os homens, começou a colocar-se a questão do seu desenvolvimento e das condições que o permitem; toda a pessoa é portadora de potencial criativo, que pode ser desenvolvido e aperfeiçoado com treino e acompanhamento, por meio de técnicas apropriadas. A este respeito Alencar diz: “na medida em que ampliarmos os nossos conhecimentos sobre os factores psicológicos e sociais que afectam a criatividade bem como sobre os procedimentos específicos que estimulam o pensamento criador, estaremos aptos a fazer um maior uso do nosso potencial criador e, possivelmente, contribuiremos também para expandir o espaço reservado à criatividade na educação, na pesquisa, nas actividades empresariais, entre outros” (Alencar, 1993,p.9).

O contexto inicialmente designado por Rhodes como *press* é unanimemente aceite como influente na promoção da criatividade, não enquanto entidade própria mas, como todos os outros aspectos, como um dos elementos de uma estrutura interactiva.

A relação entre a criatividade e o contexto tem sido abordada sobre diversos pontos de vista e também aqui existe alguma dificuldade de consenso quer em termos de terminologia, utilizando-se palavras como ambiente, clima, contexto, situações, cultura e pressão para designar este elemento, quer em termos do que o mesmo designa como as condições exteriores ao indivíduo, e também os seus bloqueios internos (Isaksen, 1995). Ekvall (1995) faz a distinção entre ambiente e cultura, sendo o primeiro do nível dos comportamentos, atitudes e sentimentos e o segundo do nível dos valores e crenças que operam no pré-consciente.

O contexto englobará o meio físico, ambiental, social e educativo com o qual o ser humano interage e que sem dúvida o marcam e lhe permitem tornar-se pessoa. É num processo interactivo com o contexto que o indivíduo torna os seus atributos em realidade sofrendo a sua influência e influenciando-o. Há como que uma transacção,

um intercâmbio entre a acção do meio, a percepção que temos dele e a nossa resposta, e aqui, entre outras coisas, encontra-se a criatividade.

Há autores como Torrance, Taylor e De la Torre que concebem a criatividade como a capacidade transformadora do meio cuja essência reside na transformação pessoal (De la Torre, 1989).

De todas as variáveis contextuais susceptíveis de condicionar a emergência da criatividade, as mais estudadas têm sido as sócio-educativas (família e escola), as que se relacionam, como o local de trabalho (organizações) e a cultura. Sem que nenhuma tenha ainda apresentado um papel preponderante é, no entanto, consensual que em todas elas deve haver uma preocupação constante na criação de condições promotoras de criatividade.

Sem dúvida, o contexto influencia a criatividade, porém, pode ser promotor ou bloqueador. Um meio que inibe a acção natural, sem estímulos ou motivação, não cria oportunidades para novas experiências o que dificulta o desenvolvimento do potencial criativo.

Vários têm sido os estudos feitos em que se tentam identificar características do contexto promotoras ou inibidoras de criatividade, como sejam os de Amabile (1988), Amabile e Gyskiewicz (1991), em que se identificam como favoráveis ao desenvolvimento da criatividade as seguintes características do contexto: espaço de liberdade para a realização das tarefas, condições para que o próprio controle o seu trabalho e ideias, uma gestão adequada de projecto, recursos suficientes, promoção e encorajamento de novas ideias, reconhecimento pelo realizado, disponibilização de tempo suficiente, gerador de alguma pressão e apresentar-se o trabalho como um desafio; e como inibidoras: pouca preocupação com a inovação, uma má gestão de projectos, uma avaliação desadequada, a falta de recursos, a pressão do tempo e uma competição exagerada.

Csikszentmihalyi (1997) afirma que por mais dotada que uma pessoa seja não conseguirá uma vida criativa se a envolvente externa não lhe oferecer as condições adequadas, como sejam: formação; expectativas; recursos (o excesso pode ter efeito

entorpecedor da criatividade); reconhecimento (valorização pelos outros elementos do grupo ou sociedade); esperança (ver a criatividade como produtiva); oportunidades e recompensas.

Ninguém é imune às variáveis vindas do exterior e que afectam a criatividade e, por conseguinte, aos contextos onde elas se podem melhor desenvolver, porém, mais importante do que isso é reconhecê-la como potencial manifesto, fomentá-la e proporcionar as oportunidades para que ela se desenvolva até se converter numa forma de vida, uma vida criativa (Csikszentmihalyi, 1997).

CAPITULO II - O CUIDAR

2.1. O CUIDAR

A necessidade do Homem em cuidar-se e/ou ser cuidado, está relacionada com a sobrevivência da espécie, acompanhando-o ao longo do ciclo de vida, existindo fases e situações em que, por não ser autônomo, precisa de ser cuidado por outros, total ou parcialmente, para satisfazer as suas necessidades.

Cuidar é uma das mais antigas expressões do mundo, como diz Collière (1989, p.27) “desde que surge a vida que existem cuidados, porque é preciso ‘tomar conta` da vida para que se possa permanecer”.

Também Heidegger (1997) diz que o cuidado antecede toda a atitude e situação do ser humano, o cuidado encontra-se em todas as atitudes e situações; portanto, um fenómeno ontológico, existencial, básico. Boff vê o cuidado como parte da natureza e da constituição do ser humano: “O cuidado é aquela condição prévia que permite o eclodir da inteligência e da amorosidade, o orientador antecipado de todo o comportamento para que seja livre e responsável, enfim tipicamente humano. Cuidado é gesto amoroso para com a realidade, gesto que protege e traz serenidade e paz. Sem cuidado, nada que é vivo sobrevive. O cuidado é a força maior que se opõe à lei de entropia, o desgaste natural de todas as coisas, pois tudo de que cuidamos dura muito mais” (Boff, 2003, p.22).

Se não for cuidado, desde o nascimento até à morte, o ser humano desestrutura-se, definha, perde sentido e morre. Assim, sem o cuidado, o homem perde a sua própria natureza.

Nesta natureza humana é a singularidade de que se reveste o cuidar que lhe confere uma dimensão artística / estética e não científica, pois é sempre uma situação única, não previamente determinada, nem programável, nem repetível e que requer sempre

pensamento / reflexão / criação de algo novo naquela situação específica da vida de uma pessoa também ela singular.

Ao considerar o cuidado uma forma de se expressar como Arte e de expressar-se como ser humano, compreende-se que ele envolve disciplina, tempo, dedicação e disposição para que possa, de facto acontecer. Cuidado não é só o emprego de técnicas; o material e os processos que se utilizam são apenas uma parte dessa Arte que para se realizar requer muito mais. A arte é “esta capacidade de dizer sem palavras, de transmitir empaticamente, de sentir intuitivamente, é a valorização do encontro, é a capacidade de transcender o que é visível, é o sentir” (Vianna, 2000, p.115).

Quando se cuida, a atenção dirige-se à pessoa não como um “corpo que se tem” (corpo-objecto) mas como um “corpo que se é” (corpo-sujeito) pois, para além dos diferentes órgãos e sistemas que o compõem, ele é animado por uma vida particular feita de projectos, desejos, riscos, alegrias, dores, motivações, decepções e, como tal, impossível de ser entendido exclusivamente à luz da racionalidade teórica (Hesbeen, 2000). Cuidado é entender o ser humano na sua história, vivência e experiência de vida, e respeitá-lo na sua singularidade e totalidade. É perceber que mesmo nas semelhanças se é diferente. Mais do que isso, cuidado não possui limites físicos nem fronteiras, não se limita a línguas ou linguagens, não segue normas, é um acto (in) voluntário, praticado por um ser em outro ser. O cuidar transcende barreiras de comunicação, raça, crenças e diferenças.

2.2. O CUIDAR EM ENFERMAGEM

Há muito que a enfermagem é reconhecida pelo acto de cuidar, porém, não se deve confundir com ele, pois “a atenção prestada ao outro – o cuidado – diz respeito a todos os profissionais de saúde, qualquer que seja a sua profissão específica” (Hesbeen, 2000, p. 45).

Quando, no entanto, os outros profissionais de saúde esgotam as suas intervenções como prestadores de cuidados, os enfermeiros têm sempre a possibilidade de

perpetuar a sua intervenção na ajuda, na promoção do bem-estar, mesmo nas situações mais complexas e aparentemente irresolúveis.

Este cuidado não pode ser medido, prescrito ou determinado. É a acção voluntária e consciente de fazer o bem, de estar com o outro e de se preocupar com ele. É a forma como se percebe e se interpreta o mundo e demonstra aquilo que se é como pessoa. Por vezes, traduzem esses cuidados como técnicas mas “realizar procedimentos [...] no paciente é diferente de realizar procedimentos para e com o paciente.” (Waldow, 2001, p.156), cuidar requer presença, interacção, interrelação é isso a essência da enfermagem “como portadora de sentido e de ajuda para com a pessoa cuidada” (Hesbeen, 2000, p.2) e que lhe confere valores que identificam e caracterizam esta profissão.

Os cuidados de enfermagem compõem-se de aspectos diversos “que são sobretudo, apesar do lugar tomado pelos gestos técnicos, uma imensidão de ‘pequenas coisas’ que dão a possibilidade de manifestar uma ‘grande atenção’ ao beneficiário de cuidados e aos seus familiares, ao longo das vinte e quatro horas do dia.” (Hesbeen, 2000, p.47).

Durante muito tempo e por influência do desenvolvimento e valorização da técnica a enfermagem não se centrou no cuidado, mas sim na execução de tarefas. Melhor dizendo, o cuidado era caracterizado pela execução de procedimentos de ordem técnica e centrado num saber-fazer que valorizava a técnica pela técnica, desprezando os valores humanísticos, presentes no acto de cuidar. É de referir que a execução de técnicas se constituiu como as primeiras expressões do saber em enfermagem o que lhe conferia o papel balizador de qualidade desta profissão (Celich, 2004). Enfatizava-se o tratar a doença e o cuidado humanizado não era valorizado. No entanto “estamos na era da humanização da assistência ... o cuidar, portanto, é visualizado sob uma nova perspectiva, no qual o ser humano é valorizado em sua totalidade” (Waldow, 2004, p.37)

O desenvolvimento da ciência, da técnica e da investigação permitiu à enfermagem um corpo de conhecimentos que lhe conferem o estatuto de ciência, porém a sua arte

é “apoiando-se nesses conhecimentos estabelecidos para as pessoas em geral [...] apropriar-se deles para prestar cuidados a uma pessoa única” (Hesbeen, 2000, p.38).

Estes factores contribuíram e contribuem para uma visão quase unívoca da enfermagem como ciência e arte. Vários teóricos opinaram sobre esta temática, elaborando as suas próprias definições.

Assim, Florence Nightingale, abordou-a como sendo “[...] uma arte e uma ciência [...] requerendo do seu profissional além dum conhecimento formal e científico, vocação e elevado padrão moral e de sentimentos bem como o desenvolvimento do potencial intuitivo e criativo.” (Nightingale, 1859, *apud* Valente, 1996, p.3),

Diz ainda Nightingale: para que a enfermagem “[...] seja uma arte, requer devoção tão exclusiva, uma preparação tão árdua, como o trabalho de um pintor ou de um escultor, [...] é uma das Belas-Artes, quase a mais bela das Belas-Artes.” (Nightingale, 1989, p.13).

Horta define a enfermagem como “a ciência e a arte de assistir o ser humano [...] no atendimento de suas necessidades básicas, de torná-lo independente desta assistência pelo ensino do auto-cuidado, de recuperar, manter e promover a saúde em colaboração com outros profissionais” (Horta, 1974, p.24)

Notting (1925, *apud* Donahue, 1985) refere-se à enfermagem como uma das artes mais difíceis, uma vez que se baseia na articulação entre a compaixão e um conjunto de conhecimentos prévios, que servem de base ao desenvolvimento da sua prática. A partir deles deve desenvolver-se uma sequência de ideias perante as situações, e seja o que for que dificulte o pensamento só retardará o seu desenvolvimento. Neste contexto, arte é algo que pressupõe uma percepção activa, dinâmica e continuada onde as exigências vão para um saber, saber fazer e saber ser. Na mesma perspectiva Stewart diz: “ a verdadeira essência da enfermagem, como qualquer das belas artes, não reside nos detalhes mecânicos da execução, nem sequer na destreza do executor, mas na imaginação criativa, no espírito do sensível e na compreensão inteligente, sobrepondo-se a estas técnicas e habilidades. Sem elas, a enfermagem converter-se-ia

num ofício de grande destreza, não podendo ser uma profissão nem uma das belas artes...”(Stewart, 1929, *apud* Donahue, 1985, p.367).

O conjunto de todas as técnicas e dos conhecimentos teóricos, só por si, não é suficiente para afirmar a identidade da profissão de enfermagem, pois como referem Benner e Wrubel (1998, *apud* Mckenna, 1994, p.35) “a bem da prática de enfermagem, a ciência e a tecnologia são apenas as ferramentas do cuidar”. É algo mais, o que é exigido para além dos saberes, são os dotes e as qualidades espirituais inerentes à própria pessoa, que Rogers abrevia assim “enfermagem é a arte e a ciência humanista e humanitária e direccionada para o individuo humano” (Rogers, 1984, *apud* Ellis & Hartley, 1998, p.18). Podemos ver que Watson também partilha desta opinião enquanto diz “se perspectivarmos a enfermagem como ciência humana, podemos combinar e integrar a ciência com a beleza e arte, a ética e estética do processo de cuidar do Homem – pelo – Homem. A ciência humana baseia-se numa epistemologia que possa incluir a metafísica assim como a estética, as humanísticas, a arte e o empírico.” (Watson, 2002, p.35).

Diremos, então, que cuidar em enfermagem é a acção concretizada na relação que se estabelece entre o enfermeiro e a pessoa cuidada com objectivos terapêuticos (essência dos cuidados), onde são utilizados sólidos conhecimentos científicos e experienciais (acessórios aos cuidados) e cuja complexidade reside no particularizar à pessoa / situação o que se obteve pelo conhecimento geral (Hesbeen, 2000; Watson, 1979). Todos estes aspectos revestem o cuidar em enfermagem de grande complexidade e diversidade, cuja prática se move entre a ciência, a competência e a situação de cuidar através de acções imbuídas de imaginação, criatividade e envolvimento emocional para poder responder à inominável variedade de situações possíveis; para Le Vasseur (1999) é aqui que reside a arte da enfermagem.

Esta assunção de enfermagem como arte conferiu desde há muito um papel importante à criatividade na enfermagem em geral e no cuidar em particular.

Muitos são os teóricos que consideram a criatividade um dos elementos essenciais para a prática de enfermagem uns como forma de lidar com a singularidade e complexidade de que se reveste cada pessoa e situação (Duchscher, 1999; Fasnacht,

2003; Hall, 2001; Jacomo & Jacomo, 1996; Smith, 1996; Watson, 1999); outros como forma de resolução de problemas (Cohen, 2002; Kalischuk & Thorpe, 2002; Le Sorti, Cullen, Hanzlik, Michiels, Piano, Ryan & Johnson, 1999; McNichol, 2002; Watson, 1999); outros como forma de reduzir a distância entre a teoria e a prática (Doane, 2002; Fasnacht, 2003; Kalischuk & Thorpe, 2002; McAllister, 2003; Seimour, Kinn & Sutherland, 2003) e outros ainda como forma de responder aos novos desafios dos sistemas de saúde actuais (Castledine, 2003; McAllister, 2003).

A qualidade dos cuidados reside na capacidade de cada enfermeiro para utilizar a sua imaginação e criatividade (Berg, Hansson & Hallberg, 1994) e quanto mais criativo for o enfermeiro maior número de respostas ele elabora para determinada situação (Jacomo & Jacome, 1996) o que facilita e enriquece todo o processo de prestação de cuidados (Smith, 1996).

Bressand, Simon e Roque-Joffre (1985) dizem que o cuidado de enfermagem é criativo porque é um cuidado individualizado, centrado no paciente, e que é científico porque se baseia no conhecimento. Contém sempre uma parcela de intuição, de risco, de novidade e só pode ser prestado por aqueles que amam o seu trabalho, se interessam pelos seus pacientes e que são capazes de arriscar e de se entusiasmar.

Para Collière (1985), a criatividade com a qual os enfermeiros se confrontam, quer no presente quer no passado, é a de correr o risco de redescobrir uma forma de cuidar onde se ousa atender às grandes interrogações da vida e da morte.

Tendo em conta a quantidade de autores que consideram a criatividade como um elemento essencial na prática de enfermagem, seria de antever que muitos estudos tivessem sido desenvolvidos sobre esta temática o que de facto não corresponde à realidade pois ao que conseguimos aceder foi a um reduzido número de estudos.

Em 1985 Bressand *et al.* apresentam um estudo, realizado com enfermeiras de um hospital francês, onde pela análise da observação que fizeram durante o desempenho das enfermeiras concluíram que a utilização da criatividade pelas enfermeiras, naquilo que lhes é próprio, traz ganhos significativos como: a grande diversidade de cuidados que podem prestar; uma forma diferente de funcionar e pensar que permite

mostrar o que está implícito nos cuidados de enfermagem; o desencadear do aumento de experiências e conhecimentos, e tudo isso faz melhorar a qualidade dos cuidados de enfermagem oferecidos à população.

Em 1994, Berg, Hansson e Hallberg publicam um estudo realizado com enfermeiros cujas conclusões evidenciam a importância do planejamento individual de cuidados e da supervisão clínica para o aumento da criatividade dos enfermeiros com consequentes benefícios para os pacientes.

Em 1999, Jackson e Sullivan divulgam um estudo feito com estudantes a quem foi aplicado um *curriculum* inovador, em que se incentivava a exploração de conceitos básicos de enfermagem através da exploração artística e humanitária, tendo concluído que desta forma os estudantes, para além de compreenderem e interiorizarem mais facilmente os conceitos, apreendiam também as dimensões artísticas e criativas dos mesmos nos cuidados de enfermagem.

Um estudo publicado em 2002, efectuado por Kalischuk e Thorpe, com enfermeiros a realizarem cursos de pós-graduação, aponta para a auto-estima, a disposição para correr riscos, o trabalhar em estruturas organizadas mas com espaço para a liberdade individual e a reflexão na acção como as condições principais para que a criatividade possa emergir no cuidar.

Em 2003, Fasnach, com o propósito de retirar alguma ambiguidade de que se reveste o conceito de criatividade e clarificá-lo, realiza um estudo com base na análise do conteúdo da literatura existente sobre criatividade em várias áreas (enfermagem, gestão, educação e psicologia) e identifica três perspectivas diferentes que podem ajudar não só a clarificar o sentido como também o conceito de criatividade: primeiro a criatividade como revelação, resultado de uma habilidade intrínseca ou talento e que se revela por uma súbita iluminação; segundo a criatividade como nascimento, tem a ver com o desenvolvimento de algo que é novo, com uma inovação, que começa como uma semente, que é cuidada, tratada e deixada crescer, não se refere necessariamente a uma produção original mas também à resolução de um problema de uma forma alternativa; e, por fim, a criatividade como reencarnação, processo em que alguma coisa se transforma numa nova forma - criar algo único, diferente a partir

de algo - o que envolve acções de desenvolver, construir, integrar, modificar e alterar. Nesta redefinição do conceito de criatividade, ela acontece na prática de enfermagem como um processo de revelação, nascimento ou reencarnação que é influenciado pelo contexto e que se reconhece no produto.

Ainda para Fasnach (2003) a criatividade é um processo que ocorre como resposta a uma necessidade ou desejo e que gera algo de diferente e único; nesse processo a motivação intrínseca, o ambiente educacional, a habilidade de realizar tarefas de forma independente e a vontade de correr riscos aumentam o potencial criativo de cada indivíduo, o que sugere que é possível desenvolvê-la. Factos pelos quais reconhece a importância da realização de estudos para identificar quais os componentes necessários para desenvolver a criatividade na enfermagem.

Como escreveu Georges Braque “Há certos mistérios, certos segredos em minha própria obra que eu mesmo não consigo entender, e nem tento fazê-lo [...] quanto mais se sonda, mais se aprofunda o mistério: este fica sempre fora do alcance. É preciso respeitar os mistérios, se queremos conservar-lhes a força. A arte perturba; a ciência tranquiliza” (Braque, s/d, *apud* Kneller, 1978, p.29).

PARTE II – ESTUDO EMPÍRICO

CAPITULO III - METODOLOGIA

3.1. OBJECTIVOS DO ESTUDO E QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO

Considerando que a criatividade se constitui como algo particularmente relevante para os indivíduos e também como uma ferramenta influente na sociedade, reconhece-se a necessidade de compreender o que pensam sobre ela os profissionais de enfermagem. Tomamos, assim, como objectivo de partida deste estudo: conhecer a representação dos enfermeiros sobre o lugar da criatividade no cuidar em enfermagem. Tal objectivo não se enquadra apenas no estudo da sua conceptualização (o que pensam sobre a criatividade), mas também tenta considerar qual a sua representação na prática de cuidados de enfermagem (quando é que são criativos).

A partir do objectivo deste trabalho, emergiram questões necessárias à explicitação do fenómeno em estudo: o que entendem os enfermeiros por criatividade? O que é para os enfermeiros ser criativo? Como é que os enfermeiros percebem a criatividade na prática de cuidados de enfermagem?

Na medida em que o nosso interesse é conhecer/descrever qual a representação que os indivíduos têm de um fenómeno e/ou situação, adoptamos uma abordagem qualitativa que nos permitirá analisar a experiência através da descrição de como os indivíduos/enfermeiros a expressam na forma de opiniões, atitudes e comportamentos quando cuidam.

A abordagem qualitativa permite uma compreensão e conhecimento mais alargado do fenómeno pois “ênfatiza o conhecimento, a compreensão e a interpretação cuidada e precisa da natureza, e o significado de situações ou acontecimentos passados ou actuais” (Leininger, 1985, p.9); é esta abordagem que se adopta neste estudo através da consideração das afirmações dos enfermeiros, como reflexo das suas formas de experienciar, e do significado dado à criatividade no cuidar em enfermagem. Fazemo-lo de uma forma aberta, capaz de proporcionar uma compreensão dos

diferentes modos como os indivíduos experienciam e conceptualizam a sua experiência.

Os objectivos desta investigação prendem-se com a criatividade enquanto reflexo da experiência do enfermeiro no seu desempenho, procurando descobrir o modo como os sujeitos conceptualizam e que significado atribuem na expressão do fenómeno da criatividade tal como é sentido e vivenciado por eles a partir das suas próprias descrições.

3.2 TIPO DE ESTUDO

O estudo a desenvolver será um estudo exploratório e descritivo. Exploratório, uma vez que o tema em estudo é pouco explorado, existindo na globalidade, e particularmente em Portugal, poucos estudos paralelos acerca do assunto (Gil, 1989, 1999), pelo que os conhecimentos existentes não permitem uma representação do fenómeno (Gauthier, 2003). O carácter descritivo do estudo surge da pretensão de descrever de maneira fiável a representação dos sujeitos do fenómeno em questão, de modo a caracterizá-lo e documentá-lo (Fortin, 1999; Gauthier, 2003); dado que as representações constituem a apreensão do sujeito sobre um objecto enquanto formas de conhecimento prático e construções contextualizadas, só pela sua compreensão e comunicação acederemos à construção de uma realidade. Ao que, este tipo de abordagem se adequa pela compreensão e explicitação que permite do objecto da investigação (Carmo & Ferreira 1998).

3.3. OS PARTICIPANTES DO ESTUDO

A população, ou seja o conjunto de indivíduos com base nos quais se quer estudar o fenómeno são os enfermeiros que se encontram a exercer funções em unidades de saúde (hospitais, centros de saúde ou outras), na área da prestação directa de cuidados. Tratando-se de um estudo qualitativo o número de sujeitos a incluir deve, segundo Baker, Wuest e Stern (1992), ser deliberadamente pequeno para evidenciar a riqueza da experiência individual. Porém a subjectividade do termo pequeno leva-nos

a constatações de que não existem critérios de medida; para Patton (1990) o tamanho da amostra depende do que se pretende encontrar, da forma como os dados serão usados e dos recursos disponíveis para realizar o estudo.

O critério considerado ideal (Parse, Coyne & Smith, 1985; Patton, 1990) para a delimitação do número de sujeitos, e desde que não existam constrangimentos de ordem temporal e orçamental, é o da redundância ou saturação de campo. Porém, neste estudo, atendendo à limitação de tempo que é imposta por se tratar de um trabalho académico, optámos pelo estabelecimento de um limite mínimo, o que segundo Patton (1990) é aceitável desde que este corresponda a uma cobertura razoável do fenómeno em estudo. Considerámos como limite mínimo 10 participantes e chegámos aos 12 participantes.

A selecção dos participantes, e tendo em conta que nos estudos qualitativos o que interessa é a riqueza da informação obtida, foi feita de forma intencional o que permitiu seleccionar um conjunto de indivíduos detentores de informação rica que possibilitou o estudo em profundidade e a compreensão do fenómeno em estudo. Segundo Almeida e Freire (2003) é legítima a utilização desta forma de selecção quando se pretende aceder a um grupo de indivíduos representativos de um determinado fenómeno, opinião ou comportamento e que, como tal são escolhidos para o estudo.

Assim e como forma de aceder a pessoas “típicas” do grupo optou-se pelo método de amostragem em bola de neve ou amostragem em cadeia, um método não probabilístico em que, através de um processo de aproximação informal se chega aos informantes-chave e a riqueza da informação vai crescendo à medida que a mesma se acumula (Carmo & Ferreira, 1998; Gauthier, 2003; Parahoo, 1997, Patton, 1990).

O processo de selecção iniciou-se através de um elemento da população considerado por nós como reunindo as características em estudo - ser criativo - o qual, por sua, vez nos indicou um outro e assim sucessivamente.

Todos os participantes foram contactados pessoal ou telefonicamente, sendo informados do objectivo do estudo e do motivo e forma pelos quais foram

seleccionados. Aceitaram a gravação sonora de uma entrevista e escolheram o local da mesma.

3.4. RECOLHA DE DADOS

Tendo em conta o objectivo do estudo, a técnica utilizada para recolha de dados foi a entrevista. A sua utilização prendeu-se com o facto de pretendermos ter acesso à representação que os sujeitos têm de um determinado fenómeno e, assim, apropriarmo-nos de uma perspectiva, a dos sujeitos em estudo, que, como diz Patton (1990), é significativa, possível de ser conhecida e de se tornar explícita.

Powers e Knapp (1990, p. 76-77) dizem que esta técnica de recolha de dados “permite ao investigador sondar emoções, pensamentos e significados subjacentes”, isto é, permite o acesso à perspectiva pessoal do outro.

Optámos por uma entrevista guiada, semi-estruturada, formato que possibilita fazer as perguntas básicas da mesma maneira a todos os participantes, o que confere uma consistência na obtenção dos dados e posteriormente na análise; permite também alguma flexibilidade na condução da entrevista necessária à exploração, aprofundamento e clarificação de determinado tópico num estilo de diálogo fluido mas sempre centrado no tema predeterminado (Morse, 1991; Morse & Field 1998).

As perguntas foram formuladas de forma aberta e têm por base o objectivo do estudo e a estrutura da investigação, de forma a permitirem ao respondente direccionar o seu discurso de forma livre, ao mesmo tempo que a sua representação do fenómeno e compreensão da experiência vivida se revelava à sua consciência.

As questões utilizadas no guião das entrevistas foram as seguintes:

1. O que é para si a criatividade?
2. O que é para si um enfermeiro criativo?

3. Gostaria que recordasse e descrevesse uma situação de cuidar, em que considere ter sido criativo.

Podemos observar a relação entre as questões da entrevista e as dimensões da investigação na tabela seguinte:

Tabela 2: Relação entre as questões da entrevista e as dimensões do estudo

Questões do guião	Dimensões da investigação
O que é para si criatividade	Concepção de criatividade
O que é para si um enfermeiro criativo	Enfermeiro criativo
Gostaria que recordasse e descrevesse uma situação de cuidar, em que considere ter sido criativo	Criatividade no cuidar

O guião da entrevista foi submetido à apreciação de dois peritos, para validação da clareza das questões e da sua coerência com o objectivo do estudo, que o consideraram adequado. Foi em seguida feito o pré-teste do instrumento de recolha de dados junto de quatro indivíduos da população que não fizeram parte do grupo de estudo. Com este teste validámos a clareza dos termos empregues, a compreensão das questões e a duração média de cada entrevista que prevíamos que rondasse os 35 minutos.

As entrevistas, num total de doze, foram realizadas entre Setembro e Outubro de 2005. O local foi o escolhido pelos entrevistados, desde gabinetes nos locais onde trabalham até ao nosso gabinete pessoal. O tempo nas entrevistas variou entre os 20 e os 45 minutos, sendo o tempo médio de 30 minutos.

O primeiro contacto do entrevistador com os sujeitos foi feito telefonicamente, ocasião em que o entrevistador se apresentava, prestava informações sobre o trabalho (tema e objectivo) que estava a realizar, sobre a forma e motivo pelos quais tinham sido seleccionados e perguntava qual a disponibilidade para participarem no estudo. Eram também informados de que os dados seriam colhidos numa entrevista, com um

tempo médio de trinta e cinco minutos. Combinava-se então o horário e o local da entrevista de acordo com a escolha dos sujeitos.

No dia, local e hora previamente combinados, a entrevista iniciava-se com a apresentação mútua entrevistador/entrevistado procurando criar-se um clima de confiança prévia.

Procurava-se, nesta fase de acolhimento e após uma breve síntese enquadradora, (lembrando as informações já partilhadas, no contacto prévio) que o entrevistado se apercebesse da importância que representava a informação por ele fornecida para o estudo e, conseqüentemente, que os resultados deste seriam catalizadores de tomada de consciência e de transformações ao nível da sua profissão. Era também dito pelo entrevistador ao sujeito que não existiam respostas certas ou erradas e que este deveria levar o tempo que desejasse para responder às questões que lhe seriam colocadas.

Era garantido o anonimato e confidencialidade dos dados, sendo mínimos os dados pessoais pedidos, (primeiro nome, idade, anos de exercício profissional e local de trabalho), era assegurado que não seriam utilizados para outro fim que não este estudo e assumia-se também a responsabilidade da posterior comunicação dos resultados aos informantes. Solicitava-se autorização para gravação áudio da entrevista, justificada com o facto de ser a forma mais fácil de reter a totalidade das suas ideias.

Durante as entrevistas, foi assumida por parte do entrevistador uma atitude de escuta, evitando cortar a palavra ao entrevistado, deixando-o exprimir-se pelas suas próprias palavras e ao seu ritmo pessoal e respeitando os silêncios.

A nossa intervenção limitou-se às perguntas para manter o fio condutor inicialmente estabelecido e expressões do tipo “hum...hum”, de modo a demonstrar atenção e interesse e para que as entrevistas se mantivessem vivas.

Sempre que foi necessário, foram formuladas questões de clarificação de sentido e de verificação de compreensão. A transição de uma questão para a outra foi feita pelo

entrevistador através de uma síntese do que tinha sido dito de modo a articulá-lo com a questão seguinte.

Todas as entrevistas foram transcritas, tanto quanto possível logo após a sua realização de modo que, além da gravação, pudéssemos recorrer também à nossa memória auditiva e visual. Atribuímos-lhes um número de acordo com a sequência em que foram realizadas, obtivemos assim doze documentos identificados como E₁, E₂, E₃, ..., E₁₁ e E₁₂.

Após a transcrição das entrevistas e a fim de assegurar o rigor das mesmas foram ouvidas as gravações ao mesmo tempo que se liam as transcrições.

Para validarmos a forma como as entrevistas estavam a ser conduzidas e garantirmos a consistência das mesmas, submetemos a transcrição das duas primeiras entrevistas à apreciação de um enfermeiro com conhecimento e experiência nesta metodologia de análise.

3.5. PROCEDIMENTO DE ANÁLISE DOS DADOS

Os dados foram analisados tendo como referência os princípios da análise qualitativa de dados (Fortin, 1999; Morse & Fied, 1998; Patton, 1990; Streubert & Carpenter, 2002) e das técnicas de análise de conteúdo preconizados por estes autores e por Bardin (1998) e Vala (1986), seguindo um processo indutivo de construção de categorias. O tratamento e análise dos dados foi manual; não recorremos à utilização de *software* informático de análise de dados por não possuímos domínio do mesmo o que é um requisito essencial para a sua utilização segura (Morison & Moir, 1998; Streubert & Carpenter, 2002).

O procedimento de análise foi realizado numa sequência de passos seguidamente apresentados:

1. Lemos e relemos as transcrições dos dados de cada uma das entrevistas a fim de mergulhar profundamente neles e obter um sentido do todo. Os silêncios ou

pausas no discurso foram simbolizados com “ ...” e os excertos da transcrição original sem relevância para o estudo foram retirados e simbolizados com “(...)”. Foi identificado o *corpus* de análise tendo como referências principais as questões do guião, que considerámos como Dimensão, e o objectivo do estudo.

2. Seguidamente, procedeu-se à divisão de cada transcrição em unidades de análise, conforme expressas pelos sujeitos, assinalando cada vez que uma transcrição no sentido era compreendida. As unidades foram sujeitas a um processo de codificação aberta com a atribuição de um número que em conjunto com o código anteriormente atribuído, nos dava a localização dessa unidade de análise (E₁ 1; E₁ 2; E₂ 1; E₂ 2) e a sua ligação à transcrição original.
3. Cada unidade foi analisada separadamente com vista à formulação de significados.
4. As unidades foram então retiradas das transcrições originais e agregadas por significados comuns de modo a obtermos uma visão de conjunto que permitiu um esboço de categorias e subcategorias emergentes dos dados, por opção sempre dentro do quadro das questões colocadas (Dimensão), que correspondem a formas qualitativamente diferentes em que o fenómeno surgiu às pessoas dentro do contexto da pergunta a que respondiam.
5. Feitas algumas alterações, submetemos novamente o *corpus* em análise ao processo de análise e codificação, agora já tendo como referência o esquema provisório de categorização entretanto construído, surgiram novos códigos e reuniram-se os anteriormente obtidos, com consequente revisão pontual das categorias.
6. Após as alterações, o *corpus* foi então reanalisado tendo como modelo de análise o esquema de categorias e subcategorias entretanto reconstruído.

O esquema categorial é constituído por três dimensões e um total de 29 categorias e 16 subcategorias, apresentado a seguir na tabela 3.

Tabela 3 – Grelha de análise de conteúdo por categorias

CRIATIVIDADE	ENFERMEIRO CRIATIVO	CRIATIVIDADE NO CUIDAR
<ul style="list-style-type: none"> • Criatividade é própria do homem • Criatividade é transformar • Criatividade é colocar um cunho pessoal • Criatividade é um processo interactivo e social • Criatividade é criar • Criatividade é uma forma de resolução de problemas • Criatividade é flexibilidade • Criatividade é ter a capacidade de ultrapassar obstáculos • Criatividade é arriscar • Criatividade é um processo cognitivo • Criatividade é a capacidade de encontrar novos problemas 	<ul style="list-style-type: none"> • Consciente do seu papel criador • Flexível • Motivado • Arrisca • Aberto a sentimentos e emoções • Utiliza estratégias originais no cuidar • Aptidão para estimular a vida • Supera obstáculos • Dedicado • Sentido de humor • Sabe mobilizar conhecimentos e recursos • Tem conhecimento do domínio • Autoconfiante • Curioso • É ser enfermeiro 	<ul style="list-style-type: none"> • O contexto <ul style="list-style-type: none"> ◦ Carência de recursos materiais humanos ◦ Ambiente hospitalar hostil ◦ Não aceitação das limitações físicas impostas pela doença ◦ Não aceitação da auto-imagem imposta pela doença ◦ Não adesão ao tratamento ◦ Comunicação ◦ Dificuldade no cumprimento de necessidades espirituais ◦ Cuidar em pediatria • O processo <ul style="list-style-type: none"> ◦ Adaptando de recursos ◦ Brincando ao faz de conta ◦ Recriando o aspecto físico ◦ Utilizando formas não convencionais de cuidar • O produto <ul style="list-style-type: none"> ◦ Promover o conforto e o bem-estar ◦ Promover a vida ◦ Satisfazer uma necessidade ◦ Facilitar o cuidar

Neste processo de construção de um esquema de categorias guiaram-nos duas grandes preocupações, por um lado dar conta da diversidade da representação do fenómeno e, por outro, identificar as comunalidades.

Em todo este processo indutivo de obtenção das categorias tivemos em consideração o princípio da exclusividade, ou seja cada unidade de análise corresponde apenas a uma categoria; o da exaustividade, com a identificação de todas as categorias possíveis de encontrar e o da relevância, adequando-as ao objectivo e conteúdos do estudo.

3.6. LIMITAÇÕES DO ESTUDO

Ao longo de todo o estudo houve uma preocupação constante em assegurar o máximo rigor metodológico, porém, consideramos que persistiram algumas limitações que merecem ser consideradas:

- A nossa inexperiência neste paradigma de investigação;
- Alguma inabilidade da nossa parte para aprofundar, em alguns momentos da entrevista, o discurso dos sujeitos, o que condicionou descrições menos aprofundadas;
- O termos optado por analisar e categorizar o discurso dos sujeitos dentro do quadro de cada uma das questões colocadas o que pode ter condicionado de algum modo a riqueza dos dados;
- As próprias condicionantes impostas pelo tempo, atendendo ao contexto de realização deste estudo e que determinam à partida algumas limitações.

A constatação e reflexão destes aspectos serviram como formas de aprendizagem e de crescimento como investigadora.

CAPITULO IV - APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

4.1. PARTICIPANTES

Embora não fosse propósito do estudo uma caracterização dos seus participantes apresentamos e analisamos alguns dados que apesar de não serem extremamente relevantes nos pareceu importante referir, após a revisão bibliográfica, e que poderão ser úteis para trabalhos futuros.

Todos os enfermeiros eram de raça branca, sendo 9 (nove) do sexo feminino e 3 (três) do sexo masculino e com idades compreendidas entre os 33 e os 52 anos. Os anos de exercício profissional variam entre 11 e 32 anos.

Tabela 4 - Caracterização dos participantes

Identificação	Sexo	Idade	Anos de exercício profissional	Serviço
E ₁	M	35	14	Medicina
E ₂	F	35	15	Pediatria
E ₃	F	37	14	Pediatria
E ₄	F	33	11	Pediatria
E ₅	F	44	22	U. Oncologia
E ₆	M	36	14	Urgência
E ₇	F	47	26	C. Saúde
E ₈	F	43	21	Medicina
E ₉	F	40	19	Urgência
E ₁₀	M	36	14	Emergência
E ₁₁	F	42	18	Ortopedia
E ₁₂	F	52	32	C. Saúde

Atendendo a que a selecção dos participantes não foi intencional é de realçar o aspecto das idades variarem entre os 33 e os 52 anos, com apenas três participantes fora do intervalo compreendido entre os 35 e os 45 onde segundo Simonton (1984, 1992, 1997) se situa o pico máximo da produção criativa. Outro aspecto que podemos também verificar é que o número de anos de exercício profissional é em média de 18,33 anos, o que para Benner (1995) já permite aos enfermeiros terem ultrapassado o estágio de principiantes e se encontrarem num estágio competente, proficiente ou perito. Este facto possibilita-lhes libertarem-se da tensão das tarefas técnicas a cumprir e terem uma representação fundada na experiência que lhes permite uma percepção e compreensão da situação global em que a sua intervenção faz a diferença pelo saber, pela segurança e pela capacidade de prestarem cuidados utilizando diferentes competências. Isto pode indicar também um domínio do campo e uma segurança que é considerada por vários autores, nomeadamente Csikszentmihalyi (1997) como importante para se poder desenvolver uma atitude de criatividade perante as situações .

4.2. DIMENSÃO I – “CONCEPÇÃO DE CRIATIVIDADE”

As categorias correspondentes a esta dimensão referem-se às verbalizações, realizadas pelos participantes e enunciadas no âmbito da questão: “O que é para si a criatividade?”. Aqui obtiveram-se 11 categorias.

Na tabela 5 são apresentadas as categorias, suas definições e as diferentes unidades de análise que lhes deram origem.

Tabela 5 – Dimensão I “Concepção de criatividade”

CATEGORIAS	DEFINIÇÃO	UNIDADE DE ANÁLISE
Criatividade é própria do homem	Verbalizações que se referem a criatividade enquanto algo inerente e próprio do ser humano.	<p>(...) a criatividade é essencialmente qualquer coisa de constitutiva à pessoa humana. Nós todos temos este potencial dentro de nós (E_{1,1})</p> <p>De alguma forma as pessoas, todo o ser humano está sistematicamente a criar (E_{1,5})</p> <p>(...) é algo próprio do ser humano, sim ... só do ser humano. (...) uma constante e digo-lhe aqui constante no aspecto de ser algo que nos é inerente. (E_{4,1})</p> <p>Criatividade é uma característica do homem. É um elemento essencial à nossa existência. (E_{7,1})</p> <p>Criatividade...criatividade (...) é inerente ao ser humano. Ah penso que a criatividade é algo que esteve, esteve e está presente ao longo de toda a evolução do ser humano. (E_{10,1})</p> <p>Criatividade é ser-se criativo, ser-se criativo porque pressupõe o Ser, com letra grande, o ser humano. (E_{11,1})</p>
Criatividade é transformar	Verbalizações que se referem à criatividade enquanto processo ou capacidade de transformar.	<p>(...) não é mais do que se calhar, o transformar uma coisa menos perfeita numa coisa mais perfeita, (...) (E_{1,2})</p> <p>Mais que não seja transformamos. (E_{1,8})</p> <p>(...) criar algo a partir do que temos. (E_{3,2})</p> <p>(...) realizar qualquer coisa diferente, mais adequada, mais adaptada. E até melhor que todas as outras que já se conhecem. (E_{4,3})</p> <p>(...) criar não é só no sentido de fazer alguma descoberta, mas também como uma capacidade de transformar, o que é comum aos olhos dos outros em algo de diferente. (E_{5,2}).</p>
Criatividade é colocar um cunho pessoal	Verbalizações que se referem à criatividade enquanto forma de imprimir algo pessoal na relação com o que o rodeia.	<p>(...) imprimir, por assim dizer, a minha própria pessoa na minha relação com as coisas, na minha relação com os outros, na minha relação com o mundo. (E_{1,3})</p>

CATEGORIAS	DEFINIÇÃO	UNIDADE DE ANÁLISE
Criatividade é um processo interactivo e social	Verbalizações que se centram numa caracterização da criatividade como eminentemente social e resultante da interacção com os outros e com o meio	<p>(...) a criatividade no ponto de vista do trabalho passa sobretudo na minha relação, na relação que tenho com as coisas e as situações. (E_{1,4})</p> <p>(...) Há tantas situações, circunstâncias, em que nós... em que a própria circunstância em si serve de elemento que suscita a criatividade que passa a servir para dar resposta. (E_{1,6})</p> <p>É a forma de estar e pensar, que nos permite viver, ou talvez mesmo sobreviver num mundo em constante mudança (...) basta olhar para as exigências a que temos de ser capazes de responder em todas as coisas do dia a dia. (E_{6,1})</p> <p>(...) permite interagir com as outras pessoas e claro com tudo o que nos rodeia, utilizando o que sabemos e que naquele momento, naquela altura nos parece mais adequado. Nós somos todos diferentes e as situações também são diferentes logo é-nos exigido que quando agimos sejamos criativos. (...) criatividade é a capacidade de se adaptar a situações do dia a dia. (E_{7,2})</p> <p>Criatividade ... criatividade é uma forma de estar no mundo, na vida. (E_{8,1})</p> <p>Criatividade (...) é nós inovarmos muitos dos aspectos da vida quer do trabalho, laboral, quer mesmo na nossa vida pessoal. A maneira de lidarmos com o outro, com as situações, sobre aspectos novos depende sempre de novas maneiras de abordar o outro de cuidarmos. (E_{12,1})</p>
Criatividade é criar (cont.)	Verbalizações que se referem à criatividade como acto de criar, construir.	<p>A criatividade é sempre qualquer coisa que constrói. (...) criatividade vem de criação e é nesse sentido que todo o ser humano sente que de alguma forma, mesmo que não tenha pensado nisto, (...) está sistematicamente a criar. Somos de alguma forma co-criadores, sistematicamente criamo-nos. Criamos as coisas. (E_{1,7})</p> <p>Criatividade é a capacidade criadora de</p>

CATEGORIAS	DEFINIÇÃO	UNIDADE DE ANÁLISE
		<i>cada indivíduo. (E₂,1)</i> <i>(...) é o significado da palavra como acto de criar. (E₅,1)</i> <i>Pode ser criar. (E₉,3)</i>
<p>Criatividade é uma forma de resolução de problemas</p>	<p>Verbalizações que se referem à criatividade enquanto processo utilizado para resolver problemas.</p>	<p><i>Em busca de soluções pouco vulgares para a resolução dos problemas. (E₂,2)</i> <i>(...) uma criatividade que qualquer um de nós tem (...) serve para resolver problemas. (E₄,4)</i> <i>(...) procurar resolvê-los naquele espaço e naquele tempo(...). (E₆,3)</i> <i>É tentar arranjar soluções (...). (E₈,3)</i> <i>Criatividade é a forma que cada um de nós arranja para inovar em determinadas situações ou em determinados contextos (...) para a resolução de um determinado problema. (E₉,1)</i> <i>(...) criatividade é arranjar soluções para aquilo que nós não conseguiríamos arranjar caso não tivéssemos esta criatividade. (E₉,4)</i> <i>(...) a capacidade (...) para resolver o problema. Utilizar métodos que são novos para nós, inventar técnicas, inventar métodos de forma a resolver o problema ou de outra maneira de uma maneira mais eficaz ou de uma maneira mais barata ou efectivamente não tendo os instrumentos ou as técnicas inventá-los. (E₁₀,2)</i> <i>É dentro de qualquer situação (...) tentarmos com aquilo que está ao nosso alcance (...) fazer o melhor possível criando..., utilizando materiais..., pensando qual é a melhor forma para a resolver e termos os melhores resultados (...). (E₁₁,2)</i></p>
<p>Criatividade é flexibilidade (cont.)</p>	<p>Verbalizações que se referem à criatividade enquanto aptidão para formular ideias originais, ver e fazer de um modo diferente.</p>	<p><i>(...) aptidão de cada um, em formular ideias originais e criativas. (...) mais que tudo a formas diferentes de ver as coisas (...). (E₂,3)</i> <i>(...) criatividade é a capacidade de improvisar. (E₃,1)</i> <i>Criatividade (...) pode ser inventar. (E₉,2)</i> <i>(...) nem sempre temos ao nosso dispor o material necessário (...) temos que ir</i></p>

CATEGORIAS	DEFINIÇÃO	UNIDADE DE ANÁLISE
		<i>pensar e tentar arranjar e ver a mesma coisa de outra forma... isso é criatividade. (E_{11,3})</i> <i>(...) criatividade (...) é inovar, é fazer de forma diferente, incomum. (E_{12,2})</i>
Criatividade é ter a capacidade de ultrapassar obstáculos	Verbalizações que se referem à criatividade como uma capacidade de ultrapassar obstáculos.	<i>Ter a capacidade de ultrapassar obstáculos. (E_{3,3})</i>
Criatividade é arriscar	Verbalização que se referem à criatividade enquanto o ousar correr riscos para atingir algo que se aspira.	<i>Arriscar, para conseguir os nossos objectivos. (E_{3,4})</i>
Criatividade é um processo cognitivo	Verbalizações que se referem à criatividade como um processo de operações internas, mentais	<i>(...) utilizando as nossas capacidades intelectuais e os nossos conhecimentos conseguimos dar respostas. (E_{4,2})</i> <i>Criatividade é a capacidade de utilizarmos tudo do que dispomos, vivermos na plenitude. (E_{9,5})</i> <i>(...) para determinadas situações (...) pondo a nossa cabecinha a pensar um bocadinho, conseguimos chegar aos nossos objectivos de outra forma utilizando as nossas capacidades, isso é a criatividade (E_{11,4})</i>
Criatividade é a capacidade de encontrar novos problemas	Verbalizações que se referem à criatividade como uma capacidade de encontrar problemas onde à partida eles estariam todos resolvidos	<i>É a capacidade perante esta mudança, este desenvolvimento científico-tecnológico, (...) ter ainda a astúcia de encontrar novos problemas. (E_{6,2})</i> <i>(...) é encontrar problemas, pormenores. Onde em princípio os outros só vêm respostas e certeza. (E_{8,2})</i>

As 11 categorias referem-se à representação da concepção de criatividade dos participantes. Apresenta-se, seguidamente a sua análise e discussão acompanhadas de excertos de entrevistas que ilustram as representações da concepção de criatividade por parte dos participantes e concepções idênticas encontradas na literatura sobre o tema.

A criatividade é vista como algo que é **próprio do homem**, não como um dom ou um atributo especial de alguns mas como um potencial que lhe permite sobreviver e como tal é essencial à sua existência.

“Criatividade é uma característica do homem. É um elemento essencial à nossa existência.” (E₇,1)

A este respeito Saturnino de la Torre (2003) diz que “a criatividade é própria do homem [...] esta é a principal diferença relativamente a outras espécies animais” (p.21) e se o homem desaparecer a criatividade morre (De la Torre, 1989).

Para Csikszentmihalyi (1997) a criatividade é vista como necessária para a sobrevivência humana, para Vigotsky (*apud* Buoro, 1996) é mesmo essencial à sua existência.

“(...) a criatividade é essencialmente qualquer coisa de constitutiva à pessoa humana. Nós todos temos este potencial dentro de nós “ (E₁,1)

Também Alencar (1993) vê o potencial criativo como algo de que todo o ser humano é portador.

O transformar é também entendido como criatividade pois o indivíduo não cria a partir do nada, no vazio, ele transforma, modifica, adapta, tornando as coisas mais perfeitas e mais adequadas.

“(...) criar não é só no sentido de fazer alguma descoberta, mas também como uma capacidade de transformar, o que é comum aos olhos dos outros em algo de diferente.” (E₅,2).

Esta visão da criatividade é uma das apontadas por Alencar (1993), com base na análise de diversas definições, identificando-a como produtos novos enquanto transformação ou aperfeiçoamento de outros já existentes, desde que apropriados e úteis.

“(...) não é mais do que se calhar, o transformar uma coisa menos perfeita numa coisa mais perfeita, (...)” (E_{1,2})

“(...) realizar qualquer coisa diferente, mais adequada, mais adaptada. E até melhor que todas as outras que já se conhecem.” (E_{4,3})

Colocar um cunho pessoal, é uma outra forma emergente de concepção da criatividade, não basta saber ou saber fazer é também necessário sentir, entusiasmar-se, envolver-se emocionalmente quando se faz algo; esse envolvimento deixa na realização algo de diferente/novo e que corresponde à parte individual/pessoal que se colocou nesse acto.

“(...) imprimir, por assim dizer, a minha própria pessoa na minha relação com as coisas, na minha relação com os outros, na minha relação com o mundo.” (E_{1,3})

A criatividade é deixar marca nos outros, é projectar o mundo interior da pessoa no meio (De la Torre, 2003).

A criatividade é também verbalizada como um **processo interactivo e social**, pois é na interacção com o meio e com os outros que o indivíduo desenvolve a criatividade, sendo influenciado e influenciando, transformando e transformando-se na relação e para a relação. Há uma necessidade constante de vivenciar situações novas, de se acompanhar a evolução e as exigências sócio-culturais o que estimula e exige uma atitude criativa.

“É a forma de estar e pensar, que nos permite viver, ou talvez mesmo sobreviver num mundo em constante mudança (...) basta olhar para as exigências a que temos de ser capazes de responder em todas as coisas do dia a dia.” (E_{6,1})

A criatividade é um fenómeno que se desenvolve entre os atributos da pessoa e as exigências sociais, é uma forma de nos relacionarmos e, como tal, fruto da interacção sócio-cultural (De la Torre, 2003).

“(...) permite interagir com as outras pessoas e claro com tudo o que nos rodeia, utilizando o que sabemos e que naquele momento, naquela altura nos parece mais adequado. Nós somos todos diferentes e as situações também são diferentes logo é-nos exigido que quando agimos sejamos criativos. (...) criatividade é a capacidade de se adaptar a situações do dia a dia.” (E_{7,2})

Ela “não se produz dentro da cabeça das pessoas, mas sim na interacção dos seus pensamentos com o contexto sócio-cultural” (Csikszentmihalyi, 2004, p.41)

“Criatividade ... criatividade é uma forma de estar no mundo, na vida.” (E_{8,1})

A actividade criativa é uma forma de estar na vida e com a vida e que permite viver num mundo em constante mudança (Maslow, 1983).

O **criar** é também entendido como criatividade no sentido em que permite a criação de algo e até mesmo do próprio indivíduo, numa dinâmica constante.

“A criatividade é sempre qualquer coisa que constrói. (...) criatividade vem de criação e é nesse sentido que todo o ser humano sente que de alguma forma, mesmo que não tenha pensado nisto, (...) está sistematicamente a criar. Somos de alguma forma co-criadores, sistematicamente criamos-nos. Criamos as coisas.” (E_{1,7})

Em cada acto o homem é impelido a criar como forma de realizar algo novo ou de transformar e transformar-se (Ostrower, 1987), criar significa ter ideias, levar a cabo inovações valiosas, enriquecer a cultura e isto é criatividade (De la Torre, 2003).

Forma de resolução de problemas é uma realidade que os respondentes identificam como criatividade, na maneira de os contornar, nos métodos que se utilizam para os resolver e na procura de soluções.

“Criatividade é a forma que cada um de nós arranja para inovar em determinadas situações ou em determinados contextos (...) para a resolução de um determinado problema.” (E_{9,1})

A perspectiva da criatividade como resolução de problemas é partilhada por diversos autores, ilustra-o as seguintes definições: a criatividade é “a descoberta de novas e significativas conexões, o uso de vários pontos de vista e a selecção de alternativas (Isaksen & Parnes, 1985, *apud* Morais, 2001, p.35), “uma forma de solucionar problemas.” (Gagné, 1972, *apud* Sousa, 1998, p.61).

“(...) a capacidade (...) para resolver o problema. Utilizar métodos que são novos para nós, inventar técnicas, inventar métodos de forma a resolver o problema ou de outra maneira de uma maneira mais eficaz ou de uma maneira mais barata ou efectivamente não tendo os instrumentos ou as técnicas inventa-los.” (E_{10,2})

“É dentro de qualquer situação (...) tentarmos com aquilo que está ao nosso alcance (...) fazer o melhor possível criando..., utilizando materiais..., pensando qual é a melhor forma para a resolver e termos os melhores resultados (...).”(E_{11,2})

A **flexibilidade** também identificada pelos respondentes como criatividade, por permitir apreender dados de diferentes ângulos, de imaginar diversas soluções para um problema, de ver vários usos para um objecto e que permite realizações diferentes.

“(...) aptidão de cada um, em formular ideias originais e criativas. (...) mais que tudo a formas diferentes de ver as coisas (...).” (E_{2,3})

É a flexibilidade que permite à pessoa abordar as coisas de um modo diferente e encontrar empregos inusitados para elas (Kneller, 1978).

“(...) nem sempre temos ao nosso dispor o material necessário (...) temos que ir pensar e tentar arranjar e ver a mesma coisa de outra forma... isso é criatividade.” (E_{11,3})

Duas outras concepções da criatividade são a **capacidade de ultrapassar obstáculos** e **arriscar**, concepções que contemplam elementos da pessoa.

“Ter a capacidade de ultrapassar obstáculos.” (E_{3,3})

“Arriscar, para conseguir os nossos objectivos.” (E_{3,4})

O indivíduo criativo persiste face à resistência, tem vontade de superar obstáculos, de correr riscos (Amabile, 1996; Sternberg & Lubart, 1996).

Encontramos ainda a criatividade como um **processo cognitivo** enquanto conjunto de processos internos que permitem ao indivíduo adquirir, tratar e conservar a informação de modo a obter um produto.

“(...) utilizando as nossas capacidades intelectuais e os nossos conhecimentos conseguimos dar respostas.” (E_{4,2})

O pensamento criativo na perspectiva dos autores cognitivistas “não depende de competências especiais e inexplicáveis mas de ferramentas cognitivas habituais” (Morais, 2001, p.118).

“Criatividade é a capacidade de utilizarmos tudo do que dispomos, vivermos na plenitude.” (E_{9,5})

A **capacidade de encontrar novos problemas** é outra das concepções de criatividade que emergiu das verbalizações dos respondentes. Encontrar problemas em domínios em que o conhecimento atingiu já elevado nível de desenvolvimento e em que as questões que lhe dizem respeito parecem todas ter respostas, requer dos indivíduos astúcia para ver o pormenor e encontrar ainda deficiências e lacunas.

“É a capacidade perante esta mudança, este desenvolvimento científico-tecnológico, (...) ter ainda a astúcia de encontrar novos problemas.” (E₆,2)

O pensamento criativo é o processo que torna alguém sensível aos problemas, deficiências, hiatos e lacunas nos conhecimentos, e a leva a identificar dificuldades (Torrance, 1976).

“ (...) é encontrar problemas, pormenores. Onde em princípio os outros só vêm respostas e certeza.” (E₈,2).

Verificamos pelo número de categorias que a representação de criatividade dos participantes se ajusta com o que pode ser apreendido da literatura sobre o tema, onde a criatividade é considerada como um conceito complexo, multidimensional, com várias definições (Morais, 2001).

Na globalidade, as concepções contemplam os diferentes componentes da criatividade como sejam a pessoa, o produto, o processo e o contexto, o que é coerente com a literatura que os identifica como os “diferentes componentes inerentes ao conceito de criatividade” (Morais, 2001, p.35). Isto leva-nos a concluir que a criatividade é vista pelos participantes como complexa e multidimensional.

Analisando as 11 categorias emergentes dos enunciados dos participantes, no que se refere à sua concepção de criatividade, podemos enquadrá-las nos diferentes componentes do modelo dos quatro P's, da seguinte forma:

pessoa – “colocar um cunho pessoal”, “flexibilidade”, “capacidade de ultrapassar obstáculos”, “arriscar”, “capacidade de encontrar novos problemas”;

processo – “processo interactivo e social”, “forma de resolução de problemas”, “processo cognitivo”;

produto – “transformar”, “criar”;
contexto – “própria do Homem”.

Verificamos assim que: do ponto de vista da pessoa, surgem aspectos relacionados com características da personalidade e atitudes pessoais; o componente processo aparece quer na sua dimensão intrapessoal quer na sua dimensão interpessoal; o produto, por sua vez, é visto como criação ou transformação de algo novo que responde em utilidade ou satisfação; e, por fim, o contexto ocorre enquanto componente do processo que permite ao ser humano tornar-se pessoa.

Neste universo de opiniões expressas pelos participantes constata-se que a representação que têm de criatividade engloba um conjunto de informações orientadas de forma divergente e que se expressa não apenas na reprodução das suas propriedades, mas também, nos componentes que ela envolve e que permitem aos sujeitos familiarizarem-se com ela e com os seus requisitos, com vista à sua realização.

4.3. DIMENSÃO II “ENFERMEIRO CRIATIVO”

As categorias encontradas nesta dimensão são 15 e tiveram origem nas verbalizações expressas no âmbito da pergunta “O que é para si um enfermeiro criativo?”.

Na tabela 6 são apresentadas as categorias, suas definições e as diferentes unidades de análise que lhes deram origem.

Tabela 6 – Dimensão II “Enfermeiro criativo”

CATEGORIA	DEFINIÇÃO	UNIDADE DE ANÁLISE
Consciente do seu papel criador	Conceptualizações centradas em que o enfermeiro criativo é aquele que tem consciência da sua função criadora.	<i>(...) é aquele profissional que... tem primeiro consciência que diante das coisas tem o papel de criar, não tanto de as utilizar apenas como um objecto. (E1,9)</i>
Flexível	Conceptualizações do enfermeiro criativo como alguém que tem uma conduta aberta.	<p><i>Sendo a enfermagem uma profissão de relação, é-nos exigido um estar constante em relação com o outro. (...) esse é uma pessoa como eu, singular também, no momento do encontro com essa pessoa eu tenho necessidade de perante ela me adaptar (...). (E1,13)</i></p> <p><i>Sei lá, ser ... flexível, maleável o suficiente para os adaptar a si, ao meio para dar respostas eficazes. (E4,7)</i></p> <p><i>Para cuidar é preciso ver a pessoa como um todo ... de forma holística e isso exige do profissional (...) arranjar estratégias, para relacionar todas as partes daquele todo. (E9,7)</i></p> <p><i>Ora, um profissional de enfermagem criativo é aquele que não se assusta perante determinadas situações (...) na nossa vida profissional (...) todas as situações são diferentes e cada pessoa é uma pessoa. (E11,5)</i></p>
Motivado	Conceptualizações do enfermeiro criativo como sendo aquele que utiliza mecanismos quer internos quer externos como desencadeadores da sua acção.	<p><i>(...) capacidade de diante dos obstáculos estar motivado para.... (E1,11)</i></p> <p><i>(...) ter (...) satisfação pessoal. (E4,11)</i></p> <p><i>(...) nas condições mais adversas (...), encontrar forças para tudo isso. (E5,7)</i></p> <p><i>(...) muito desta vertente criativa na enfermagem pode ser trabalhada e desenvolvida, (...) mas tem mais a ver com o que nos motivou e nos continua a motivar para ser enfermeiros. (E6,7)</i></p> <p><i>(...) a falta de qualquer coisa faz com que nós tenhamos que arranjar técnicas de substituição, temos que repensar, de arranjar as nossas técnicas, as nossas atitudes, os nossos comportamentos e isso puxa imenso pela criatividade. (E10,5)</i></p>

CATEGORIA	DEFINIÇÃO	UNIDADE DE ANÁLISE
Arrisca	<p>Conceptualizações do enfermeiro criativo como alguém que de forma consciente arrisca de modo a dar uma resposta adequada</p>	<p><i>(...) é aquele que (...) diante das situações (...) arrisca agir em função de dar uma resposta criativa, adequada à situação, à pessoa de que cuidamos. (E1,12)</i></p> <p><i>(...) é aquele que sabe utilizar e que utiliza, correndo muitas vezes riscos. (E6,4)</i></p> <p><i>(...) é preciso (...) optar, quando se lida com saúde, doença vida ou morte é arriscado e nós temos que ter a coragem de correr esse risco. (E11,11)</i></p>
Aberto a sentimentos e emoções	<p>Conceptualizações do enfermeiro criativo como alguém que está receptivo à experiência interior daqueles que cuida</p>	<p><i>(...) criatividade nos enfermeiros passa não tanto por tornar as coisas visíveis mas sim passíveis de serem sentidas e vividas (...)(E1,14)</i></p> <p><i>Mas sobretudo dar respostas mais satisfatórias e menos sofridas para as pessoas que cuidamos. (E4,8)</i></p> <p><i>(...) a meta (...) é que o outro tenha o melhor bem-estar possível. (E4,10)</i></p> <p><i>(...) minimizar o sofrimento dos que o procuram como cuidador. (E6,6)</i></p>
Utiliza estratégias originais no cuidar	<p>Conceptualizações do enfermeiro criativo como aquele que utiliza formas de cuidar diferentes das convencionais</p>	<p><i>(...) um enfermeiro criativo é aquele que possui capacidade de arranjar estratégias originais, eficazes, ou seja formas pouco comuns, não convencionais de cuidar. (E2,4)</i></p> <p><i>É uma pessoa com capacidade de estar alerta e "vigilante" para cultivar a face oculta do que já existe. Conseguindo ter outra perspectiva e até mesmo atribuir outro sentido ao que é considerado de mais trivial no dia-a-dia. (E2,7)</i></p> <p><i>(...) para podermos cuidar o doente como deve ser (...) temos que nos valer de outras formas de poder contornar o problema e portanto isso é o dia a dia criar situações novas coisas novas. (E12,4)</i></p>
Aptidão para estimular a vida	<p>Conceptualizações do enfermeiro criativo como alguém com aptidão para desenvolver a possibilidade de existir</p>	<p><i>(...) com aptidões para estimular a vida, dando um especial ênfase à pessoa como centro do seu cuidar. Proporcionando-lhe como que um desafio à sua própria existência. (E2,6)</i></p>

CATEGORIA	DEFINIÇÃO	UNIDADE DE ANÁLISE
Supera obstáculos	<p>Conceptualizações do enfermeiro criativo como alguém que perante condicionantes contextuais não desiste e tenta ultrapassa-las</p>	<p><i>(...) um doente difícil que possa ter características com as quais me é particularmente difícil lidar... a minha criatividade passa, em eu poder agarrar aquilo que é belo para o doente mas que é um obstáculo para mim (...) e tentar de alguma forma que seja um bocado a substância da relação, (...). (E1,15)</i></p> <p><i>É um enfermeiro que trabalha com condições insuficientes, ou como sabe, na maior parte das vezes com condições deficientes para as necessidades do seu desempenho e que mesmo assim consegue arranjar maneira de contornar as situações. (E3,5)</i></p> <p><i>É aquele que com os escassos recursos que tem consegue pela forma como utiliza esses recursos, (...) colmatar as necessidades que o serviço apresenta e o exigente e singular que é cuidar. (E9,6)</i></p> <p><i>Mas não podemos deixar de fazer o nosso trabalho como deve ser, indo ao encontro das necessidades do utente só porque (...) nem sempre temos esses objectos ou utensílios ou seja o que for esse material todo à nossa disposição e não podemos deixar de fazer aquilo que achamos que é o ideal para o doente, (...) muitas das vezes temos que ser criativos. (E11,6)</i></p>
Dedicado	<p>Conceptualizações do enfermeiro criativo como alguém empenhado, dedicado, com vontade</p>	<p><i>(...) uma grande vontade, empenho, dedicação...(E3,7)</i></p> <p><i>Vontade, dedicação. (E5,6)</i></p> <p><i>(...) uma dedicação muito grande. (E7,4)</i></p> <p><i>É persistente. (E11,8)</i></p>
Sentido de humor	<p>Conceptualizações do enfermeiro criativo como alguém que tem sentido de humor</p>	<p><i>(...) boa disposição e sentido de humor para se conseguir desempenhar as nossas funções com o que se tem e da melhor maneira, os que assim o fazem são criativos (E3,8)</i></p>

CATEGORIA	DEFINIÇÃO	UNIDADE DE ANÁLISE
Sabe mobilizar conhecimentos e recursos	<p>Conceptualizações do enfermeiro criativo como aquele que perante as situações è capaz de mobilizar todo o tipo de conhecimento e recursos de que dispõe a fim de dar respostas mais adequadas</p>	<p><i>Nesta dinâmica de criar, (...) pegar naquilo que há dentro de nós, nas suas próprias característica singulares como pessoa. (E1,10)</i></p> <p><i>Um profissional criativo será aquele que consegue (...) mobilizar o que sabe ..., os seus conhecimentos científicos, utilizar os recursos técnicos e adaptá-los. (E4,6)</i></p> <p><i>(...) um enfermeiro criativo é aquele que utiliza sem medos, todas as ferramentas de que dispõe para cuidar de forma personalizada. (E4,9)</i></p> <p><i>(...) exercício mental de articular as coisas. (E5,4)</i></p> <p><i>É o que sabe utilizar e utiliza (...) todos os recursos pessoais, estruturais, materiais. (E6,5)</i></p> <p><i>Enfermeiro criativo é aquele que consegue articular o seu saber ser, fazer e estar para ver e cuidar o outro numa perspectiva holística. Na pratica do cuidar é-nos exigido um constante recurso aos nossos conhecimentos, às nossas vivências anteriores, à experiência, à capacidade de improvisar e criar e é ali naquele momento, na acção que temos de ser competentes para melhorar a qualidade de vida dos nossos doentes. (E7,3)</i></p> <p><i>(...) vamos buscar aos nossos conhecimentos de diferentes áreas, às nossas experiências anteriores e depois à que relacionar, adequar àquela pessoa que temos na nossa frente. (E9,8)</i></p> <p><i>(...) os tempos não param, a ciência evolui, as coisas mudam constantemente (...) temos de estar sempre actualizados (...) acumular saber é também saber pô-lo em prática e isto nas situações particulares de cada pessoa que cuidamos (...) e quem tem competência para fazer isto é um profissional criativo. (E10,6)</i></p> <p><i>(...) utiliza o que quer que seja que está ao seu alcance como ferramenta preciosa, se por acaso precisar dela para dar resposta às necessidades dos doentes. (E11,9)</i></p>

CATEGORIA	DEFINIÇÃO	UNIDADE DE ANÁLISE
Tem conhecimento do domínio	Conceptualizações do enfermeiro criativo como alguém que sabe, que tem conhecimentos da área	<i>(...) Ora (...) exige saber. (E5,5) Mas esta evolução, não nos dá descanso nenhum, antes pelo contrário, obriga-nos a optar, e para optar é preciso saber (...) (E11,10)</i>
Autoconfiante	Conceptualizações do enfermeiro criativo como aquele que tem confiança no seu saber e nas suas capacidades	<i>(...) ter confiança em nós, no que sabemos e no que somos capazes, ou melhor auto-confiança (...). (E10,3)</i>
Curioso	Conceptualizações do enfermeiro criativo como alguém curioso	<i>O enfermeiro criativo é curioso. (E11,7)</i>
É ser enfermeiro (inerente à profissão) (Cont.)	Conceptualizações do enfermeiro criativo não como algo particularmente característico de uma pessoa mas sim inerente ao exercício da enfermagem como arte	<i>(...) cuidar passa necessariamente por comunicar, é uma competência essencial na nossa profissão. (...) e a própria criatividade faz parte também da essência da comunicação. (...) sou criativo, eu comunico, eu cuido (...) (E1,16) Dai a enfermagem ser considerada uma arte. (E2,5) Resolve os problemas, (...) sem nunca perder de vista a pessoa que cuidamos. (E3,6) Um profissional de enfermagem criativo? Engraçado, a minha resposta pode parecer um chavão, mas se sempre se disse que a enfermagem é uma ciência e uma arte se calhar não é por acaso. (E4,5) Para mim ser enfermeiro quase que pressupõe ser criativo, basta pensar na necessidade constante de lidar, de cuidar, de comunicar com pessoas sempre diferentes; com histórias de vida diferentes; com situações de saúde de doença diferentes. (E5,3) (...) basta pensar no que é o nosso dia-a-dia no trabalho; pessoas diferentes, situações diferentes e será que algumas das muitas vezes em que cuidamos ou se quiser algum tratamento é igual ao outro, nunca, nunca. É isto..., sim isto é a nossa arte, isto é ser enfermeiro, isto é que é cuidar. (E8,4) (...) eu penso que todos os enfermeiros têm que ser criativos. (E10,4)</i>

CATEGORIA	DEFINIÇÃO	UNIDADE DE ANÁLISE
		<i>Um profissional de enfermagem criativo é o que todos nós somos no nosso dia-a-dia.</i> (E12,3)

Das 15 categorias podemos verificar que 14 dizem respeito a características da pessoa do enfermeiro e uma mais geral que se identifica não com a pessoa /enfermeiro mas com o ser enfermeiro. Apresenta-se, seguidamente, a sua análise e discussão acompanhadas de excertos de entrevistas que ilustram a representação do que é um enfermeiro criativo para os participantes e aspectos encontrados na literatura sobre o tema que as podem sustentar.

Ser consciente do seu papel criador é identificado com o enfermeiro criativo. Para se poder utilizar algo é fundamental dar-lhe sentido, ter consciência da sua existência.

“(...) é aquele profissional que... tem primeiro consciência que diante das coisas tem o papel de criar, não tanto de as utilizar apenas como um objecto.” (E1,9)

Para Saturnino de la Torre (2003) a actividade criativa tem a sua origem na consciência, só tendo consciência de que realmente a criatividade existe e está dentro de nós é que poderemos utilizá-la e, então, sermos pessoas criativas. Enquanto a ignorarmos teremos tendência a orientarmo-nos por e para as rotinas porque aí encontramos segurança em algo que já é conhecido e desta forma perdemos a oportunidade de sermos nós mesmos.

A **flexibilidade** (ser flexível) é uma característica que permite ao enfermeiro uma forma de estar e agir aberta, indispensável quando se é um profissional de cuidados onde se exige uma visão singular e simultaneamente holística daqueles de quem se cuida.

“Para cuidar é preciso ver a pessoa como um todo ... de forma holística e isso exige do profissional (...) arranjar estratégias, para relacionar todas as partes daquele todo.” (E9,7)

“Ora, um profissional de enfermagem criativo é aquele que não se assusta perante determinadas situações (...) na nossa vida profissional (...) todas as situações são diferentes e cada pessoa é uma pessoa.” (E11,5)

É esta flexibilidade que permite a diversidade e que se reflecte num agir criativo. São vários os autores (Alencar, 1992 e Barron, 1955; Mackinnon, 1959, 1962; Taylor, 1959, 1963; Guilford, 1971, 1977; Lowenfeld, 1947; Torrance, 1962, 1977; Logan,

1980, *apud* De la Torre 1993) que apontam a flexibilidade como uma característica da personalidade das pessoas criativas.

O enfermeiro criativo é **motivado**, na medida em que encontra nele, e também no meio, necessidades que transforma em objectivos e que geram a força impulsionadora da criatividade, quer como auto-realização quer como forma de concretizar uma acção.

“(...) capacidade de diante dos obstáculos estar motivado para....” (E1,11)

“(...) ter (...) satisfação pessoal.” (E4,11)

Amabile e Grysiewicz (1989) e Amabile (1996) dão grande ênfase ao papel da motivação no desenvolvimento da criatividade, considerando-o mesmo como o terceiro componente do seu modelo de criatividade. Enaltecem essencialmente o papel da motivação intrínseca que diz respeito à satisfação e envolvimento na tarefa, independentemente de reforços exteriores, que predispõe o indivíduo a desenvolver habilidades no domínio e a auto-realizar-se. Quanto à motivação extrínseca a autora diz que dependendo do tipo ela tanto pode ser contributiva para que o indivíduo complete a tarefa como também pode ser inibidora ao nível do desempenho.

Arrisca é outra das características verbalizadas, arriscar em função de dar uma resposta adequada. Quando se lida com pessoas, com a sua vida e a sua morte e se tem de tomar decisões tem-se necessariamente de correr o risco de decidir, de optar, de fazer. Não correr riscos é demitir-se do seu papel de cuidador, do seu papel criativo. “Os indivíduos criativos terão, então, ousadia, propensão para o desafio e o risco nos seus investimentos” (Eisenmon, 1987; Barron, 1988; Gardner, 1993; Russ, 1993; Weshsler, 1998, *apud* Morais, 2001, p. 75).

“(...) é aquele que sabe utilizar e que utiliza, correndo muitas vezes riscos.” (E6,4)

“(...) é preciso (...) optar, quando se lida com saúde, doença vida ou morte é arriscado e nós temos que ter a coragem de correr esse risco.” (E11,11).

Para Collière (1985) a criatividade está no cuidar, na medida em que os enfermeiros têm de ter a capacidade de correr o risco de redescobrir uma forma de cuidar onde ousem atender às grandes interrogações da vida e da morte.

O ter facilidade em arriscar é uma característica da personalidade criativa referida por vários autores (Barron, 1955; Mackinnon, 1959, 1962; Taylor, 1959, 1963; Hammer, 1961; Logon, 1980; Hacfele, 1962, *apud* De la Torre, 1993), que Davis (1986) e Morais (2001) englobam mesmo na lista dos atributos mais comumente atribuídos à pessoa criativa.

O ser **aberto a sentimentos e emoções**, uma forma de o enfermeiro ser receptivo ao sofrimento e às necessidades do outro que, enquanto agir criativo, lhe permite minimizar os sentimentos negativos da pessoa cuidada e promover o seu bem-estar.

“(...) criatividade nos enfermeiros passa não tanto por tornar as coisas visíveis mas sim passíveis de serem sentidas e vividas (...)”(E1,14)

“(...) a meta (...) é que o outro tenha o melhor bem-estar possível.” (E4,10)

“(...) minimizar o sofrimento dos que o procuram como cuidador.” (E6,6)

O indivíduo criativo é sensível e aberto às suas emoções e às dos outros, procurando o seu significado (Torrance, 1976), mostra disponibilidade para experienciar novos sentimentos e pensamentos sobre a vida, os outros e os acontecimentos (Csikszentmihalyi, 1997).

Utiliza estratégias originais no cuidar, o que faz como forma de dar resposta às situações do seu dia-a-dia, é considerado como criativo. Nem sempre os meios convencionais e as técnicas/processos standardizados conseguem ser adequados à pessoa ou à situação da pessoa que necessita deste ou daquele cuidado; ser criativo é, então, ter a originalidade de o fazer de outra forma, de uma forma mais apropriada.

“(...) um enfermeiro criativo é aquele que possui capacidade de arranjar estratégias originais, eficazes, ou seja formas pouco comuns, não convencionais de cuidar.” (E2,4)

“(...) para podermos cuidar o doente como deve ser (...) temos que nos valer de outras formas de poder contornar o problema e portanto isso é o dia a dia criar situações novas coisas novas.” (E12,4)

A originalidade, um aspecto comumente aceite por vários autores como característica da personalidade criativa (Lowenfeld, 1947; Barron, 1955; Mackinnon, 1959,1963; Hammer, 1961; Torrance, 1962,1977; Guilford, 1971;

Logon, 1980; Haefele, 1962, *apud* De la Torre, 1993), encontra-se neste contexto como a capacidade de realizar uma tarefa de forma incomum e de usar coisas de modo não habitual (Kneller, 1978), de pensar em novas formas à sua escolha (Sternberg & Lubart, 1996).

Aptidão para estimular a vida, outra característica identificadora do enfermeiro criativo, revela-se pelo aspecto central que ele dá a pessoa enquanto centro do cuidar, proporcionando-lhe uma confrontação da realidade em que se encontra como promotora de vida, da sua vida.

“(...) com aptidões para estimular a vida, dando um especial ênfase à pessoa como centro do seu cuidar. Proporcionando-lhe como que um desafio à sua própria existência.” (E2,6)

Ser criativo e desenvolver a criatividade é permitir a existência do homem (Csikszentmihalyi, 1997; De la Torre, 2003), assim, a pessoa pode ser criativa em todos os âmbitos da actividade humana, nomeadamente na saúde, quando, contribui para promover a vida e, conseqüentemente, a existência (De la Torre, 2003).

O enfermeiro que **supera obstáculos** é criativo na medida em que não deixa que as adversidades ou constrangimentos pessoais ou materiais interfiram na sua determinação para cuidar.

“É um enfermeiro que trabalha com condições insuficientes, ou como sabe, na maior parte das vezes com condições deficientes para as necessidades do seu desempenho e que mesmo assim consegue arranjar maneira de contornar as situações.” (E3,5)

“Mas não podemos deixar de fazer o nosso trabalho como deve ser, indo ao encontro das necessidades do utente só porque (...) nem sempre temos esses objectos ou utensílios ou seja o que for esse material todo à nossa disposição e não podemos deixar de fazer aquilo que achamos que é o ideal para o doente, (...) muitas das vezes temos que ser criativos.” (E11,6)

Para a pessoa criativa, o importante não são os factos ou dificuldades que podem interferir com as suas realizações mas sim a forma como as interpreta, que sentido e força extrai deles, não se deixar afundar nas dificuldades. Estas contribuem antes para o fortalecimento da sua resolução (Csikszentmihalyi, 1997).

Dedicação é também identificada como característica do enfermeiro criativo. O empenho e a dedicação ao trabalho é que permitem ao indivíduo submergir na tarefa a realizar, o que indubitavelmente é necessário à produção criativa.

“(...) uma grande vontade, empenho, dedicação...” (E3,7)

Uma realização criativa raramente é produto de um só momento, mas sim o produto de muitas horas de trabalho, talvez até produto de toda uma vida (Csikszentmihalyi, 1997).

O **sentido de humor** é uma característica apontada ao enfermeiro criativo, uma forma de ele conseguir lidar com as situações com que se depara e tem de resolver no seu trabalho. A este respeito José (2002) diz que o comportamento humoroso do enfermeiro, para além de trazer benefícios comprovados para a pessoa cuidada, ajuda também o enfermeiro a lidar com as situações emocionalmente marcantes com que se depara.

“(...) boa disposição e sentido de humor para se conseguir desempenhar as nossas funções com o que se tem e da melhor maneira, os que assim o fazem são criativos “ (E3,8)

Utilizar o humor como forma de expressar sentimentos e contrariedades revela criatividade (Kneller, 1978).

O sentido de humor é também uma das características frequentemente associadas à pessoa criativa (Davis, 1986; Morais, 2001). Para Koestler (1989, *apud* Morais, 2001) o sentido de humor é bissociativo, isto é uma situação é percebida simultaneamente de duas formas que em geral não são compatíveis, sendo a compreensão dessa incompatibilidade que gera o humor.

Aquele que **sabe mobilizar conhecimentos e recursos** também é considerado como enfermeiro criativo. O cuidar é complexo e requer do profissional o recurso a uma multiplicidade de elementos como conhecimento, destreza, saber-ser, intuição que ele deve mobilizar para poder ajudar alguém na sua situação singular.

“Um profissional criativo será aquele que consegue (...) mobilizar o que sabe ..., os seus conhecimentos científicos, utilizar os recursos técnicos e adaptá-los.” (E4,6)

“Enfermeiro criativo é aquele que consegue articular o seu saber ser, fazer e estar para ver e cuidar o outro numa perspectiva holística. Na prática do cuidar é-nos exigido um constante recurso aos nossos conhecimentos, às nossas vivências anteriores, à experiência, à capacidade de improvisar e criar e é ali naquele momento, na acção que temos de ser competentes para melhorar a qualidade de vida dos nossos doentes”. (E7,3)

“(...) vamos buscar aos nossos conhecimentos de diferentes áreas, às nossas experiências anteriores e depois à que relacionar, adequar àquela pessoa que temos na nossa frente.” (E9,8)

“(...) os tempos não param, a ciência evolui, as coisas mudam constantemente (...) temos de estar sempre actualizados (...) acumular saber é também saber pô-lo em prática e isto nas situações particulares de cada pessoa que cuidamos (...) e quem tem competência para fazer isto é um profissional criativo.” (E10,6)

Perante uma dada situação, o criativo voluntariamente desenvolve um processo perceptivo com utilização consciente da memória, da atenção e da intuição de modo a fazer reestruturações do conhecimento e experiência anterior para poder tomar decisões (Sousa, 1998).

Os respondentes entendem também que o enfermeiro criativo é aquele que **tem conhecimento do domínio**. É sobejamente aceite que para que se possa modificar ou melhorar algo dentro de determinada área é necessário deter conhecimentos que proporcionem algum domínio da mesma, para que essa acção traga algo de novo e de valor e então possa ser considerada criativa (Amabile, 1988; Csikszentmihalyi, 1997; De la Torre, 2003).

“Mas esta evolução, não nos dá descanso nenhum, antes pelo contrário, obriga-nos a optar, e para optar é preciso saber (...)” (E11,10)

O ser **autoconfiante** é também apontado como uma característica do enfermeiro criativo. A pessoa criativa acredita em si, nas suas capacidades e potencialidades para desempenhar as tarefas a que se propõe, tem confiança em si mesma (Kneller, 1978).

“(...) ter confiança em nós, no que sabemos e no que somos capazes, ou melhor autoconfiança (...)” (E10,3)

Gough (1979, *apud* Morais 2001) constatou que a autoconfiança era um dos substantivos que mais frequentemente os sujeitos criativos usavam para se caracterizar.

Outra característica é ser **curioso**, na medida em que a curiosidade leva o indivíduo a aceder e contactar com domínios e experiências diversas o que lhe permite ter novas ideias (Csikszentmihalyi, 1997).

“O enfermeiro criativo é curioso.” (E11,7)

Esta é uma das características das pessoas criativas mais encontradas nos estudos relacionados com este domínio da criatividade (Davis, 1986; Morais, 2001).

Por último, verificamos que alguns dos respondentes não fazem corresponder, nenhuma característica em particular à pessoa mas sim ao **ser enfermeiro**; é como um pressuposto de ser criativo. Cuidar, a essência da profissão de enfermagem, é sempre um acto único de estar com o outro, de comunicar, de lhe prestar ajuda visando o seu bem estar e a promoção da sua saúde, tudo isto nas singularidades da pessoa e da situação, o que é uma “obra de criação” (Bressand *et al.* 1985; Hesbeen, 2000).

“Para mim ser enfermeiro quase que pressupõe ser criativo, basta pensar na necessidade constante de lidar, de cuidar, de comunicar com pessoas sempre diferentes; com histórias de vida diferentes; com situações de saúde de doença diferentes.” (E5,3)

“(...) basta pensar no que é o nosso dia a dia no trabalho; pessoas diferentes, situações diferentes e será que algumas das muitas vezes em que cuidamos ou se quiser algum tratamento é igual ao outro, nunca, nunca. É isto..., sim isto é a nossa arte, isto é ser enfermeiro, isto é que é cuidar.” (E8,4)

É isto que juntamente com os conhecimentos e as competências características da profissão fazem da enfermagem uma ciência e uma arte (Collière, 2003; Hesbeen, 2000; Watson, 1988).

“Um profissional de enfermagem criativo? Engraçado, a minha resposta pode parecer um chavão, mas se sempre se disse que a enfermagem é uma ciência e uma arte se calhar não é por acaso.” (E4,5)

A criatividade tem lugar em qualquer profissão, pelo que temos a responsabilidade de não desaproveitar o potencial criativo que existe em cada um de nós (De la Torre, 2003).

O número de categorias que emergiram nesta dimensão e correspondendo cada uma delas a características que os respondentes identificam com o ser um enfermeiro criativo leva-nos a dizer que não há um protótipo de enfermeiro criativo, tal como na literatura também é consensual que não existe um perfil de pessoa criativa. Existem sim características que, com base em vários estudos, foram identificadas como as mais comumente encontradas em pessoas criativas (Davis, 1986; Morais, 2001).

Destas características, referidas por Davis (1986) e Morais (2001), as que também encontramos neste estudo foram: ser motivado, arriscar, ter sentido de humor, ser curioso e autoconfiante; destas também algumas emergiram no estudo realizado, com enfermeiros, por Kalischuk e Thorpe (2002) como sejam a disposição para correr riscos e a autoconfiança. Com alguma similaridade ainda com os dados encontrados neste estudo temos Fasnach (2003) que aponta no seu estudo como características que aumentam o potencial criativo de cada indivíduo a motivação e a vontade de correr riscos. Todas as outras características encontradas apesar de não se incluírem nas mais comuns, ou em estudos realizados com enfermeiros, fazem no entanto parte de outras também encontradas na literatura, porém menos consensuais.

Analisando as categorias que emergiram dos enunciadas dos participantes, no que se refere à sua representação de enfermeiro criativo, verificamos que ela se sustenta em vários aspectos ligados à pessoa, como cognição, atitudes, hábitos e valores; e ainda num mais abrangente, extrínseca à natureza humana e que se prende com o seu meio social.

Assim, a representação dos participantes é congruente com o expresso na teoria por Torrance 1962, Davis 1986, Eysenk 1999, Gardner 1998, Morais 2001 e De la Torre 2003 de que são várias as características pessoais comumente associadas à realização criativa, porém nenhuma delas por si só é suficiente para que se seja criativo; também o facto de o aspecto de ser enfermeiro, logo não pessoal, surgir remete-nos para um contexto muito mais vasto que poderemos sustentar nas considerações de Csikszentmihalyi (1988, 1990) de que é necessário para justificar

um comportamento criativo passar do contexto do indivíduo para o indivíduo em contexto.

4.4. DIMENSÃO III: CRIATIVIDADE NO CUIDAR

A informação integrada nesta dimensão provem da questão “Gostaria que recordasse e descrevesse uma situação de cuidar em que considere ter sido criativo”. Dessa informação emergiram 3 categorias e 16 subcategorias.

4.4.1. Contexto

A categoria contexto engloba todas as situações descritas na forma como elas se apresentaram, as 8 subcategorias referem-se ao que as caracteriza.

Na tabela 7 é apresentada esta categoria, as subcategorias, suas definições e as diferentes unidades de análise que lhes deram origem.

Tabela 7 – Dimensão III “Criatividade no cuidar”. Contexto

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	DEFINIÇÃO	UNIDADE DE ANÁLISE
O contexto (Cont.)	Carência de recursos materiais e humanos (Cont.)	Verbalizações que se referem a situações de falta dos recursos materiais e humanos adequados para prestar determinado cuidado	<p>(...) <i>aquele doente (...) precisava de ser mudado, (...) precisávamos de um casaco de pijama e demo-nos conta de que não havia casacos. (...) precisava de uma coisa muito concreta para aquela pessoa... precisava, e a certo momento eu não a tinha; e recordo-me perfeitamente do percurso que fiz desde a enfermaria até ao sítio onde está a roupa (...) tens é de resolver o problema. (...) era Inverno estava muito frio, não havia casacos de pijama mas conseguimos umas calças. (...) (E1,17)</i></p> <p>(...) <i>nós na unidade é que preparamos as alimentações parentéricas e precisamos de sistemas de soros opacos, para aquilo não se degradar com a luz. E mais uma vez, como é muito comum não é, houve uma ruptura de stock no hospital. (E3,9)</i></p> <p>(...) <i>num serviço em que tem que prestar cuidados de enfermagem a crianças ou adultos e não tem material suficiente para prestar esses cuidados (...) tem que ser criativa para encontrar uma forma de o fazer é preciso, tem de ser feito, não vale a pena argumentar não se faz porque não há material ou outra razão qualquer. Por exemplo para mudar um penso tem que ser criativa o bastante para utilizar a técnica asséptica cirúrgica sem material esterilizado suficiente (E9,12)</i></p> <p>(...) <i>não foi só cuidar, foi um</i></p>

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	DEFINIÇÃO	UNIDADE DE ANÁLISE
(Cont.)			<p><i>cuidar e um tratar, porque foi uma situação de equipa (...) foi numa situação de emergência em que nós tivemos que imediatamente fazer uma drenagem torácica e com o material que tínhamos à disposição, (E10,7)</i></p> <p><i>(...) antes de haver as estufas para as arrastadeiras se nós pensarmos num doente acamado idoso já por si tem muito mais frio do que os doentes noutras idades no meio do Inverno e com uma arrastadeira a meio da noite a ser colocada não era uma coisa muito agradável. (E11,12)</i></p> <p><i>...não havia as calhas de lavagem de cabeças... nós tínhamos que as lavar (E11,20)</i></p> <p><i>(...) Criativas somos nós todos os dias mas isso é no nosso dia a dia, no básico que nós criamos, uma ligadura, as vezes a falta de material, (...). Uma doente com paralisia que estava numa situação de imobilização na cama, (...) ela estava muito mesmo em baixo quer física quer psicologicamente. (...) havia necessidade de estimular aquela doente para que pudesse por um lado melhorar a auto-estima por ela e, por outro nada como iniciar o levante. O levante que iria fazer bem a muitos nêveis, (...) não havia meios para o fazer porque os elementos de enfermagem eram poucos de maneira a que fossem dois, sei lá, para fazer o levante uma sozinha não iria conseguir...(E12,5)</i></p>

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	DEFINIÇÃO	UNIDADE DE ANÁLISE
(Cont.)	Ambiente hospitalar hostil	Verbalizações que se referem a situações relacionadas com aspectos como o ambiente hospitalar e certo tipo de material.	<i>...nas enfermarias de crianças em que nós tentávamos (...) com um pouco da nossa criatividade diminuir o que era o peso de tracções, do gesso porque isto visualmente para eles era uma coisa muito complicada, agressiva. (E11,15)</i> <i>(...) referente ao ambiente no hospital, ao frio, a história de quando as nossas utentes já idosas faziam os levantes para os cadeirões como é que conseguíamos conciliar isso com o levante, tinham sempre frio nos pezinhos, (E11,17)</i>
	Não aceitação das limitações físicas impostas pela doença	Verbalizações que se referem a situações relacionadas com a falta de sentido para viver que certas limitações físicas, nomeadamente paraplegia, provocam na pessoa cuidada	<i>Um homem novo, pai de família, um dia num acidente ficou paraplégico. (...) Ele entrou no serviço sem vontade de nada, a vida para ele não fazia sentido, queria morrer, sim ele chegou a dizer isto; e a família quase o mesmo. (...) Ensinar-lhe tudo, por exemplo a fazer transferências ou outra coisa qualquer, quando ele não acreditava que aquilo lhe servisse para alguma coisa. (E8,5)</i>
	Não aceitação da auto-imagem imposta pela doença (Cont.)	Verbalizações que se referem a situações relacionadas com as alterações de imagem corporal que certas doenças e tratamentos provocam na pessoa cuidada e por ela difíceis de aceitar.	<i>(...) uma senhora, ainda uma jovem, com uma neoplasia metastizada em fase terminal, um período já arrastado de sofrimento pela doença pelos tratamentos, bem por tudo o que isto é e trás. (...) por mais tentativas que fizéssemos ela nunca conseguiu aceitar a doença. Se é que isto é possível, recusava as visitas, era renitente aos tratamentos e sei lá ...isolou-se de tudo e de todos. Mas, custava-me vê-la assim. E nunca me conformei. Uma manhã durante os</i>

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	DEFINIÇÃO	UNIDADE DE ANÁLISE
(Cont.)			<i>cuidados de higiene, o corpo já muito emagrecido, transfigurado quase inanimado, mas a força interior e a vontade foram mais fortes. E veja bem como são as coisas ela pede-me para ver o marido e os filhos. De lágrimas nos olhos disse: ajude-me para que eles me vejam bonita. (E5,8)</i>
	Não adesão ao tratamento	Verbalizações que se referem a situações em que a pessoa cuidada não estava receptiva a um tratamento	<i>(...) uma menina de 6 anos, (...), que tinha uma doença grave numa fase já bastante avançada e volta a ser internada outra vez, porque o seu estado se agravou. (...) estava cansada, esgotada de tanto internamento, de tanto sofrer. No olhar dela via-se dor, desconfiança e nem queria que nos aproximássemos dela. Quando nos via gritava e chegava mesmo a ser agressiva. Naquela altura tinha de lhe canalizar uma veia para começar o tratamento. (...) Quando me viu preparar o material começou a gritar (...). (E2,8)</i>
	Comunicação (Cont.)	Verbalizações que se referem a situações relacionadas com aspectos de comunicação entre o enfermeiro e a pessoa cuidada, nomeadamente de pessoas que falam outra língua	<i>(...) entrou na urgência um sujeito de nacionalidade ucraniana, a quem fizeram o diagnóstico de apendicite aguda, não falava nem entendia uma palavra de português. O homem de olhos muito abertos olhava para toda aquela gente à sua volta, a falar, a tocar-lhe, põem termómetro, colhem sangue, vai ao rx. Uns saem outros entram, tentaram falar com ele em francês, inglês, espanhol ...mas ele não falava nem entendia nada, a certa altura o homem agarra-me no braço, mas com força, e fixou-</i>

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	DEFINIÇÃO	UNIDADE DE ANÁLISE
(Cont.)			<p><i>me nos olhos. Aí, cai na realidade e percebi, que apesar da dificuldade na comunicação verbal, aquele homem fosse de que maneira fosse tinha direito, e pelo aperto que me deu no braço reclamava-o mesmo, a saber o que se passava consigo. (E6,8)</i></p> <p><i>(...) a trabalhar num país onde não falamos a língua ou quando temos de cuidar de uma pessoa com a qual temos limitações em termos de comunicação, (...) tive muitas vezes de utilizar recursos que não tinha, nomeadamente para me fazer entender e para perceber o que os outros queriam dizer. Uma das mais frequentes era por exemplo quando me chegava uma criança, (...) a maneira de entrar em contacto com ela e de comunicar com ela (...)</i> (E9,9)</p>
	Dificuldade no cumprimento de necessidades espirituais	Verbalizações que se referem a situações relacionadas com a dificuldade em que certas pessoas, quando internadas num hospital, podem ter em cumprir as suas necessidades espirituais, quer por condicionantes espaciais quer por determinado tipo de materiais utilizados no seu tratamento	<p><i>(...) um doente de ortopedia com fractura dos membros inferiores com tratamento conservador, tinha um gesso numa perna e uma tracção na outra, mas isto era apenas uma das peças do puzzle. (...) Com este homem para além das fracturas das pernas a sua maior preocupação era porque ele era muçulmano e era altura do Ramadão e ele tinha que rezar, cumprindo os rituais da posição e da orientação. (E7,5)</i></p>
	Cuidar em pediatria (Cont.)	Verbalizações que se referem não a uma situação	<p><i>(...) em nenhuma situação particular, mas sempre e quando cuido no meu serviço, a</i></p>

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	DEFINIÇÃO	UNIDADE DE ANÁLISE
		concreta, mas de um modo geral ao cuidar crianças	<i>pediatria</i> (E4,12)

Apresenta-se a seguir a análise e discussão dos dados, referentes à subcategoria contexto, ilustrados por excertos de entrevistas.

Verificamos que as situações são diversas o que nos levar a crer que os enfermeiros sentem que a sua criatividade se pode desenvolver em diferentes momentos e realidades da sua prática; apresentam-se seguidamente excertos de entrevistas que as ilustram.

A carência de recursos materiais e humanos e um ambiente hospitalar hostil são uma realidade com que os enfermeiros se deparam com frequência, porém eles não podem refugiar-se nisso para não prestarem os cuidados de que a pessoa necessita, mais que não seja porque se lida com saúde/doença, sofrimento/bem-estar e em última instância vida/morte.

“(...) num serviço em que tem que prestar cuidados de enfermagem a crianças ou adultos e não tem material suficiente para prestar esses cuidados (...) tem que ser criativa para encontrar uma forma de o fazer é preciso, tem de ser feito, não vale a pena argumentar não se faz porque não há material ou outra razão qualquer. Por exemplo para mudar um penso tem que ser criativa o bastante para utilizar a técnica asséptica cirúrgica sem material esterilizado suficiente” (E9,12)

“(...) não foi só cuidar, foi um cuidar e um tratar, porque foi uma situação de equipa ...) foi numa situação de emergência em que nos tivemos que imediatamente fazer uma drenagem torácica e com o material que tínhamos à disposição,“ (E10,7)

“...nas enfermarias de crianças em que nós tentávamos (...) com um pouco da nossa criatividade diminuir o que era o peso de tracções, do gesso porque isto visualmente para eles era uma coisa muito complicada, agressiva.” (E11,15)

O enfermeiro tem sim que reflectir e encontrar formas concretas, inovadoras, diferentes de suprimir essas carências.

“(...) Criativas somos nós todos os dias mas isso é no nosso dia a dia, no básico que nós criamos, uma ligadura, as vezes a falta de material, (...). Uma doente com paralisia que estava numa situação de imobilização na cama, (...) ela estava muito mesmo em baixo quer física quer psicologicamente. (...) havia necessidade de estimular aquela doente para que pudesse por um lado melhorar a auto estima por ela e, por outro nada como iniciar o levante. O levante que iria fazer bem a muitos níveis, (...) não havia meios para o fazer porque os elementos de enfermagem eram poucos de maneira a que fossem dois, sei lá, para fazer o levante uma sozinha não iria conseguir...” (E12,5)

A não-aceitação das limitações físicas e da auto-imagem impostas pela doença bem como a não adesão ao tratamento são situações que a pessoa doente experiencia e com as quais o enfermeiro tem de se confrontar e responder conjuntamente com o doente, de modo a conseguir cumprir a sua função de cuidador

que visa o bem-estar e a promoção da saúde do outro. O que passa por o enfermeiro conseguir levar a pessoa a encontrar na situação que vivencia – doença – um sentido para a vida.

“Um homem novo, pai de família, um dia num acidente ficou paraplégico. (...) Ele entrou no serviço sem vontade de nada, a vida para ele não fazia sentido, queria morrer, sim ele chegou a dizer isto; e a família quase o mesmo. (...) Ensinar-lhe tudo, por exemplo a fazer transferências ou outra coisa qualquer, quando ele não acreditava que aquilo lhe servisse para alguma coisa.” (E8,5)

“(...) uma senhora, ainda uma jovem, com uma neoplasia metastizada em fase terminal, um período já arrastado de sofrimento pela doença pelos tratamentos, bem por tudo o que isto é e trás. (...) por mais tentativas que fizéssemos ela nunca conseguiu aceitar a doença. Se é que isto é possível, recusava as visitas, era renitente aos tratamentos e sei lá ...isolou-se de tudo e de todos. Mas, custava-me vê-la assim. E nunca me conformei. Uma manhã durante os cuidados de higiene, o corpo já muito emagrecido, transfigurado quase inanimado, mas a força interior e a vontade foram mais fortes. E veja bem como são as coisas ela pede-me para ver o marido e os filhos. De lágrimas nos olhos disse: ajude-me para que eles me vejam bonita..” (E5,8)

“(...) uma menina de 6 anos, (...), que tinha uma doença grave numa fase já bastante avançada e volta a ser internada outra vez, porque o seu estado se agravou. (...) estava cansada, esgotada de tanto internamento, de tanto sofrer. No olhar dela via-se dor, desconfiança e nem queria que nos aproximássemos dela. Quando nos via gritava e chegava mesmo a ser agressiva. Naquela altura tinha de lhe canalizar uma veia para começar o tratamento. (...) Quando me viu preparar o material começou a gritar (...).” (E2,8)

A enfermagem é uma profissão de relação, e a **comunicação** é a própria relação, sem ela, a relação enfermeiro – pessoa cuidada não existe. Para que o enfermeiro possa cuidar é essencial que ele comunique quer como emissor de modo a poder transmitir informação quer como receptor de modo a poder reconhecer o outro; só partindo desta dupla função na comunicação o enfermeiro poderá cuidar.

“(...) entrou na urgência um sujeito de nacionalidade ucraniana, a quem fizeram o diagnóstico de apendicite aguda, não falava nem entendia uma palavra de português. O homem de olhos muito abertos olhava para toda aquela gente à sua volta, a falar, a tocar-lhe, põem termómetro, colhem sangue, vai ao rx. Uns saem outros entram, tentaram falar com ele em francês, inglês, espanhol ...mas ele não falava nem entendia nada, a certa altura o homem agarra-me no braço, mas com força, e fixou-me nos olhos. Aí, cai na realidade e percebi, que apesar da dificuldade na comunicação verbal, aquele homem fosse de que maneira fosse tinha direito, e pelo aperto que me deu no braço reclamava-o mesmo, a saber o que se passava consigo.” (E6,8)

O enfermeiro tem assim de recorrer a diferentes formas e estratégias que viabilizam a comunicação para que realmente possa cuidar respeitando os direitos (direito a ser informado, direito de optar, direito de decidir) e as necessidades do outro (necessidades de comunicar, necessidades de ser visto na sua singularidade).

As **necessidades espirituais** do doente, tal como todas as necessidades da pessoa, devem ser respeitadas e asseguradas pelo enfermeiro quando o próprio não as

consegue realizar e se encontra ao seu cuidado, talvez porque nem sempre se tornam tão visíveis as repercussões da sua não satisfação e também pela dificuldade que por vezes existe em possibilitar, no contexto hospitalar, certos rituais, esta necessidade é por vezes descurada, apesar da consciência existente de que a espiritualidade faz parte do eu e de que permite à pessoa encontrar um sentido na doença e no sofrimento.

“(...) um doente de ortopedia com fractura dos membros inferiores com tratamento conservador, tinha um gesso numa perna e uma tracção na outra, mas isto era apenas uma das peças do puzzle. (...) Com este homem para além das fracturas das pernas a sua maior preocupação era porque ele era muçulmano e era altura do Ramadão e ele tinha que rezar, cumprindo os rituais da posição e da orientação.” (E7,5)

Também o **cuidar em pediatria**, cuidar de crianças doentes reveste-se de uma complexidade e particularidade muito grande, tem de se agir de modo a que uma experiência como é a doença e a hospitalização se torne o menos traumática possível.

“(...) em nenhuma situação particular, mas sempre e quando cuido no meu serviço, a pediatria” (E4,12)

Cuidar crianças é muito mais que tratar a sua doença e cuidá-la naquele momento, é também evitar que esta seja impeditiva de um desenvolvimento harmonioso e de uma vida plena.

Pela diversidade de situações descritas podemos constatar que em termos de representação os enfermeiros consideram que as diferentes realidades contextuais do seu dia-a-dia se revestem de singularidades e particularidades tais que requerem uma abordagem diferente, em que não é possível manter uma ordem e uniformidade técnica. Isto pressupõe abandonar formas rotineiras de pensar e agir e ter a capacidade de sair de um círculo que poderia ser vicioso e não conducente a uma solução alimentadora de um acto de trabalho criativo. A diversidade contextual, em que se desenrola o cuidar, rica em estímulos e acções vivenciais, é reconhecida como promotora do desenvolvimento do potencial criativo, na medida em que requer do profissional a capacidade de (re)estruturação do campo de acção e posterior tomada de decisão. O que está de acordo com o estudo realizado por Fasnach (2003) onde a autora aponta que a criatividade na prática de enfermagem é influenciada pelos contextos em que estes ocorrem o que se reflecte no produto. Reportando-nos ainda à teoria, podemos, pois considerar os contextos em que o cuidar em enfermagem se

insere como contextos desafiadores, os quais Amabile (1988, 1996) considera como estimulantes da criatividade.

Leininger (1978) considera mesmo que o cuidar e os cuidados de enfermagem só serão congruentes e benéficos na medida em que atenderem aos contextos que são necessariamente carregados de cultura.

4.4.2. Processo

A categoria processo engloba as estratégias que os enfermeiros utilizam para dar respostas às situações de cuidar descritas; as 4 subcategorias referem-se às diferentes estratégias de resposta.

Na tabela 8 é apresentada esta categoria, as subcategorias, suas definições e as diferentes unidades de análise que lhes deram origem.

Tabela 8 – Dimensão III “Criatividade no cuidar”. Processo

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	DEFINIÇÃO	UNIDADE DE ANÁLISE
O processo (Cont.)	Adaptando recursos (Cont.)	Verbalizações que se referem a processos de adaptação de recursos materiais para suprimir necessidades	<p><i>...eu tinha mesmo era de resolver o problema e pensar naquela pessoa. Peguei nas calças e depois de já lavado o doente e mudada a cama inseri as calças nos braços do doente. Parece uma situação muito absurda não é, mas que de alguma forma resolveu a situação, os braços e o tronco ficaram cobertos, (E1,18)</i></p> <p><i>Acho que naquele contexto, algo caricato procurei de alguma forma adaptar o que na altura era acessível, apesar de inadequado respondia a uma necessidade. Insiro esta situação num quadro surrealista mas que pode constituir um exemplo assim muito claro desta forma ou necessidade de nas coisas mais banais do meu/nosso dia-a-dia do ser enfermeiro/do cuidar, termos de ser criativos. (E1,20)</i></p> <p><i>Lá tivemos nós que ser criativos, resolvemos envolver todo o sistema em papel de alumínio e para não se desmanchar passamos adesivo todo a volta, e digo-lhe resultou na perfeição. (E3,10)</i></p> <p><i>(...) portanto tem que inovar tem que ir á procura de formas novas tem que transformar aquilo que tem (E9,13)</i></p> <p><i>(...) não era o mais adequado mas, que servia os propósitos.</i></p> <p><i>(...) da maneira como foi pensado e utilizado na altura (E10,8)</i></p> <p><i>(...) também tínhamos que arranjar um sistema (...) uma forma para que não sentissem tanto frio arranjando umas fraldinhas uns lençóis ou uns cobertores ali à volta</i></p>

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	DEFINIÇÃO	UNIDADE DE ANÁLISE
(Cont.)			<p><i>enrolávamos fazíamos aquilo e como tal tentávamos também que à visão não ficasse assim uma coisas muito feia(...). O aspecto estético sim tentávamos fazer assim umas coisas tipo mesmo sapatinhos...(E11,18)</i></p> <p><i>...a gente inventava coisas com plásticos e bacias baixinhas e sei lá o que a gente fazia. (E11,21)</i></p> <p><i>...e tive que ver o problema de outra forma para encontrar as soluções possíveis. (...)</i></p> <p><i>necessitava de uma prancha para poder fazer o transporte, a transferência da cama para cadeira de rodas, como não existia (...) o que me ocorreu no momento foi o tabuleiro da medicação que era um tabuleiro grande (...) virar aquilo ao contrario e ajudar a fazer a transferência, fazer daquilo uma tábua de transferência correu com sucesso...(E12,6)</i></p>
	<p>Brincando ao faz de conta (Cont.)</p>	<p>Verbalizações que se referem a processos lúdicos de lidar com as situações</p>	<p><i>(...) fez-se-me um clique, e outras situações e a forma com as resolvi emergiram ao meu pensamento. E achei que esta podia ser a dica para contornar a situação para arranjar uma solução, para chegar a ela. Comecei por uma conversa com ela, sentei-me aos pés da cama e perguntei: então Sofia, já sei que queres ser como eu quando fores grande, uma enfermeira que cuida de meninos que têm dói-dói. (...) Lembrei-me de lhe perguntar se ela queria ser a minha enfermeira. (...) agora, neste momento! Sabes, é que eu estive a vomitar muito e agora preciso de pôr esse tubinho no braço com o soro, que tu já</i></p>

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	DEFINIÇÃO	UNIDADE DE ANÁLISE
(Cont.)			<p><i>sabes o que é, para poder ficar boa. Se tu aceitares ser a minha enfermeira és tu que vais cuidar de mim. Assim até é engraçado, porque eu sou a tua enfermeira e tu és a minha!</i> (E2,9)</p> <p><i>(...) crio e recrio o espaço físico, crio e recrio a forma e a explicação de uma técnica, transformo uma intervenção de enfermagem numa brincadeira.</i> (E4,13)</p> <p><i>(...) para mim o melhor de tudo é desta maneira apagar a imagem da enfermeira que faz dói-dói. E eu crio, e ora aqui está o mais espectacular da minha capacidade criativa, a imagem de alguém que sabe brincar ao faz de conta, (...)</i> (E4,16)</p>
	Recriando o aspecto físico	Verbalizações que se referem a formas e meios utilizados para melhorar a aparência da pessoa cuidada	<p><i>Preparamos tudo, um lenço na cabeça por causa da alopecia, bluch, sombra nos olhos, batom ...e mais... uma camisola de lã grossa, dava-lhe um ar mais cheinho. Com dificuldade mas sentámo-la na poltrona e por cima das pernas uma manta de xadrez a condizer. Quis ver-se ao espelho, esboça um sorriso e beija-me a mão. À hora marcada a família chegou, o momento foi deles, não vem agora para aqui.</i> (E5,9)</p>
	Utilizando formas não convencionais de cuidar (Cont.)	Verbalizações que se referem ao recurso a modos diferentes do habitual, pouco convencionais de cuidar	<p><i>Não foi fácil mas com gestos, desenhos, um toque, um sorriso e piscar de olhos, oh... e muito mais, no pouco tempo disponível era urgente ir para o BO, eu acho que fui capaz; não sei, mas que tentei, tentei. A forma não foi a convencional.</i> (E6,9)</p> <p><i>Dei voltas e mais voltas à cabeça, eu tinha que resolver</i></p>

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	DEFINIÇÃO	UNIDADE DE ANÁLISE
(Cont.)	(Cont.)		<p><i>aquele problema. Primeiro arranjei maneira de autorizarem que se mudasse a posição da cama na enfermaria (...) A seguir foi conseguir que com aquele arsenal todo o doente conseguisse a posição de joelhos e foi pensando nas camas rotativas que me inspirei e com duas talas de Brawn eu conseguia manter o alinhamento do membro e passar o doente para decúbito ventral depois enquanto ele rezava eu mantinha a tracção manualmente. (E7,6)</i></p> <p><i>Mas fui teimosa, insistia, usei tudo o que tinha, o que sabia e mais o que inventava. Mas serviu, um dia depois daquelas artimanhas todas, de tanta adaptação ...tábuas, cintos ... ele conseguiu fazer a transferência sozinho. (E8,6)</i></p> <p><i>...para além do sorriso, porque o sorriso é universal era precisamente ir buscar a forma mais fácil de chegar até ela, de comunicar com ela e isto requer criatividade, nomeadamente através de desenhos, uma vez que eu não falava a língua, (...) (E9,10)</i></p> <p><i>(...) cortávamos, porque também não havia muito ao nosso dispor, cortávamos um bocado de resguardo dos descartáveis e nós púnhamos uma tirinha, ou de uma fralda íamos cortando assim umas partes, e púnhamos em cima da zona da arrastadeira que iria ficar em contacto com o doente...(E11,13)</i></p> <p><i>(...) com ligaduras fazíamos bonecas e pintávamos gessos</i></p>

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	DEFINIÇÃO	UNIDADE DE ANÁLISE
			<p><i>(...) enfim um sem numero de situações desse tipo... (E11,16)</i></p> <p><i>(...) dentro da mesma situação nós temos que ir tentando ir ao encontro da necessidade da pessoa que está à nossa frente e do que ela nos diz que sente, abandonando normas e procedimentos estereotipados. (E11,22)</i></p>

Apresenta-se a seguir a análise e discussão dos dados, referentes à subcategoria processo, ilustrados por excertos de entrevistas.

Adaptando recursos, dar utilidades diferentes a determinadas coisas que não aquela para a qual foram concebidas é uma estratégia frequentemente utilizada pelos enfermeiros para suprimir carência de recursos.

“(...) não era o mais adequado mas, que servia os propósitos.(...) da maneira como foi pensado e utilizado na altura.” (E10,8)

Ele pensa e então adapta, ele transforma, ele cria aquilo de que necessita para poder cuidar e para tal ele vê o problema de outra forma, ele move o pensamento em várias direcções, ele dá diferentes utilidades àquilo de que dispõe para dar uma resposta útil mas que também é nova.

“...a gente inventava coisas com plásticos e bacias baixinhas e sei lá o que a gente fazia.” (E11,21)

“...e tive que ver o problema de outra forma para encontrar as soluções possíveis. (...) necessitava de uma prancha para poder fazer o transporte, a transferência da cama para cadeira de rodas, como não existia (...) o que me ocorreu no momento foi o tabuleiro da medicação que era um tabuleiro grande (...) virar aquilo ao contrario e ajudar a fazer a transferência, fazer daquilo uma tábua de transferência correu com sucesso...”(E12,6)

É reconhecido aqui o papel da flexibilidade do enfermeiro no processo que utiliza. A flexibilidade é um dos elementos necessários à ocorrência do processo criativo.

“Acho que naquele contexto, algo caricato procurei de alguma forma adaptar o que na altura era acessível, apesar de inadequado respondia a uma necessidade. Insiro esta situação num quadro surrealista mas que pode constituir um exemplo assim muito claro desta forma ou necessidade de nas coisas mais banais do meu/nosso dia a dia do ser enfermeiro/do cuidar, termos de ser criativos.” (E1,20)

Brincando ao faz de conta, a fantasia, para além de permitir pensar acerca de possibilidades futuras, é também uma forma de aliviar a tensão e o medo do desconhecido. O criar situações imaginárias no cuidar em crianças é uma forma de lhes proporcionar um maior bem-estar, para além de que proporciona uma maior proximidade entre a criança e o enfermeiro, numa utilização da realidade e da fantasia, favorecedor de uma relação de cuidar.

“(...) fez-se-me um clique, e outras situações e a forma com as resolvi emergiram ao meu pensamento. E achei que esta podia ser a dica para contornar a situação para arranjar uma solução, para chegar a ela. Comecei por uma conversa com ela, sentei-me aos pés da cama e perguntei: então Sofia, já sei

que queres ser como eu quando fores grande, uma enfermeira que cuida de meninos que têm dói-dói. (...) Lembrei-me de lhe perguntar se ela queria ser a minha enfermeira. (...) agora, neste momento! Sabes, é que eu estive a vomitar muito e agora preciso de pôr esse tubinho no braço com o soro, que tu já sabes o que é, para poder ficar boa. Se tu aceitares ser a minha enfermeira és tu que vais cuidar de mim. Assim até é engraçado, porque eu sou a tua enfermeira e tu és a minha!” (E2,9)

“(...) crio e recrio o espaço físico, crio e recrio a forma e a explicação de uma técnica, transformo uma intervenção de enfermagem numa brincadeira.” (E4,13)

O recurso à fantasia e à imaginação são aspectos considerados como importantes na produção criativa e no desenvolvimento do potencial criativo como forma de experienciar e explorar ideias e como promotor da saúde mental (Torrance, 1976; Torrance e Safter, 1990; Alencar, 1992).

Recriando o aspecto físico que a doença muitas vezes deteriora. A doença muitas vezes provoca na pessoa alterações da sua auto e hetero-imagem difíceis de aceitar pelo próprio e por vezes até pelas pessoas significativas. Minimizar isso é cuidar, um “cuidar criador” de uma imagem que, embelezada, construída ao pormenor com diferentes meios, permite ao outro rever-se de uma forma satisfatória; há como que a criação de uma nova imagem.

“Preparámos tudo, um lenço na cabeça por causa da alopecia, bluch, sombra nos olhos, batom ...e mais... uma camisola de lã grossa, dava-lhe um ar mais cheinho. Com dificuldade mas sentámo-la na poltrona e por cima das pernas uma manta de xadrez a condizer. Quis ver-se ao espelho, esboça um sorriso e beija-me a mão. À hora marcada a família chegou, o momento foi deles, não vem agora para aqui.” (E5,9)

Verifica-se aqui um acto de criação imbuído de sensibilidade e valorização estética no trabalho, característica comumente atribuída aos indivíduos criativos e do processo criativo (Morais, 2001)

Utilizando formas não convencionais de cuidar, a forma como resolvem determinadas situações com que se deparam obriga a abandonar rotinas, normas e procedimentos estereotipados e a pensarem formas diferentes, originais de cuidar.

“Dei voltas e mais voltas à cabeça, eu tinha que resolver aquele problema. Primeiro arranjei maneira de autorizarem que se mudasse a posição da cama na enfermaria (...) A seguir foi conseguir que com aquele arsenal todo o doente conseguisse a posição de joelhos e foi pensando nas camas rotativas que me inspirei e com duas talas de Brawn eu conseguia manter o alinhamento do membro e passar o doente para decúbito ventral depois enquanto ele rezava eu mantinha a tracção manualmente.” (E7,6)

“Mas fui teimosa, insistia, usei tudo o que tinha, o que sabia e mais o que inventava. Mas serviu, um dia depois daquelas artimanhas todas, de tanta adaptação ...tábuas, cintos ... ele conseguiu fazer a transferência sozinho.” (E8,6)

O questionarmos sobre de que outra forma as coisas podem ser, o olhar de uma outra perspectiva, o ver para além do óbvio têm sido elementos essenciais em quase todas as invenções e inovações. Este processo de resposta pode servir como um desvio do pensamento convencional, uma forma de ser original (Sternberg e Lubart, 1996).

Apesar de não ser possível identificar as diferentes operações que ocorrem nos processos utilizados pelos enfermeiros ou qualquer indício de um processo diferenciado de pensamento, verificou-se que nos processos utilizados esteve presente a flexibilidade, a fantasia, a sensibilidade e valorização estética e a originalidade, características que são consideradas não como suficientes para a criatividade mas promissoras de uma forma criativa de resolver problemas (Morais, 2001).

A não identificação das operações no processo criativo é algo que autores como Fryer (1996) consideram uma realidade; assim Weisberg (1991) diz reconhecer-se hoje que os processos de pensamento criativo, não diferem nos grandes criativos e nas restantes pessoas.

Em termos de representação global, o descrito pelos enfermeiros como estratégias por eles utilizadas para darem resposta às situações de cuidar apontadas revelam-se como processos construídos sobre um saber que se configura num movimento dinâmico e criativo, expresso substancialmente no diálogo entre a razão e a intuição, entre o objectivo e o subjectivo e norteado por crenças e valores sustentados na experiência pessoal / profissional vivida, quer individualmente, quer em termos de grupo. Tudo se apresentou concretizado na necessidade de superar a fragmentação e o reducionismo em busca de uma compreensão mais abrangente do homem. Esta compreensão do cuidar demonstra que, para os enfermeiros, não há uma única abordagem dos fenómenos ligados à vida, com que constantemente se deparam, mas sim uma grande diversidade de abordagens, todas elas de igual modo úteis e necessárias à apreensão

das várias dimensões desses mesmos fenómenos e que requerem deles a utilização de processos geradores de múltiplas ideias e soluções para qualquer situação / problema com que se deparam. Também de acordo com esta perspectiva está o estudo realizado por Bressand *et al.* (1985) onde concluíram que a utilização da criatividade pelas enfermeiras naquilo que lhes é próprio, o cuidar, lhes permite a utilização de processos, formas diferentes de funcionar e pensar, o que dá visibilidade ao que está implícito nos cuidados de enfermagem e melhora a qualidade desse mesmos cuidados.

4.4.3. Produto

A categoria produto engloba os resultados / produtos decorrente do processo; as 4 subcategorias representam os diferentes produtos obtidos.

Na tabela 9 é apresentada esta categoria, as subcategorias, suas definições e as diferentes unidades de análise que lhes deram origem.

Tabela 9 – Dimensão III “Criatividade no cuidar”. Produto

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	DEFINIÇÃO	UNIDADE DE ANÁLISE
O produto (Cont.)	Promover o conforto e o bem-estar	Verbalizações que se referem a resultados relacionados com o conforto e bem-estar da pessoa cuidada	<p><i>...decerto ficou mais quente e sei que também ficou confortável. (E1,19)</i></p> <p><i>E tudo isto para quê? Claro que entende, para tornar o hospital num ambiente mais acolhedor. (E4,14)</i></p> <p><i>... precisamente para ver se podíamos diminuir essa sensação de frio de desconforto que eles sentiam e nos transmitiam (...) tentávamos (...) dessa forma diminuir um bocado esse desconforto (...) essa agressividade (...) pronto nem sempre ficava lá muito bonito mas tentávamos pelo menos, e a pessoa gostava, sentia-se bem. (E11,14)</i></p>
	Promover a vida	Verbalizações que se referem a resultados relacionados com a aquisição por parte da pessoa cuidada de sentido para a vida apesar das condicionantes impostas pela doença	<p><i>Mas o que eu quero dizer é que ao olhar para aquele quadro eu senti-me uma artista, que não pinta na tela mas que tenta na vida dar cor e forma ao que parece ser só negro. É nisto que se é criativo, quando se cuida. (E5,10)</i></p> <p><i>Foi o primeiro de muitos passos para ele reaprender a viver, bom, primeiro a querer viver, a ser independente. Hoje tem a sua vida, trabalha, visita-nos e acredite que às vezes até rimos quando falamos de algumas coisas do renascimento daquele homem para a vida e com vida. (E8,7)</i></p> <p><i>...conseguimos salvar aquela vida e então isso fez-nos sentir um bocado os Josés Mourinhos da emergência médica naquela noite. (E10,9)</i></p> <p><i>...e a partir daí a doente todos os dias estava prontinha para se levantar, era uma outra pessoa e conseguiu dar a volta. (E12,7)</i></p>

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	DEFINIÇÃO	UNIDADE DE ANÁLISE
(Cont.)	Satisfazer uma necessidade	Verbalizações que se referem a resultados relacionados com a satisfação de necessidades básicas da pessoa cuidada	<p>(...) se não fosse a nossa capacidade criativa as criancinhas da unidade tinham ficado sem se alimentar. O que (...) é incompatível com a vida de seres humanos tão frágeis como aqueles. (E3,11)</p> <p>Mas o indispensável foi-lhe comunicado. Se foi suficiente também não sei, mas satisfatória pelo menos eu senti que sim; quando, já no corredor para ir para o BO o homem segurou a minha mão entre as suas com firmeza, mas não com força. (E6,10)</p> <p>Aquilo tudo era caricato, depois da oração era o momento de humor e tudo aquilo servia como fonte para um bom momento de distração para os outros doentes e como satisfação de uma necessidade fundamental para aquele homem, a da espiritualidade. (E7,7)</p> <p>(...) sei lá o que a gente inventava para lavar as cabeças dos doentes...(E11,19)</p>
	Facilitar o cuidar (Cont.)	Verbalizações que se referem a resultados relacionados com a aproximação à pessoa cuidada como facilitador do cuidar	<p>(...) já nem parecia a mesma, o seu olhar irradiava entusiasmo e vontade de colaborar. Pediu-me adesivos e uma tesoura para ela preparar o material. A partir daí tudo foi diferente ela iniciou o tratamento ..., aceitava-nos a nós e tolerava melhor tudo o que lhe fazíamos (...) (E2,10)</p> <p>(...) a comunicação (...) facilita o trabalho, isto não parece nada mas sentimos que os outros, crianças e pais, nos sentem mais próximo e a colaboração é logo outra, entendem melhor, enfim tudo é</p>

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	DEFINIÇÃO	UNIDADE DE ANÁLISE
			<p><i>mais fácil para todos. (E4,15) ...e quando não se fala uma língua e mais ainda porque nestas situações a criança não está bem, (...) comunicar é indispensável, para sabermos das necessidades e podermos depois agir. (E9,11)</i></p>

Apresenta-se a seguir a análise e discussão dos dados, referentes à subcategoria produto, ilustrados por excertos de entrevistas.

Promover o conforto e o bem estar, promover a vida, satisfazer as necessidades da pessoa cuidada e facilitar o cuidar são vistos aqui como produtos do cuidar.

O promover o conforto e o bem estar enquanto produto resultante do cuidar como atenção especial dada à pessoa cuidada numa perspectiva de ajuda que ultrapassa os limites do simples tratamento dos sintomas físicos e emocionais das doenças.

“... precisamente para ver se podíamos diminuir essa sensação de frio de desconforto que eles sentiam e nos transmitiam (...) tentávamos (...) dessa forma diminuir um bocado esse desconforto (...) essa agressividade (...) pronto nem sempre ficava lá muito bonito mas tentávamos pelo menos, e a pessoa gostava, sentia-se bem.” (E11,14)

O promover a vida pelo cuidar, produto deste cuidar, enquanto acção que estimula no outro a vontade de desenvolver as suas capacidades, e possibilidades diminuídas ou perdidas e compensar estas pela aquisição de novas competências.

“Mas o que eu quero dizer é que ao olhar para aquele quadro eu senti-me uma artista, que não pinta na tela mas que tenta na vida dar cor e forma ao que parece ser só negro. É nisto que se é criativo, quando se cuida.” (E5,10)

“Foi o primeiro de muitos passos para ele reaprender a viver, bom, primeiro a querer viver, a ser independente. Hoje tem a sua vida, trabalha, visita-nos e acredite que às vezes até rimos quando falamos de algumas coisas do renascimento daquele homem para a vida e com vida.” (E8,7)

Como produto, o promover a vida, é congruente com um compromisso moral de preservação da vida e da dignidade humana, o que para Watson (1988) constitui o ideal e o valor do cuidar.

Satisfazer necessidades, produto como cuidado de compensação, em função dos danos funcionais ou deficiências, que visa substituir a pessoa ou por ainda não ter adquirido independência na satisfação dessas necessidades ou por interrupção de uma independência já adquirida causada por um acidente ou doença.

“(...) se não fosse a nossa capacidade criativa as criancinhas da unidade tinham ficado sem se alimentar. O que (...) é incompatível com a vida de seres humanos tão frágeis como aqueles.” (E3,11)

“Aquilo tudo era caricato, depois da oração era o momento de humor e tudo aquilo servia como fonte para um bom momento de distração para os outros doentes e como satisfação de uma necessidade fundamental para aquele homem, a da espiritualidade.” (E7,7)

O satisfazer necessidades visto aqui na condição de produto resultante da combinação de intervenções diversas é um dos factores de cuidar – *assistência às necessidades humanas* – considerados por Watson (1988).

E atendendo a que o cuidar não é fazer *por a pessoa*, mas sim fazer com a pessoa e para que ele possa realmente acontecer, o enfermeiro necessita de que a pessoa também esteja envolvida (adira ao cuidado) na realização do mesmo o que leva a que aspectos como o envolvimento, a comunicação, entre outros, sejam ferramentas utilizadas para **facilitar o cuidar**.

“(...) já nem parecia a mesma, o seu olhar irradiava entusiasmo e vontade de colaborar. Pediu-me adesivos e uma tesoura para ela preparar o material. A partir daí tudo foi diferente ela iniciou o tratamento ..., aceitava-nos a nós e tolerava melhor tudo o que lhe fazíamos (...)”(E2,10)

“(...) a comunicação (...) facilita o trabalho, isto não parece nada mas sentimos que os outros, crianças e pais, nos sentem mais próximo e a colaboração é logo outra, entendem melhor, enfim tudo é mais fácil para todos.” (E4,15)

Os produtos obtidos, para além de corresponderem a valores inerentes à profissão de enfermagem, podem ainda ser considerados como criativos, enquanto produtos construtivos e de valor (De la Torre, 2003)

Tendo em conta a área em estudo e o tipo de produtos, eles enquadram-se nos considerados como produtos intangíveis (não concretos, não tocáveis) segundo a classificação de Isaksen (1995). Todos eles são passíveis de serem avaliados, porém de forma subjectiva pois a avaliação é feita apenas com base na verificação de que realmente se foi capaz de realizar aquilo a que se propôs com satisfação própria e benefício do outro (De la Torre, 2003).

Para Bressand *et al.* (1985), o produto do desempenho do enfermeiro - o cuidado - é criativo porque é individualizado, centrado no paciente (alguém singular) e porque contém sempre uma parcela de intuição, de risco e de novidade que lhe confere valor pela satisfação e benefício que traz para os enfermeiros e pacientes enquanto

realizado por pessoas que amam o seu trabalho, se interessam pelos seus pacientes e que são capazes de arriscar e de se entusiasmar.

CONCLUSÃO

As abordagens da criatividade estiveram e estão intimamente ligadas às correntes de pensamento filosófico e científico de cada época. Assim, com base na Filosofia, na Psicologia, na Biologia e na Sociologia, várias teorias têm surgido na tentativa de explicitar em que é que consiste a criatividade.

As teorias filosóficas pré-científicas entendiam a criatividade como um poder atribuído ao homem por uma força extrínseca, não controlada pela vontade individual, nem pelo meio. Apresentava-se assim a criatividade como inspiração divina, loucura, génio intuitivo, força vital, força cósmica.

A partir do século XIX o estudo da criatividade passa a ser realizado segundo uma abordagem mais científica, proporcionada pelo desenvolvimento da psicologia, e predominantemente centrada no sujeito; recebe contributos valiosos, bases para a formação dos conceitos modernos da criatividade, através do associacionismo, da teoria da Gestalt, da psicanálise, das correntes humanistas, da análise factorial. As perspectivas actuais denominadas perspectivas integradoras apontam para uma abordagem de criatividade com diferentes variáveis, individuais e sociais.

Toda esta diversidade de abordagens mostra a complexidade de que se reveste a criatividade e a dificuldade que há na consensualidade do conceito. Sabe-se, no entanto, que ele é multifacetado e que envolve várias dimensões: a pessoa, o processo, o produto e o contexto.

É aceite que a criatividade é uma capacidade inerente à espécie humana, presente em cada indivíduo e que se desenvolve conforme estímulos que recebe do contacto e interacção com o meio e com o outro, o que constitui a base para o estudo e o investimento na criatividade por várias disciplinas.

A criatividade tem acompanhado toda a evolução humana, tanto a nível científico como tecnológico, pelo que se identifica como um bem pessoal, social e cultural. Cada pessoa, cada grupo profissional, cada sociedade, cada cultura reclamam-na como forma de resolver problemas, como forma de renovação, como forma de evolução e mesmo de sobrevivência, qualquer que seja a área do conhecimento humano.

Também a enfermagem a prescreve desde sempre e ao longo da sua história enquanto ciência humana e profissão de cuidar, quer como forma de lidar com a singularidade da pessoa e da sua situação (Hesbeen, 2000; Watson, 1988), quer no sentido de encontrar melhor solução para cada um dos seus problemas (Berg *et al.* 1994), quer como forma de responder às situações (Jacono & Jacono, 1996), quer pela sua importância na tomada de decisão e no processo de prestação de cuidados (Smith, 1996), quer, ainda, pela complexidade que envolve a resolução de problemas em contextos de saúde (McNichol, 2002). Encontrar soluções para os problemas com que os enfermeiros se deparam exige muito mais que a lógica e a razão, exige imaginação, esperança e o desenvolvimento do potencial criativo (McAllister, 2003).

Apesar deste reconhecimento, o investimento em estudos empíricos sobre o papel da criatividade na enfermagem tem aparentemente sido vago. Conscientes deste facto e da importância da criatividade no ensino e na prática de enfermagem, desenvolvemos o presente estudo exploratório e descritivo, com o objectivo de conhecer a representação dos enfermeiros sobre o lugar da criatividade no cuidar em enfermagem.

A metodologia utilizada pareceu-nos adequada e satisfaz a finalidade. O rigor e a fidelidade dos dados foram por nós assegurados. Quanto à validade, atendendo ao tipo de estudo e à dimensão da amostra, reconhecemos que eles apenas dizem respeito aos participantes, uma vez que representam a sua realidade, partilhada por eles e pelo investigador, porém, em termos de transferibilidade, a inexistência de trabalhos idênticos não nos permite validá-la.

Em termos de limitações do estudo, podemos considerar as decorrentes da inexperiência neste paradigma de investigação, com consequente inabilidade no

aprofundar das descrições dos sujeitos, com consequências em termos da recolha de dados condicionando, em alguns momentos das entrevistas, o aprofundamento das descrições e, em termos da caracterização e análise, o facto de limitarmos o discurso dos sujeitos dentro do quadro de cada uma das questões colocadas; factos que consideramos constituírem limitações, na medida em que podem, de algum modo, ter condicionado a riqueza dos dados.

Após a organização, análise e discussão dos dados obtidos através da análise do conteúdo das entrevistas dos 12 enfermeiros e dado o carácter exploratório do estudo, não temos a pretensão de apresentar conclusões sobre os resultados encontrados e as reflexões feitas, mas descrever o fenómeno da criatividade no cuidar de acordo com a representação que dele têm os enfermeiros, o que apresentamos a seguir.

Na dimensão I – Concepção de criatividade - a concepção de criatividade dos participantes é multidimensional, contemplando aspectos da pessoa como “colocar um cunho pessoal”, “capacidade de ultrapassar obstáculos”, “arriscar”, “capacidade de encontrar novos problemas” e “flexibilidade”; aspectos do processo, “processo interactivo e social”, “forma de resolver problemas”, “processo cognitivo”; aspectos do produto como “transformar”, “criar” e do contexto “próprio do homem”.

Na dimensão II - Enfermeiro criativo - os participantes remetem para várias características da pessoa do enfermeiro, como sejam: “consciente do seu papel criador”, “flexível”, “motivado”, “arrisca”, “aberto a sentimentos e emoções”, “utiliza estratégias originais no cuidar”, “aptidões para estimular a vida”, “supera obstáculos”, “dedicado”, “sentido de humor”, “sabe mobilizar conhecimentos e recursos”, “tem conhecimento do domínio”, “autoconfiante” e “curioso”. Para além destas características que têm a ver com a pessoa em particular, há participantes que as completam com um aspecto mais geral e que é “ser enfermeiro”.

Na dimensão III - Criatividade no cuidar - e das situações verbalizadas pelos participantes em que consideram ter sido criativos, verificámos que os enfermeiros percebem a criatividade no cuidar em diferentes situações/contextos da prática, como: “carência de recursos”, “não adesão ao tratamento”, “ambiente hospitalar hostil”, “não aceitação da auto-imagem imposta pela doença”, “dificuldade de

comunicação”, “dificuldade no cumprimento de necessidades espirituais”, “não aceitação das limitações físicas impostas pela doença” e “cuidar em pediatria”. Os processos utilizados por eles para lhes dar resposta foram: “adaptar recursos”, “brincar ao faz de conta”, “recriar o aspecto físico”, “utilizar formas não convencionais de cuidar”. Os resultados / produtos obtidos reportam-se a: “promover o conforto e o bem-estar”, “promover a vida”, “satisfazer necessidades básicas” e “facilitar o cuidar”. Nas descrições das situações, o lugar da criatividade encontra-se, numas, na forma como os participantes viram a pessoa e a situação na sua singularidade, noutras, no processo que utilizaram para lhes dar resposta, e, noutras ainda, nos resultados / produtos que obtiveram do cuidado.

Assim, os resultados do estudo revelam a representação dos enfermeiros sobre as diferentes dimensões estudadas do seguinte modo:

- Uma concepção de criatividade como um conceito complexo, multidimensional e com várias definições que contempla os seus diferentes componentes como sejam a pessoa, o produto, o processo e o contexto; do ponto de vista da pessoa surgem aspectos relacionados com características da personalidade e atitudes pessoais; quanto ao componente processo, este aparece quer na sua dimensão intra-pessoal quer na sua dimensão interpessoal; o produto por sua vez é visto como criação ou transformação de algo novo que responde em utilidade ou satisfação; e, por fim, o contexto enquanto componente do processo que permite ao ser humano tornar-se pessoa. Esta concepção engloba um conjunto de informações orientadas de forma divergente e que se expressa não apenas na reprodução das suas propriedades, mas também, nas componentes que ela envolve e que permitem aos sujeitos familiarizarem-se com ela e com os seus requisitos, com vista à sua realização.
- Na representação que têm de um enfermeiro criativo não identificam um protótipo mas sim um conjunto de características que identificam com ser criativo. Emergem aspectos ligados à pessoa, como cognição, atitudes, hábitos e valores; e ainda um aspecto mais abrangente, ser enfermeiro, extrínseco à natureza humana mas que se prende com o seu meio social.
- Especificamente quanto à representação da criatividade no cuidar, os enfermeiros apontam a diversidade contextual, em que se desenrola o cuidar, rica em estímulos e acções vivenciais, e reconhecem-na como promotora do

desenvolvimento do potencial criativo, na medida em que requer do profissional a capacidade de (re)estruturação do campo de acção para posterior tomada de decisão. O agir (cuidar) sustenta-se em processos construídos sobre um saber que se configura num movimento dinâmico e criativo, expresso substancialmente no diálogo entre a razão e a intuição, entre o objectivo e o subjectivo e norteado por crenças e valores sustentados na experiência pessoal / profissional vivida, quer individualmente, quer em termos de grupo; concretiza-se na necessidade de superar a fragmentação e o reducionismo em busca de uma compreensão mais abrangente do homem. Esta compreensão do cuidar demonstra que, para os enfermeiros, não há uma única abordagem dos fenómenos ligados à vida, com que constantemente se deparam, mas sim uma grande diversidade de abordagens, todas elas de igual modo úteis e necessárias à apreensão das várias dimensões desses mesmos fenómenos e que requerem deles a utilização de processos geradores de múltiplas ideias e soluções para qualquer situação / problema com que se deparam. Os produtos, atendendo à área em estudo, consideram-se como intangíveis (não concretos, não tocáveis) mas passíveis de serem avaliados de forma subjectiva, com base na verificação de que realmente se foi capaz de realizar aquilo a que se propôs com satisfação própria e benefício do outro.

Deixamos agora algumas sugestões decorrentes da realização deste estudo e que consideramos poder ser o seu contributo para o desenvolvimento da criatividade na profissão de enfermagem, nomeadamente naquele que é a sua essência, o cuidar.

Ao nível do ensino, que os contextos em que decorrem e a sua prática, estimulem a criatividade e o pensamento criativo numa perspectiva de educação integral cujo objectivo seja o de ajudar o aluno a desenvolver o seu potencial e adquirir competências desejáveis para a sua realização pessoal e profissional; que, num processo de ensino / aprendizagem activo, se valorize a capacidade de formular perguntas e de compreender que não há uma única abordagem dos fenómenos ligados à vida.

Ainda ao nível do ensino, e para que se possa promover e assegurar o desenvolvimento das habilidade criativas, consideramos necessário a introdução, quer

para estudantes, quer para professores, de conteúdos da área da criatividade na sua formação.

Na prática, será necessário o reconhecimento de que a criatividade/o agir criativo permitem superar a fragmentação e o reducionismo e encontrar uma compreensão mais ampla do Homem e da sua Natureza, conducente a cuidados mais adequados e personalizados e à ruptura de práticas autoritárias e desumanas, justificadas muitas vezes em nome da objectividade científica e da competência profissional e que em nada se vinculam à arte da ciência que é a enfermagem.

Em termos de investigação, sugerimos que este estudo seja realizado numa população mais abrangente, com uma selecção aleatória dos participantes de modo a aferir se realmente é esta a representação que os enfermeiros têm sobre a criatividade no cuidar e, conseqüentemente, de modo a atingir uma melhor compreensão do fenómeno em estudo. Sugerimos ainda, que sejam desenvolvidos estudos na comunidade académica (docentes e estudantes) e nas organizações, de modo a avaliar a percepção de diferentes actores, sobre a criatividade e o seu desenvolvimento, bem como dos factores inibidores e facilitadores da mesma, nos diferentes contextos.

Se a criatividade é um potencial de todas as pessoas, se ser enfermeiro é ser criativo, se os enfermeiros sentem que a criatividade tem lugar quando eles cuidam, então exija-se da parte dos enfermeiros da prática e dos responsáveis pela sua formação inicial e continua um maior investimento.

BIBLIOGRAFIA

- Abric, J.C. (1987). *Coopération, compétition et representation sociales*. Cousset (Fribourg): Del Val.
- Alencar, E.M.L.S. (1992). *Como desenvolver o potencial criador: Um guia para a libertação da criatividade em sala de aula*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes.
- Alencar, E.M.L.S. (1993). *Criatividade*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- Alencar, E.M.L.S. (1996). *A gerência da criatividade*. São Paulo: Makron Books.
- Alencar, E.M.L.S. (2003). *Psicologia: Introdução aos princípios básicos do comportamento*. Petrópolis: Editora Vozes
- Alencar, E.M.L.S. & Fleith, D.S. (2003). Contribuições teóricas recentes ao estudo da criatividade. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. 19 (1), 1 – 8.
- Almeida, L.S. & Freire, T. (2003). *Metodologia da investigação em psicologia e educação* (3a ed.). Braga: Psiquilíbrios.
- Amabile, T.M. (1983). *The social psychology of creativity*. N.York: Springer - Verlag.
- Amabile, T.M. (1988). A model of creativity and innovation in organizations. *Research in Organizational Behaviour*. 10, 123-167.
- Amabile, T.M. (1996). *Creativity in context: Update to the social psychology of creativity*. Boulder, CO: Westview Press.
- Amabile, T.M. & Grysiewicz, M.D. (1989). The creative environment scales: Work Environment Inventory. *Creativity Research Journal*, 2, 231 -253

- Amabile, T.M. & Gryskiewicz, M.D. (1991). *Creativity in the red laboratory. Greensboro*. Greensboro,NC: Centre for Creative Leadership.
- Arieti, S. (1976). *Creativity. The magic synthesis*. New York: Basic Books.
- Bailin, L. (1995). Creativity and quality: A deceptive choice. In M. Joyce, S. Isaksen, G. Puccio, F. Davison & C Coppage (Eds.), *An introduction to creativity*. Acton, MA: Copley Publishing Group.
- Bardin, L. (1998). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70
- Baker, C., Wuest, J.& Stern, P.N. (1992). Method slurring: the grounded theory / phenomenology example. *Journal of Advanced Nursing*, 17 (11), 1355 – 1360.
- Barron, F. & Harrington, D.M. (1981). Creativity intelligence and personality. *Annual Review of Psychology*, 32, 439 – 476.
- Beltran, J.M.M. (1986). *Creatividad: La inteligencia perdida?* Madrid: Ediciones San Pío X.
- Benner, P. (1995). *De novice à expert: excellence en soins infirmières*. Paris: InterEditions.
- Berg, A., Hansson, U.W. & Hallberg, I. R. (1994). Nurses' creativity, tedium and burnout during one year of clinical supervision and implementation of individually planned nursing care: comparisons between a ward for severely demented patients and a similar control ward. *Journal of Advanced Nursing*, 20, 724 – 749.
- Besemer, S.P. & Quin, K. (1986). Analysing creative products: Refinement and test of a judging instrument. *Journal of Creative Behavior*, 20 (2), 115 – 126.

- Besemer, S.P. & Quin, K. (1987). Creative product analysis. Testing a model by developing a judging instrument. In S.G. Isaksen (Ed.), *Frontiers of creativity research*. Buffalo, NY: Bearly.
- Blackburn, S. (1997). *Dicionário de Filosofia*. Lisboa: Gradiva.
- Boden, M.A. (Org.) (1999). *Dimensões da criatividade*. Porto Alegre: Artemed.
- Boff, L. (1999). *Saber cuidar: Ética do humano - compaixão pela terra*. Petrópolis, R.J.: Vozes.
- Boff, L. (2003). *Ética e moral: A busca dos fundamentos*. Petrópolis, R.J.: Vozes
- Bohm, D. (2002). *Sobre la creatividad*. Barcelona: Editorial Kairós.
- Bressand, M.; Simon, B. & Roque-Joffre, B. (1985). Le soin infirmier: Lieu de créativité et de recherche. In CCPS. *La créativité dans le rôle propre infirmier*. Paris: CCPS.
- Buoro, A.B. (1996). *O olhar em construção: Uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola*. Sao Paulo: Cortez
- Carmo, H. & Ferreira, M.M. (1998). *Metodologia da investigação: Guia para auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Castledine, G. (2003). New nursing roles must retain nursing's principles. *British Journal of Nursing*, 12 (21), 3.
- Celich, K.L.S. (2004). *Dimensões do cuidar: a visão dos enfermeiros*. Rio de Janeiro: EPUB.
- Chambers, J.A. (1973). College teachers: Their effect on creativity of students. *Journal of Educational Psychology*, 65, 326 – 334.

- Cohen, S. (2002). Don't overlook creative thinking. *Nursing Management*, 33 (8), 9 – 10.
- Collière, M.F. (1985). La créativité, un défi au cours de l'histoire de la profession infirmière. In CCPS, *La créativité dans de rôle propre infirmier*. Paris: CCPS.
- Collière, M.F. (1989). *Promover a vida*. Lisboa: Sindicato dos Enfermeiros Portugueses.
- Collière, M.F. (2003). *Cuidar...A primeira arte da vida* (2ª ed). Loures: Lusociencia.
- Contreras, M.A. (Coord.) (1998). *Creatividad, motivación y rendimiento académico*. Archidona: Ediciones Aljibe.
- Csikszentmihalyi, M. (1988). Society, culture and person: A system view of creativity. In R. Stenberg (Ed.), *The nature of creativity*. Cambridge, NY: Cambridge University Press.
- Csikszentmihalyi, M. (1990). The domain of creativity. In M. Runco & R. S. Albert (Eds.), *Theories of creativity*. Newbury Park: Lage.
- Csikszentmihalyi, M. (1997). *Creativity: Flow and the psychology of discovery and invention*. New York: HarperCollins.
- Csikszentmihalyi, M. (2000). *Fluir (flow) una psicología de la felicidad* (8a ed.). Barcelona: Editorial Kairós.
- Csikszentmihalyi, M. (2004). *Creatividad: El fluir y la psicología del descubrimiento y la invención*. Barcelona: Ediciones Paidós.
- Davis, G. A. (1986). *Creativity is forever*. Dubuque, IA: Kendal/Hunt.
- De La Torre, S. (1989). *Aproximación bibliográfica a la creatividad: Escritos sobre creatividad en lenguas hispánicas*. Barcelona: PPU.

- De La Torre, S. (1993). *Creatividad plural: Sendas para indagar sus múltiples perspectivas*. Barcelona: PPU
- De La Torre, S. (2003). *Dialogando con la creatividad: De la identificación a la creatividad paradójica*. Barcelona: Octaedro.
- Doane, G. H. (2002). In the spirit of creativity: the learning and teaching of ethics nursing. *Journal of Advanced Nursing*, 39 (6), 521-528.
- Donahue, M.P. (1985). *Historia de la enfermería*. España: Egedsa.
- Duchscher, J.E.B. (1999). Caching the wave: understanding the concept critical thinking. *Journal of Advanced Nursing*, 29 (3), 577 – 583.
- Ebert, E.S. (1994). The cognitive spiral: Creative thinking and cognitive processing. *The Journal of Creative Behavior*, 28 (4), 275-290.
- Ekvall, G. (1995). The organizational culture of idea-management: A creative climate for the management of ideas. In M. Joyce, S., Isaksen, G. Puccio, F. Davison & C. Copping (Eds.), *An Introduction to Creativity*. Acton, MA: Copley Publishing Group.
- Ellis, J.R. & Hartley, C.L. (1998). *Enfermagem contemporânea: desafios, questões e tendências*. Porto Alegre: ArtMed.
- Eysenk, H.J. (1999). As formas de medir a criatividade. In M. A. Boden (Org.), *Dimensões da criatividade*. Porto Alegre: ArtMed.
- Fasnacht, P.H. (2003). Creativity: a refinement of the concept for nursing practice. *Journal of Advanced Nursing*, 41 (2), 195 – 202.
- Fonseca, A.F. (1999). *A psicologia da criatividade*. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa.

- Fortín, M.F. (1999). *O processo de investigação: da concepção à realização*. Loures: Lusociência.
- Fryer, M. (1996). *Creative teaching and learning*. London: Paul Chapman.
- Gardner, H. (1993). *Arte, mente y cérebro: Una aproximación cognitiva a la creatividad*. Barcelona: Paidós.
- Gardner, H. (1998). *Mentes creativas: Una anatomía de la creatividad*. Barcelona: Paidós.
- Gauthier, B. (Dir.). (2003). *Investigação social: Da problemática à colheita de dados* (3a ed.). Loures: Lusociência.
- Gil, A.C. (1989). *Como elaborar projectos de pesquisa*. São Paulo: Atlas.
- Gil, A.C. (1999). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas.
- Guilford, J. (1971). Some misconceptions regarding measurement of creative talent. *Journal of Creative Behavior*, 5, 7 – 93.
- Guilford, J. (1977). *Intelligence, creativity and their educational implications*. San Diego: Knapp.
- Guilford, J. (1986). *La naturaleza de la inteligencia humana*. Barcelona: Paidós. (1a edição em 1967).
- Guilford, J. (1995). Creativity. In M. Joyce, S., Isaksen, G. Puccio, F. Davison & C. Coppage (Eds.), *An Introduction to Creativity*. Acton, MA: Copley Publishing Group.
- Hall, J. (2001). Creativity in clinical practice. *ANJ*, 11, 1 – 3.

- Heidegger, M. (1997). *Ser e tempo* (5ª ed.). Petrópolis: Vozes.
- Hesbeen, W. (2000). *Cuidar no Hospital: Enquadrar os cuidados numa perspectiva de cuidar*. Loures: Lusociência.
- Hesbeen, W. (2001). *Qualidade em enfermagem: Pensamento e acção na perspectiva do cuidar*. Loures: Lusociência.
- Horta, W.A. (1974) Enfermagem: teoria, conceitos, princípios e processo. *Servir: Revista Técnica de Enfermagem*, 1 (22), 23 -25.
- Isaksen, S.G. (1995). Conceptions and misconceptions of creativity. In M. Joyce, S., Isaksen, G. Puccio, F. Davison & C. Coppage (Eds.), *An Introduction to Creativity*. Acton, MA: Copley Publishing Group.
- Jackson, D. & Sullivan, J.R. (1999). Integrating the creative arts into a midwifery curriculum: a teaching innovation repost. *Nurse Education Today*, 19, 527 – 532.
- Jacono, B.J. & Jacono, J.J. (1996). The benefits of Newman and Parse in helping nurse teachers determine methods to enhance student creativity. *Nurse Education Today*, 16, 356 -362.
- Johnson-Laird, P.N. (1991). Freedom and constraint creativity. In R. S. Sternberg (Ed.), *The nature of creativity: Contemporary psychological perspectives*. Cambridge, NY: Cambridge University Press.
- José, H. M. J. (2002). *Humor nos cuidados de enfermagem: Vivências de doentes e enfermeiros*. Loures: Lusociência.
- Kalischuk, R.G. & Thorpe (2002). Thinking creatively: from nursing education to practice. *Journal of Continuing Education in Nursing*, 33 (4), 155 -163
- King, I. M. (1981). *Toward a theory for nursing: Systems, concepts, process*. New York: Wiley.

- Kneller, G.F. (1978). *Arte e ciência da criatividade* (5a.ed.). São Paulo: Ibrasa.
- Le Sorti, A.J., Cullen, P.A., Hanzlik, E.M., Michiels, J.M., Piano, L.A., Ryan, P.L. & Johnson, W.J. (1999). Creative thinking in nursing education: preparing for tomorrow's challenges. *Nursing Outlook*, 47 (2), 62 – 66.
- Le Vasseur, J.J. (1999). Toward and understanding of art in nursing. *Advances in nursing Science*, 21(4),48-63.
- Leininger, M.M. (1978). *Transcultural nursing: concepts, theories and practice*. New York: John Wiley & Sons.
- Leininger, M.M. (1985). *Qualitative research methods in nursing*. Orlando: Grune & Stratton.
- Mackinnon, D.W. (1987). Some critical issues for future research in creativity. In S.G.Isaksen (Ed.), *Frontiers of Creativity Research*. Buffalo, NY: Bearly
- Mackinnon, D.W. (1995). The creative product. In M. Joyce, S. Isaken, G. Puccio, F. Davison & C. Coppage (Eds.), *An introduction to creativity*. Acton, MA: Copley Publishing Group.
- Marina, J.A. (1995). *Teoria da Inteligência Criadora*. Lisboa: Editora Caminho
- Martins, V.M.T. (2000). *Para um pedagogia da criatividade: Propostas de trabalho*. Porto: Edições Asa.
- Maslow, A. (1954). *Motivation and personality*. New York: Harper
- Maslow, A. (1983). *La personalidad creadora*. Barcelona: Kairós.
- McAllister, M. (2003). Doing practice differently: solution-focused nursing. *Journal of Advanced Nursing*, 41 (6), 528 – 535.

- McNichol, E. (2002). Thinking outside the box: encouraging flexible thinking for problems and decisions. *Nursing Management*, 9 (4), 19 - 22.
- McKenna, G. (1994). Cuidar é a essência da prática de enfermagem. *Nursing*, 7 (80), 33-36.
- Morais, M.F. (2001). *Definição e Avaliação de Criatividade*. Braga: IEP Universidade do Minho
- Morison, M. & Moir, J. (1998). The role of computer software in the analysis of qualitative data: efficient clerk, research assistant or Trojan horse? *Journal of Advanced Nursing*, 28, 106-116.
- Morse, J.M. (1991) *Qualitative nursing research: A contemporary dialogue*. Newbury: Sage Publications.
- Morse, J.M. & Field, P. A. (1998). *Nursing research: The application of qualitative approaches* (2 nd ed.). Cheltenham: Chapman & Hall.
- Moscovici, S. (1988). Notes toward a description of social representations. *European Journal of Social Psychology*, 18, 211 - 250.
- Nightingale, F. (1989). *Notas sobre enfermagem*. São Paulo: Cortez Editora.
- Osborn, A.F. (1953). *Applied imagination*. New York: Cambridge University Press.
- Osborn, A.F. (1993). *Applied imagination*. (3rd rev. ed.). Buffalo, NY: Creative Education Foundation.
- Ostrower, F. (1987). *Criatividade e processos de criação*. Petrópolis: Vozes.
- Parahoo, K. (1997). *Nursing research: Principles, process and issues*. Suffolk: Aardvark Editorial.

- Parnes, S. J. (1967). *Creative behaviour guidebook*. New York: Scribner's.
- Parnes, S. J. (1988). *Visionizing*. East Aurora, NY: DOK Publishers
- Parse, R.R., Coyne, A.B. & Smith, M.J. (1985). *Nursing research: Qualitative methods*. Maryland: Brady Communications.
- Patton, M.Q. (1990). *Qualitative evaluation and research methods*. Newbury Park: Sage Publications.
- Piedrabuena, J.A.R. (2002). *La mente de los creadores: Un estudio de los procesos creativos desde la neurociencia y la psicología*. Madrid: Biblioteca Nueva.
- Polit, D. F., Beck, C. T. & Hungler, B. P. (2004). *Fundamentos de pesquisa em enfermagem: Métodos, avaliação e utilização*. Porto Alegre: Artemed.
- Powers, B.A. & Knapp, T.R. (1990). *A dictionary of nursing theory and research*. Newbury Park: Sage Publications.
- Rhodes, M. (1995). An analysis of creativity. In M. Joyce, S. Isaken, G. Puccio, F. Davison & C. Coppage (Eds.), *An introduction to creativity*. Acton, MA: Copley Publishing Group.
- Rogers, C. (1983). *Tornar-se pessoa*. (6a ed.) Lisboa: Moraes Editores
- Rogers, C. (1989). *Sobre o poder pessoal*. São Paulo: Martins Fontes.
- Romo, M. (1997). *Psicología de la creatividad*. Barcelona: Ediciones Paidós Ibéricos
- Root-Bernstein, R. & Root-Bernstein, M. (2002). *El secreto de la creatividad*. Barcelona: Editorial Kairós.

- Saraiva, M. (1999). Ser criativo: uma questão de sobrevivência. *Pensar Enfermagem*, 3 (1), 34 – 35.
- Seimour, B., Kinn, S. & Sutherland, N. (2003). Valuing both critical and creative thinking in clinical practice: narrowing the research-practice gap. *Journal of Advanced Nursing*, 42 (3), 288 – 296.
- Simonton, D.K. (1984). Creative productivity and age: A mathematical model based on a two step cognitive process. *Developmental Review*, 4, 77 – 111.
- Simonton, D.K. (1988). *Scientific genius: A psychology of science*. Cambridge, England: Cambridge University Press.
- Simonton, D.K. (1992). Age and achievement. In R. S. Albert (Ed.), *Genius and eminence*. Oxford: Pergamon Press.
- Simonton, D.K. (1997). Historiometric studies of creative genius. In M. A. Runco (Ed.), *Creativity research handbook*. Cresskill, NJ: Hampton Press.
- Smith, T. (1996). Reinstating the person in the professional: reflections on empathy and aesthetic experience. *Journal of Advanced Nursing*, 24 (5), 932 – 937.
- Sousa, F.C. (1998). *A criatividade como disciplina científica*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela.
- Stein, M.I. (1974). *Simulating creativity*. New York: Academic Press.
- Stein, M.I. (1987). Creativity Research at the crossroads: a 1985 perspective. In S.G. Isaksen (Ed.), *Frontiers of Creativity Research*. Buffalo, New York: Bearly.
- Sternberg, R.J. (1985). Implicit theories of intelligence, creativity and wisdom. *Journal of Personality and Social Psychology*; 49, 607 – 627.

- Sternberg, R.J. (1988) (Ed.). *The nature of creativity*. Cambridge, NY: Cambridge University Press.
- Sternberg, R.J. & Lubart, T. (1991). An investment theory of creativity and its development. *Human Development*, 34, 1 – 31.
- Sternberg, R.J. & Lubart, T. (1995). *Defying the crowd*. New York: Free Press.
- Sternberg, R.J. & Lubart, T. (1996). Investing in Creativity. *American Psychologist*, 5 (7), 677 – 688.
- Streubert, H.J. & Carpenter, D.R. (2002). *Investigação qualitativa em enfermagem: Avançando o imperativo humanista*. Loures: Lusociência.
- Taylor, C.W. (1976). *Criatividade: Progresso e potencial* (2a ed.). São Paulo: Ibrasa.
- Tardif, T.I. & Sternberg, R. (1988). What do we know about creativity? In R.J. Sternberg (Ed.), *The nature of creativity*. Cambridge, NY: Cambridge University Press.
- Torrance, E.P. (1962). *Guiding creative talent*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.
- Torrance, E.P. (1975). Assessing children, teachers and parents the ideal child criterion. *The Gifted Child Quarterly*, 24, 10-14.
- Torrance, E.P. (1976). *Criatividade: Medidas, testes e avaliações*. São Paulo: Ibrasa.
- Torrance, E.P. (1995). *Why fly? A philosophy of creativity*. Norwood, NJ: Ablex Publishing Corporation.
- Torrance, E.P. & Safter, H.T. (1990). *The incubation model of teaching: Getting beyond the aha!*. Buffalo, NY: Bearly

- Treffinger, D.J. (1987). Research on Creativity Assessment. In S.G.Isaksen (Ed), *Frontiers of Creativity Research*. Buffalo, NY: Bearly.
- Vala, J. (1986) Análise de conteúdo. In A. S. Silva & J.M. Pinto, *Metodologia das Ciências Sociais*. Porto: Edições Afrontamento.
- Valente, I. (1996). Nightingale e a Enfermagem Moderna. *Cuidar*. 1, 2 - 4.
- Vianna, A.C.A. (2000). Sensibilização: uma forma de educação para o cuidado. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 21, 113-120.
- Waldow, V.R. (2001). *Cuidado Humano: O resgate necessário* (3a ed.). Porto Alegre: Sagra Luzato.
- Waldow, V.R. (2004). *O cuidado na saúde: As relações ente o eu, o outro e o cosmos*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Watson, J. (1979). *Nursing: The philosophy and science of caring*. Boston: Little Brown Ed.
- Watson, J. (1988). *Nursing: Human science and human care. A theory of nursing*. New York: National League for Nursing
- Watson, J. (1999). *Postmodern nursing: and beyond*. Edinburgh: Churchill Livingstone.
- Watson, J. (2002). *Enfermagem: Ciência humana e cuidar uma teoria de enfermagem*. Loures: Lusociência.
- Wechsler, S.M. (1993). *Criatividade, descobrindo e encorajando*. Campinas: Editorial Psy.
- Weisberg, R.W. (1991). Problem solving and creativity. In R. S. Sternberg (Ed.), *The nature of creativity. Contemporary psychological perspectives*. Cambridge, NY: Cambridge University Press.

Weisberg, R.W. (1993). *Creativity: Beyond the myth of genius*. New York: W.H. Freeman and Company.

Wertsch, J.V. (1988). *Vygotsky y la formación social de la mente*. Barcelona: Paidós.

Yashin-Shaw, I. (1994). Cognitive structures of creativity: Implications for instructional design. *European Journal for High Ability*, 5, 24 – 38.

ANEXOS

Anexo I - Guião de entrevista

GUIÃO DE ENTREVISTA

1. O que é para si a criatividade?
2. O que é para si um enfermeiro criativo?
3. Gostaria que recordasse e descrevesse uma situação de cuidar, em que considere ter sido criativo.

Anexo II – Entrevistas transcritas

Entrevista 1 (Set.2005)

Masculino; 35 anos; 14 anos; s. medicina.

O que é para si a criatividade?

(...) a criatividade é essencialmente qualquer coisa de constitutiva à pessoa humana. Nós todos temos este potencial dentro de nós (1)

(...) não é mais do que se calhar, o transformar uma coisa menos perfeita numa coisa mais perfeita, (...) (2)

(...) imprimir, por assim dizer, a minha própria pessoa na minha relação com as coisas, na minha relação com os outros, na minha relação com o mundo. (3)

(...) a criatividade no ponto de vista do trabalho passa sobretudo na minha relação, na relação que tenho com as coisas e as situações. (4)

De alguma forma as pessoas, todo o ser humano está sistematicamente a criar (5)

(...) Há tantas situações, circunstâncias, em que nós... em que a própria circunstância em si serve de elemento que suscita a criatividade que passa a servir para dar resposta. (6)

A criatividade é sempre qualquer coisa que constrói. (...) criatividade vem de criação e é nesse sentido que todo o ser humano sente que de alguma forma, mesmo que não tenha pensado nisto, (...) está sistematicamente a criar. Somos de alguma forma co-criadores, sistematicamente criamos-nos. Criamos as coisas. (7)

Mais que não seja transformamos. (8)

O que é para si um enfermeiro criativo?

(...) é aquele profissional que... tem primeiro consciência que diante das coisas tem o papel de criar, não tanto de as utilizar apenas como um objecto. (9)

Nesta dinâmica de criar, (...) pegar naquilo que há dentro de nós, nas suas próprias características singulares como pessoa. (10)

(...) capacidade de diante dos obstáculos estar motivado para.... (11)

(...) é aquele que (...) diante das situações (...) arrisca agir em função de dar uma resposta criativa, adequada à situação, à pessoa de que cuidamos. (12)

Sendo a enfermagem uma profissão de relação, é-nos exigido um estar constante em relação com o outro. (...) esse é uma pessoa como eu, singular também, no momento

do encontro com essa pessoa eu tenho necessidade de perante ela me adaptar (...).
(13)

(...) criatividade nos enfermeiros passa não tanto por tornar as coisas visíveis mas sim passíveis de serem sentidas e vividas (...)(14)

(...) um doente difícil que possa ter características com as quais me é particularmente difícil lidar... a minha criatividade passa, em eu poder agarrar aquilo que é belo para o doente mas que é um obstáculo para mim (...) e tentar de alguma forma que seja um bocado a substância da relação, (...). (15)

(...) cuidar passa necessariamente por comunicar, é uma competência essencial na nossa profissão. (...) e a própria criatividade faz parte também da essência da comunicação. (...) sou criativo, eu comunico, eu cuido (...) (16)

Gostaria que recordasse e descrevesse uma situação de cuidar, em que considere ter sido criativo.

(...) aquele doente (...) precisava de ser mudado, (...) precisávamos de um casaco de pijama e demo-nos conta de que não havia casacos. (...) precisava de uma coisa muito concreta para aquela pessoa... precisava, e a certo momento eu não a tinha; e recordo-me perfeitamente do percurso que fiz desde a enfermaria até ao sítio onde está a roupa (...) tens é de resolver o problema. (...) era Inverno estava muito frio, não havia casacos de pijama mas conseguimos umas calças. (...) (17)

...eu tinha mesmo era de resolver o problema e pensar naquela pessoa. Peguei nas calças e depois de já lavado o doente e mudada a cama inseri as calças nos braços do doente. Parece uma situação muito absurda não é, mas que de alguma forma resolveu a situação, os braços e o tronco ficaram cobertos, (18)

...decerto ficou mais quente e sei que também ficou confortável. (19)

Acho que naquele contexto, algo caricato procurei de alguma forma adaptar o que na altura era acessível, apesar de inadequado respondia a uma necessidade. Insiro esta situação num quadro surrealista mas que pode constituir um exemplo assim muito claro desta forma ou necessidade de nas coisas mais banais do meu/nosso dia-a-dia do ser enfermeiro/do cuidar, termos de ser criativos. (20)

Entrevista 2 (Set.2005)

Feminino; 35anos; 15 anos; s.pediatria.

O que é para si a criatividade?

Criatividade é a capacidade criadora de cada indivíduo. (1)

Em busca de soluções pouco vulgares para a resolução dos problemas. (2)

(...) aptidão de cada um, em formular ideias originais e criativas. (...) mais que tudo a formas diferentes de ver as coisas (...)(3)

O que é para si um enfermeiro criativo?

(...) um enfermeiro criativo é aquele que possui capacidade de arranjar estratégias originais, eficazes, ou seja formas pouco comuns, não convencionais de cuidar. (4)

Dai a enfermagem ser considerada uma arte. (5)

(...) com aptidões para estimular a vida, dando um especial ênfase à pessoa como centro do seu cuidar. Proporcionando-lhe como que um desafio à sua própria existência. (6)

É uma pessoa com capacidade de estar alerta e “vigilante” para cultivar a face oculta do que já existe. Conseguindo ter outra perspectiva e até mesmo atribuir outro sentido ao que é considerado de mais trivial no dia-a-dia. (7)

Gostaria que recordasse e descrevesse uma situação de cuidar, em que considere ter sido criativo.

(...) uma menina de 6 anos, (...), que tinha uma doença grave numa fase já bastante avançada e volta a ser internada outra vez, porque o seu estado se agravou. (...) estava cansada, esgotada de tanto internamento, de tanto sofrer. No olhar dela via-se dor, desconfiança e nem queria que nos aproximássemos dela. Quando nos via gritava e chegava mesmo a ser agressiva. Naquela altura tinha de lhe canalizar uma veia para começar o tratamento. (...) Quando me viu preparar o material começou a gritar (...). (8)

(...) fez-se-me um clique, e outras situações e a forma com as resolvi emergiram ao meu pensamento. E achei que esta podia ser a dica para contornar a situação para

arranjar uma solução, para chegar a ela. Comecei por uma conversa com ela, sentei-me aos pés da cama e perguntei: então Sofia, já sei que queres ser como eu quando fores grande, uma enfermeira que cuida de meninos que têm dói-dói. (...) Lembrei-me de lhe perguntar se ela queria ser a minha enfermeira. (...), agora, neste momento! Sabes, é que eu estive a vomitar muito e agora preciso de pôr esse tubinho no braço com o soro, que tu já sabes o que é, para poder ficar boa. Se tu aceitares ser a minha enfermeira és tu que vais cuidar de mim. Assim até é engraçado, porque eu sou a tua enfermeira e tu és a minha! (9)

(...) já nem parecia a mesma, o seu olhar irradiava entusiasmo e vontade de colaborar. Pediu-me adesivos e uma tesoura para ela preparar o material. A partir daí tudo foi diferente ela iniciou o tratamento ..., aceitava-nos a nós e tolerava melhor tudo o que lhe fazíamos (...) (10)

Entrevista 3 (Set.2005)

Feminino; 37anos; 14 anos; s. pediatria

O que é para si a criatividade?

(...) criatividade é a capacidade de improvisar. (1)

(...) criar algo a partir do que temos. (2)

Ter a capacidade de ultrapassar obstáculos. (3)

Arriscar, para conseguir os nossos objetivos. (4)

O que é para si um enfermeiro criativo?

É um enfermeiro que trabalha com condições insuficientes, ou como sabe, na maior parte das vezes com condições deficientes para as necessidades do seu desempenho e que mesmo assim consegue arranjar maneira de contornar as situações. (5)

Resolve os problemas, (...) sem nunca perder de vista a pessoa que cuidamos. (6)

(...) uma grande vontade, empenho, dedicação...(7)

(...) boa disposição e sentido de humor para se conseguir desempenhar as nossas funções com o que se tem e da melhor maneira, os que assim o fazem são criativos.

(8)

Gostaria que recordasse e descrevesse uma situação de cuidar, em que considere ter sido criativo.

(...) nós na unidade é que preparamos as alimentações parentéricas e precisamos de sistemas de soros opacos, para aquilo não se degradar com a luz. E mais uma vez, como é muito comum não é, houve uma ruptura de stock no hospital. (9)

Lá tivemos nós que ser criativos, resolvemos envolver todo o sistema em papel de alumínio e para não se desmanchar passamos adesivo todo a volta, e digo-lhe resultou na perfeição. (10)

(...) se não fosse a nossa capacidade criativa as criancinhas da unidade tinham ficado sem se alimentar. O que (...) é incompatível com a vida de seres humanos tão frágeis como aqueles. (11)

Entrevista 4 (Set.2005)

Feminino; 33anos; 11 anos; s.pediatria.

O que é para si a criatividade?

(...) é algo próprio do ser humano, sim ... só do ser humano. (...) uma constante e digo-lhe aqui constante no aspecto de ser algo que nos é inerente. (1)

(...) utilizando as nossas capacidades intelectuais e os nossos conhecimentos conseguimos dar respostas. (2)

(...) realizar qualquer coisa diferente, mais adequada, mais adaptada. E até melhor que todas as outras que já se conhecem. (3)

(...) uma criatividade que qualquer um de nós tem (...) serve para resolver problemas. (4)

O que é para si um enfermeiro criativo?

Um profissional de enfermagem criativo? Engraçado, a minha resposta pode parecer um chavão, mas se sempre se disse que a enfermagem é uma ciência e uma arte se calhar não é por acaso. (5)

Um profissional criativo será aquele que consegue (...) mobilizar o que sabe ..., os seus conhecimentos científicos, utilizar os recursos técnicos e adaptá-los. (6)

Sei lá, ser ... flexível, maleável o suficiente para os adaptar a si, ao meio para dar respostas eficazes. (7)

Mas sobretudo dar respostas mais satisfatórias e menos sofridas para as pessoas que cuidamos. (8)

(...) um enfermeiro criativo é aquele que utiliza sem medos todas as ferramentas de que dispõe para cuidar de forma personalizada. (9)

(...) a meta (...) é que o outro tenha o melhor bem-estar possível. (10)

(...) ter (...) satisfação pessoal. (11)

Gostaria que recordasse e descrevesse uma situação de cuidar, em que considere ter sido criativo.

(...) em nenhuma situação particular, mas sempre e quando cuido no meu serviço, a pediatria (12)

(...) crio e recrio o espaço físico, crio e recrio a forma e a explicação de uma técnica, transformo uma intervenção de enfermagem numa brincadeira. (13)

E tudo isto para quê? Claro que entende, para tornar o hospital num ambiente mais acolhedor. (14)

(...) a comunicação (...) facilita o trabalho, isto não parece nada mas sentimos que os outros, crianças e pais, nos sentem mais próximo e a colaboração é logo outra, entendem melhor, enfim tudo é mais fácil para todos. (15)

(...) para mim o melhor de tudo é desta maneira apagar a imagem da enfermeira que faz dói-dói. E eu crio, e ora aqui está o mais espectacular da minha capacidade criativa, a imagem de alguém que sabe brincar ao faz de conta, (...) (16)

Entrevista 5 (Set.2005)

Feminino; 44anos; 22 anos; u.oncologia.

O que é para si a criatividade?

(...) é o significado da palavra como acto de criar. (1)

(...) criar não é só no sentido de fazer alguma descoberta, mas também como uma capacidade de transformar, o que é comum aos olhos dos outros em algo de diferente. (2)

O que é para si um enfermeiro criativo?

Para mim ser enfermeiro quase que pressupõe ser criativo, basta pensar na necessidade constante de lidar, de cuidar, de comunicar com pessoas sempre diferentes; com histórias de vida diferentes; com situações de saúde de doença diferentes. (3)

(...) exercício mental de articular as coisas. (4)

(...) Ora (...) exige saber. (5)

Vontade, dedicação. (6)

(...) nas condições mais adversas (...), encontrar forças para tudo isso. (7)

Gostaria que recordasse e descrevesse uma situação de cuidar, em que considere ter sido criativo.

(...) uma senhora, ainda uma jovem, com uma neoplasia metastizada em fase terminal, um período já arrastado de sofrimento pela doença pelos tratamentos, bem por tudo o que isto é e trás. (...) por mais tentativas que fizéssemos ela nunca conseguiu aceitar a doença. Se é que isto é possível, recusava as visitas, era renitente aos tratamentos e sei lá ...isolou-se de tudo e de todos. Mas, custava-me vê-la assim. E nunca me conformei. Uma manhã durante os cuidados de higiene, o corpo já muito emagrecido, transfigurado quase inanimado, mas a força interior e a vontade foram mais fortes. E veja bem como são as coisas ela pede-me para ver o marido e os filhos. De lágrimas nos olhos disse: ajude-me para que eles me vejam bonita. (8)

Preparamos tudo, um lenço na cabeça por causa da alopecia, bluch, sombra nos olhos, batom ...e mais... uma camisola de lã grossa, dava-lhe um ar mais cheinho.

Com dificuldade mas sentámo-la na poltrona e por cima das pernas uma manta de xadrez a condizer. Quis ver-se ao espelho, esboça um sorriso e beija-me a mão. À hora marcada a família chegou, o momento foi deles, não vem agora para aqui. (9)

Mas o que eu quero dizer é que ao olhar para aquele quadro eu senti-me uma artista, que não pinta na tela mas que tenta na vida dar cor e forma ao que parece ser só negro. É nisto que se é criativo, quando se cuida. (10)

Entrevista 6 (Set.2005)

Masculino; 36anos; 14 anos; s.urgência

O que é para si a criatividade?

É a forma de estar e pensar, que nos permite viver, ou talvez mesmo sobreviver num mundo em constante mudança (...) basta olhar para as exigências a que temos de ser capazes de responder em todas as coisas do dia a dia. (1)

É a capacidade perante esta mudança, este desenvolvimento científico-tecnológico, (...) ter ainda a astúcia de encontrar novos problemas. (2)

(...) procurar resolvê-los naquele espaço e naquele tempo(...). (3)

O que é para si um enfermeiro criativo?

(...) é aquele que sabe utilizar e que utiliza, correndo muitas vezes riscos. (4)

È o que sabe utilizar e utiliza (...) todos os recursos pessoais, estruturais, materiais. (5)

(...) minimizar o sofrimento dos que o procuram como cuidador. (6)

(...) muito desta vertente criativa na enfermagem pode ser trabalhada e desenvolvida, (...) mas tem mais a ver com o que nos motivou e nos continua a motivar para ser enfermeiros. (7)

Gostaria que recordasse e descrevesse uma situação de cuidar, em que considere ter sido criativo.

(...) entrou na urgência um sujeito de nacionalidade ucraniana, a quem fizeram o diagnóstico de apendicite aguda, não falava nem entendia uma palavra de português. O homem de olhos muito abertos olhava para toda aquela gente à sua volta, a falar, a tocar-lhe, põem termómetro, colhem sangue, vai ao rx. Uns saem outros entram, tentaram falar com ele em francês, inglês, espanhol ...mas ele não falava nem entendia nada, a certa altura o homem agarra-me no braço, mas com força, e fixou-me nos olhos. Aí, cai na realidade e percebi, que apesar da dificuldade na comunicação verbal, aquele homem fosse de que maneira fosse tinha direito, e pelo aperto que me deu no braço reclamava-o mesmo, a saber o que se passava consigo. (8)

Não foi fácil mas com gestos, desenhos, um toque, um sorriso e piscar de olhos, oh... e muito mais, no pouco tempo disponível era urgente ir para o BO, eu acho que fui capaz; não sei, mas que tentei, tentei. A forma não foi a convencional. (9)

Mas o indispensável foi-lhe comunicado. Se foi suficiente também não sei, mas satisfatória pelo menos eu senti que sim; quando, já no corredor para ir para o BO o homem segurou a minha mão entre as suas com firmeza, mas não com força. (10)

Entrevista 7 (Set.2005)

Feminino; 47anos; 26 anos; c. saúde.

O que é para si a criatividade?

Criatividade é uma característica do homem. É um elemento essencial à nossa existência. (1)

(...) permite interagir com as outras pessoas e claro com tudo o que nos rodeia, utilizando o que sabemos e que naquele momento, naquela altura nos parece mais adequado. Nós somos todos diferentes e as situações também são diferentes logo é-nos exigido que quando agimos sejamos criativos. (...) criatividade é a capacidade de se adaptar a situações do dia a dia. (2)

O que é para si um enfermeiro criativo?

Enfermeiro criativo é aquele que consegue articular o seu saber ser, fazer e estar para ver e cuidar o outro numa perspectiva holística. Na pratica do cuidar é-nos exigido um constante recurso aos nossos conhecimentos, ás nossas vivências anteriores, à experiência, à capacidade de improvisar e criar e é ali naquele momento, na acção que temos de ser competentes para melhorar a qualidade de vida dos nossos doentes. (3)

(...) uma dedicação muito grande. (4)

Gostaria que recordasse e descrevesse uma situação de cuidar, em que considere ter sido criativo.

(...) um doente de ortopedia com fractura dos membros inferiores com tratamento conservador, tinha um gesso numa perna e uma tracção na outra, mas isto era apenas uma das peças do puzzle. (...) Com este homem para além das fracturas das pernas a sua maior preocupação era porque ele era muçulmano e era altura do Ramadão e ele tinha que rezar, cumprindo os rituais da posição e da orientação. (5) Dei voltas e mais voltas à cabeça, eu tinha que resolver aquele problema. Primeiro arranjei maneira de autorizarem que se mudasse a posição da cama na enfermaria (...) A seguir foi conseguir que com aquele arsenal todo o doente conseguisse a posição de joelhos e foi pensando nas camas rotativas que me inspirei e com duas

talas de Brawn eu conseguia manter o alinhamento do membro e passar o doente para decúbito ventral depois enquanto ele rezava eu mantinha a tracção manualmente. (6)

Aquilo tudo era caricato, depois da oração era o momento de humor e tudo aquilo servia como fonte para um bom momento de distracção para os outros doentes e como satisfação de uma necessidade fundamental para aquele homem, a da espiritualidade. (7)

Entrevista 8 (Set.2005)

Feminino; 43anos; 21 anos; s.medicina

O que é para si a criatividade?

Criatividade ... criatividade é uma forma de estar no mundo, na vida. (1)

(...) é encontrar problemas, pormenores. Onde em princípio os outros só vêm respostas e certeza. (2)

É tentar arranjar soluções (...). (3)

O que é para si um enfermeiro criativo?

(...) basta pensar no que é o nosso dia-a-dia no trabalho; pessoas diferentes, situações diferentes e será que algumas das muitas vezes em que cuidamos ou se quiser algum tratamento é igual ao outro, nunca, nunca. É isto..., sim isto é a nossa arte, isto é ser enfermeiro, isto é que é cuidar. (4)

Gostaria que recordasse e descrevesse uma situação de cuidar, em que considere ter sido criativo.

Um homem novo, pai de família, um dia num acidente ficou paraplégico. (...) Ele entrou no serviço sem vontade de nada, a vida para ele não fazia sentido, queria morrer, sim ele chegou a dizer isto; e a família quase o mesmo. (...) Ensinar-lhe tudo, por exemplo a fazer transferências ou outra coisa qualquer, quando ele não acreditava que aquilo lhe servisse para alguma coisa. (5)

Mas fui teimosa, insistia, usei tudo o que tinha, o que sabia e mais o que inventava. Mas serviu, um dia depois daquelas artimanhas todas, de tanta adaptação ...tábuas, cintos ... ele conseguiu fazer a transferência sozinho. (6)

Foi o primeiro de muitos passos para ele reaprender a viver, bom, primeiro a querer viver, a ser independente. Hoje tem a sua vida, trabalha, visita-nos e acredite que às vezes até rimos quando falamos de algumas coisas do renascimento daquele homem para a vida e com vida. (7)

Entrevista 9 (Out. 2005)

Feminino; 40anos; 19 anos; s. urgência

O que é para si a criatividade?

Criatividade é a forma que cada um de nós arranja para inovar em determinadas situações ou em determinados contextos (...) para a resolução de um determinado problema. (1)

Criatividade (...) pode ser inventar. (2)

Pode ser criar. (3)

(...) criatividade é arranjar soluções para aquilo que nós não conseguiríamos arranjar caso não tivéssemos esta criatividade. (4)

Criatividade é a capacidade de utilizarmos tudo do que dispomos, vivermos na plenitude. (5)

O que é para si um enfermeiro criativo?

É aquele que com os escassos recursos que tem consegue pela forma como utiliza esses recursos, (...) colmatar as necessidades que o serviço apresenta e o exigente e singular que é cuidar. (6)

Para cuidar é preciso ver a pessoa como um todo ... de forma holística e isso exige do profissional (...) arranjar estratégias, para relacionar todas as partes daquele todo. (7)

(...) vamos buscar aos nossos conhecimentos de diferentes áreas, às nossas experiências anteriores e depois há que relacionar, adequar àquela pessoa que temos na nossa frente. (8)

Gostaria que recordasse e descrevesse uma situação de cuidar, em que considere ter sido criativo.

(...) a trabalhar num país onde não falamos a língua ou quando temos de cuidar de uma pessoa com a qual temos limitações em termos de comunicação, (...) tive muitas vezes de utilizar recursos que não tinha, nomeadamente para me fazer entender e para perceber o que os outros queriam dizer. Uma das mais frequentes era por exemplo quando me chegava uma criança, (...) a maneira de entrar em contacto com ela e de comunicar com ela (...) (9)

...para além do sorriso, porque o sorriso é universal era precisamente ir buscar a forma mais fácil de chegar até ela, de comunicar com ela e isto requer criatividade, nomeadamente através de desenhos, uma vez que eu não falava a língua, (...) (10)

...e quando não se fala uma língua e mais ainda porque nestas situações a criança não está bem, (...) comunicar é indispensável, para sabermos das necessidades e podermos depois agir. (11)

(...) num serviço em que tem que prestar cuidados de enfermagem a crianças ou adultos e não tem material suficiente para prestar esses cuidados (...) tem que ser criativa para encontrar uma forma de o fazer é preciso, tem de ser feito, não vale a pena argumentar não se faz porque não há material ou outra razão qualquer. Por exemplo para mudar um penso tem que ser criativa o bastante para utilizar a técnica asséptica cirúrgica sem material esterilizado suficiente (12)

(...) portanto tem que inovar tem que ir á procura de formas novas tem que transformar aquilo que tem (13)

Entrevista 10 (Out.2005)

Masculino; 36anos; 14 anos; emergência

O que é para si a criatividade?

Criatividade...criatividade (...) é inerente ao ser humano. Ah penso que a criatividade é algo que esteve, esteve e está presente ao longo de toda a evolução do ser humano. (1)

(...) a capacidade (...) para resolver o problema. Utilizar métodos que são novos para nós, inventar técnicas, inventar métodos de forma a resolver o problema ou de outra maneira de uma maneira mais eficaz ou de uma maneira mais barata ou efectivamente não tendo os instrumentos ou as técnicas inventá-los. (2)

O que é para si um enfermeiro criativo?

(...) ter confiança em nós, no que sabemos e no que somos capazes, ou melhor autoconfiança (...). (3)

(...) eu penso que todos os enfermeiros têm que ser criativos. (4)

(...) a falta de qualquer coisa faz com que nós tenhamos que arranjar técnicas de substituição, temos que repensar, de arranjar as nossas técnicas, as nossas atitudes, os nossos comportamentos e isso puxa imenso pela criatividade. (5)

(...) os tempos não param, a ciência evolui, as coisas mudam constantemente (...) temos de estar sempre actualizados (...) acumular saber é também saber pô-lo em prática e isto nas situações particulares de cada pessoa que cuidamos (...) e quem tem competência para fazer isto é um profissional criativo. (6)

Gostaria que recordasse e descrevesse uma situação de cuidar, em que considere ter sido criativo.

(...) não foi só cuidar, foi um cuidar e um tratar, porque foi uma situação de equipa (...) foi numa situação de emergência em que nos tivemos que imediatamente fazer uma drenagem torácica e com o material que tínhamos à disposição, (7)

(...) não era o mais adequado mas, que servia os propósitos. (...) da maneira como foi pensado e utilizado na altura (8)

...consequimos salvar aquela vida e então isso fez-nos sentir um bocado os Josés Mourinhos da emergência médica naquela noite. (9)

Entrevista 11 (Out.2005)

Feminino; 46anos; 18 anos; s.ortopedia

O que é para si a criatividade?

Criatividade é ser-se criativo, ser-se criativo porque pressupõe o Ser, com letra grande, o ser humano. (1)

É dentro de qualquer situação (...) tentarmos com aquilo que está ao nosso alcance (...) fazer o melhor possível criando..., utilizando materiais..., pensando qual é a melhor forma para a resolver e termos os melhores resultados (...). (2)

(...) nem sempre temos ao nosso dispor o material necessário (...) temos que ir pensar e tentar arranjar e ver a mesma coisa de outra forma... isso é criatividade. (3)

(...) para determinadas situações (...) pondo a nossa cabecinha a pensar um bocadinho, conseguimos chegar aos nossos objectivos de outra forma utilizando as nossas capacidades, isso é a criatividade (4)

O que é para si um enfermeiro criativo?

Ora, um profissional de enfermagem criativo é aquele que não se assusta perante determinadas situações (...) na nossa vida profissional (...) todas as situações são diferentes e cada pessoa é uma pessoa. (5)

Mas não podemos deixar de fazer o nosso trabalho como deve ser, indo ao encontro das necessidades do utente só porque (...) nem sempre temos esses objectos ou utensílios ou seja o que for esse material todo à nossa disposição e não podemos deixar de fazer aquilo que achamos que é o ideal para o doente, (...) muitas das vezes temos que ser criativos. (6)

O enfermeiro criativo é curioso. (7)

É persistente. (8)

(...) utiliza o que quer que seja que está ao seu alcance como ferramenta preciosa, se por acaso precisar dela para dar resposta às necessidades dos doentes. (9)

Mas esta evolução, não nos dá descanso nenhum, antes pelo contrário, obriga-nos a optar, e para optar é preciso saber (...). (10)

(...) é preciso (...) optar, quando se lida com saúde, doença vida ou morte é arriscado e nós temos que ter a coragem de correr esse risco. (11)

Gostaria que recordasse e descrevesse uma situação de cuidar, em que considere ter sido criativo.

(...) antes de haver as estufas para as arrastadeiras se nós pensarmos num doente acamado idoso já por si tem muito mais frio do que os doentes noutras idades no meio do Inverno e com uma arrastadeira a meio da noite a ser colocada não era uma coisa muito agradável. (12)

(...) cortávamos, porque também não havia muito ao nosso dispor, cortávamos um bocado de resguardo dos descartáveis e nós púnhamos uma tirinha, ou de uma fralda íamos cortando assim umas partes, e púnhamos em cima da zona da arrastadeira que iria ficar em contacto com o doente...(13)

... precisamente para ver se podíamos diminuir essa sensação de frio de desconforto que eles sentiam e nos transmitiam (...) tentávamos (...) dessa forma diminuir um bocado esse desconforto (...) essa agressividade (...) pronto nem sempre ficava lá muito bonito mas tentávamos pelo menos, e a pessoa gostava, sentia-se bem. (14)

...nas enfermarias de crianças em que nós tentávamos (...) com um pouco da nossa criatividade diminuir o que era o peso de tracções, do gesso porque isto visualmente para eles era uma coisa muito complicada, agressiva. (15)

(...) com ligaduras fazíamos bonecas e pintávamos gessos (...) enfim um sem numero de situações desse tipo... (16)

(...) referente ao ambiente no hospital, ao frio, a história de quando as nossas utentes já idosas faziam os levantes para os cadeirões como é que conseguíamos conciliar isso com o levante, tinham sempre frio nos pezinhos; (17)

(...) também tínhamos que arranjar um sistema (...) uma forma para que não sentissem tanto frio arranjando umas fraldinhas uns lençóis ou uns cobertores ali à volta enrolávamos fazíamos aquilo e como tal tentávamos também que à visão não ficasse assim uma coisas muito feia(...)O aspecto estético sim tentávamos fazer assim umas coisas tipo mesmo sapatinhos...(18)

(...) sei lá o que a gente inventava para lavar as cabeças dos doentes...(19)

...não havia as calhas de lavagem de cabeças... nós tínhamos que as lavar (20)

...a gente inventava coisas com plásticos e bacias baixinhas e sei lá o que a gente fazia. (21)

(...) dentro da mesma situação nós temos que ir tentando ir ao encontro da necessidade da pessoa que está à nossa frente e do que ela nos diz que sente, abandonando normas e procedimentos estereotipados. (22)

Entrevista 12 (Out.2005)

Feminino; 52anos; 32 anos: c.saúde.

O que é para si a criatividade?

Criatividade (...) é nós inovarmos muitos dos aspectos da vida quer do trabalho, laboral, quer mesmo na nossa vida pessoal. A maneira de lidarmos com o outro, com as situações, sobre aspectos novos depende sempre de novas maneiras de abordar o outro de cuidarmos. (1)

(...) criatividade (...) é inovar, é fazer de forma diferente, incomum. (2)

O que é para si um enfermeiro criativo?

Um profissional de enfermagem criativo é o que todos nós somos no nosso dia-a-dia. (3)

(...) para podermos cuidar o doente como deve ser (...) temos que nos valer de outras formas de poder contornar o problema e portanto isso é o dia a dia criar situações novas coisas novas. (4)

Gostaria que recordasse e descrevesse uma situação de cuidar, em que considere ter sido criativo.

(...) Criativas somos nós todos os dias mas isso é no nosso dia-a-dia, no básico que nós criamos, uma ligadura, as vezes a falta de material, (...) Uma doente com paralisia que estava numa situação de imobilização na cama, (...) ela estava muito mesmo em baixo quer física quer psicologicamente. (...) havia necessidade de estimular aquela doente para que pudesse por um lado melhorar a auto-estima por ela e, por outro nada como iniciar o levante. O levante que iria fazer bem a muitos níveis, (...) não havia meios para o fazer porque os elementos de enfermagem eram poucos de maneira a que fossem dois, sei lá, para fazer o levante uma sozinha não iria conseguir...(5)

...e tive que ver o problema de outra forma para encontrar as soluções possíveis. (...) necessitava de uma prancha para poder fazer o transporte, a transferência da cama para cadeira de rodas, como não existia (...) o que me ocorreu no momento foi o tabuleiro da medicação que era um tabuleiro grande (...) virar aquilo ao contrário

e ajudar a fazer a transferência, fazer daquilo uma tábua de transferência correu com sucesso...(6)

...e a partir daí a doente todos os dias estava prontinha para se levantar, era uma outra pessoa e conseguiu dar a volta. (7)